Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a agricultura

Área Temática: Agro-Bioenergia

Período de Análise: novembro de 2010.

Mídias analisadas:
Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico Biodiesel Br
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural
Agroanalysis
Carta Capital
Biodiesel Br

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL 6
Etanol 6
Concorrente do etanol será produzido no Brasil em 2013 – Biodiesel Br – 04/11/2010 6
Crescente demanda por biodiesel está afetando o mercado da soja, diz relatório – Biodiesel Br – 10/11/2010 7
Aposta em ônibus sustentáveis – Biodiesel Br – 10/11/2010 8
Resultado completo do 20º leilão de biodiesel [atualizado]- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 24/11/2010 9
Biocombustíveis fazem mais mal ao clima que fósseis, diz estudo – Sítio Eletrônico da CPT – 09/11/2010 17
O homem de aço da cana – Ibiapaba Netto – Isto É dinheiro Rural – novembro de 2010 18
Gruposestrangeirosterão40%da produçãobrasileiradeetanolaté2015 – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Negócios – 04/11/2010 22
Copersucar prevê crescer 21% em 2011 - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 11/11/2010 23
Controle biológico diferencia cana do Brasil - Bettina Barros - Valor Econômico – Agronegócios – 16/11/2010 25
Controle biológico diferencia cana do Brasil - Bettina Barros - Valor Econômico – Agronegócios – 16/11/2010 27
Biodiesel 29
ADM vê "grande oportunidade" para o biodiesel no Brasil- Sítio Eletrônico do Biodiesel Br – 03/11/2010 29
ADM vai construir sua segunda usina de biodiesel – sítio eletrônico Biodiesel Br – 03/11/2010 31
Usina no Mato Grosso vai ampliar e instalar esmagadora em 2011- Sítio Eletrônico Biodiesel Br – 05/11/2010 31
Pesquisa aponta impacto ambiental do biodiesel na água e no solo – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 05/11/2010 31
Selo social: Usinas serão notificadas semana que vem – sítio eletrônico Biodiesel Br – 10/11/2010 34
Agrenco ganha prazo para equacionar dívidas- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 11/11/2010 35
Nova usina da Caramuru recebe o selo social- Sitio eletrônico Biodiesel Br – 12/11/2010 36
Usinas analisam 20º leilão de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 22/11/2010 36
Ubrabio defende 7% de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 22/11/2010 37
Projeto que proibia o uso de metanol é arquivado- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 23/11/2010 38
Bio Petro recebe autorização para ampliação- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 24/11/2010 39
Falha tentativa de formar sindicato nacional do biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel BR – 26/11/2010 39
Brasil Ecodiesel mais perto da Maeda- Sítio Eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010 39

Multinacionais investem em usinas de biodiesel no Brasil – Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Negócios – 04/11/2010 40
Selo social: Usinas serão notificadas semana que vem – Biodiesel Br – 10/11/2010 41
Microalga de esgoto pode virar biodiesel – Sabine Righetti – Folha de São Paulo – Ciência – 07/11/2010 42
Biodiesel: MDA discute instrução normativa – Sítio eletrônico do INCRA – 12/11/2010 43
POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS 44
Etanol 44
Concorrente do etanol será produzido no Brasil em 2013- Sítio eletrônico do Biodiesel Br – 04/11/2010 44
Usinas questionam critérios da ANP para definição do preço do leilão- Sítio eletrônico da Biodiesel Br – 01/11/2010 45
O etanol vai entrar pelo cano – Eduardo Savanachi – Isto é Dinheiro rural – novembro de 2010 46
Bovespa quer se tornar referência de preço do etanol – Jamil Chade - Estado de São Paulo – Economia – 05/11/2010 51
Brasil vê 1º carro movido a etanol e eletricidade – Cleide Silva – Estado de São Paulo – Negócios – 05/11/2010 52
Renda maior permitirá que o setor de cana renove canaviais no próximo ano – Folha de São Paulo – Mercado – 06/11/2010 53
Venda de máquinas dispara no interior de SP – Chico Siqueira - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – Capa – 07/11/2010 54
Energia – mitos que custam caro – Washington Novaes – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 19/11/2010 55
Teor de biodiesel é quase metade de irregularidades no diesel – Biodiesel Br – 19/11/2010 56
CO2 ainda em alta – Biodiesel Br – 22/11/2010 57
'Estamos muito abaixo do nosso potencial' – Estado de São Paulo – Vida – 28/11/2010 58
Integração energética e mudança do clima – Carolina Lembo e Nestor Gonzalez Luna – Folha de São Paulo – Opinião – 22/11/2010 58
Lula apresenta ações de incentivo ao setor sucroenergético entre 2003 e 2010 – Sítio Eletrônico do MAPA – 22/11/2010 59
Brasil discute produção de etanol na Organização Internacional do Açúcar – Sítio Eletrônico do MAPA – 29/11/2010 60
Graça Foster deve ganhar mais poder em governo Dilma - Cláudia Schüffner – Valor Econômico – Política – 05/11/2010 61
Energia brasileira é uma das mais caras do mundo, afirma presidente da Alcoa - Daniela Chiaretti – Valor Econômico – Brasil – 09/11/2010 63
O desenvolvimento dito sustentável – Carlos Lessa – Valor Econômico – Opinião – 10/11/2010 64
Consumo de etanol recua 11% no Brasil em outubro - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 10/11/2010 66
Biodiesel 67
Selo social: preço do último leilão gera preocupação do MDA com usinas menores – Sítio eletrônico do Biodiesel Br – 01/11/2010 68
A agricultura familiar e o programa nacional de biodiesel - Biodiesel Br – 04/11/2010 69

A agricultura familiar e o programa nacional de biodiesel – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 04/11/2010 70
ANP autoriza construção da quarta maior usina de biodiesel do Brasil – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 05/11/2010 72
Dados preliminares indicam recorde de produção de biodiesel em setembro- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 04/11/2010 72
Relatório diz que biocombustíveis são piores que combustíveis fósseis – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 08/11/2010 73
Produtores de mamona têm oportunidade de conhecer novos cultivos - Sítio eletrônico Biodiesel Br – 08/11/2010 74
ANP deve renunciar a leilões de biodiesel após definição do marco legal – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 11/11/2010 74
MDA faz seleção de projeto para atender agricultores familiares com biodiesel sítio eletrônico Biodiesel Br – 11/11/2010 75
Usinas boicotam leilão de estoque de biodiesel – Biodiesel Br – 12/11/2010 . 76
MDA discute instrução normativa do Selo Combustível Social – Biodiesel Br – 12/11/2010 76
MDA discute instrução normativa do Selo Combustível Social – Biodiesel Br – 12/11/2010 77
Primeiro lote do leilão fecha com poucas ofertas- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 17/11/2010 78
Esalq e Embrapa discutem o programa nacional de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 17/11/2010 78
Governo divulga estudo sobre áreas aptas para plantio de palma de oleo – Biodiesel Br – 19/11/2010 79
Distribuidoras temem que Dilma aumente a mistura de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 22/11/2010 80
Falha tentativa de formar sindicato nacional do biodiesel – Biodiesel Br – 26/11/2010 81
SAF/MDA divulga resultado de seleção de projeto para cadeia do biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 29/11/2010 81
Plano decenal: Uso de biodiesel além do obrigatório não deve acontecer- Sítio Eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010 82
Certificação pode ser diferencial para a palma brasileira- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010 84
Governo divulga estudo sobre áreas aptas para plantio de palma de oleo – Sítio Eletrônico do MAPA – 18/11/2010 85
Biodiesel: MDA discute instrução normativa – Sítio Eletrônico do MDA - 12/11/2010 85
MDA discute instrução normativa do Selo Combustível Social – Biodiesel Br – 12/11/2010 86
Primeiro lote do leilão fecha com poucas ofertas- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 17/11/2010 87
Esalq e Embrapa discutem o programa nacional de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 17/11/2010 88
Governo divulga estudo sobre áreas aptas para plantio de palma de oleo – Biodiesel Br – 19/11/2010 89
Distribuidoras temem que Dilma aumente a mistura de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 22/11/2010 89

Falha tentativa de formar sindicato nacional do biodiesel – Biodiesel Br – 26/11/2010 90
SAF/MDA divulga resultado de seleção de projeto para cadeia do biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 29/11/2010 91
Plano decenal: Uso de biodiesel além do obrigatório não deve acontecer- Sítio Eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010 92
Certificação pode ser diferencial para a palma brasileira- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010 94
Governo divulga estudo sobre áreas aptas para plantio de palma de oleo – Sítio Eletrônico do MAPA – 18/11/2010 95
Biodiesel: MDA discute instrução normativa – Sítio Eletrônico do MDA - 12/11/2010 95
RELAÇÕES INTERNACIONAIS 97
Etanol 97
Projeto Biomas será lançado mundialmente durante COP 16 – Sítio Eletrônico da CNA – 29/11/2010 97
EUAe China se confrontam na área de energia - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Economia – 22/11/2010 97
Etanol levará vantagem com mudança nosEUA - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Internacional – 07/11/2010 99
Comdólaremqueda, EUAexportam etanol - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Economia – 16/11/2010 100
Etanol pode perder subsídio e proteção tarifária - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Nacional – 16/11/2010 102
Futuro do setor de bioenergia requer tecnologia e inovação - JOSÉ CARLOS GRUBISICH – Folha de São Paulo – Mercado – 05/11/2010 103

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Etanol

Concorrente do etanol será produzido no Brasil em 2013 – Biodiesel Br – 04/11/2010

Um novo tipo de biocombustível feito a partir de cana-de-açúcar, o biobutanol, deve começar a ser produzido pelas usinas brasileiras a partir de 2013 ou 2014. A patente do produto, que vai disputar mercado com o o etanol, está sendo desenvolvida globalmente há sete anos pela companhia britânica Butamax, uma associação entre a British Petroleum (BP) e a americana DuPont .

A empresa inaugurou em Paulínia (SP), em uma unidade da Dupont, um laboratório para adaptar a produção do novo biocombustível às condições brasileiras, incluindo a sua exposição à microbiologia local e às variedades de cana existentes no País.

"Estamos em negociações com algumas usinas no Brasil", afirmou o presidente da Butamax, Tim Potter, em Paulínia, sem revelar os nomes das empresas com as quais a companhia está em conversações. Segundo ele, há um grande interesse pelo biobutanol pelas usinas brasileiras, que passarão a contar com mais uma alternativa de produção.

O novo biocombustível produzido no Brasil deve ser exportado aos Estados Unidos, para ser misturado à gasolina, e não deve ser comercializado no mercado interno brasileiro. A Butamax estima que o Brasil poderá exportar 7,6 bilhões de litros de biobutanol entre 2013 e 2020.

Uma das preocupações da Butamax é mostrar que o biobutanol não será uma ameaça ao etanol. Os dois combustíveis, porém, passarão a concorrer pela mesma matéria-prima e pelo mesmo mercado. "O biobutanol não é um concorrente do etanol, mas complementar (a ele)", afirmou o presidente da DuPont no Brasil, Ricardo Vellutini.

Vantagem sobre etanol
Segundo explicou Potter ao iG, o biobutanol é , quimicamente, mais parecido com a gasolina do que o etanol, e isso o torna mais estável quando utilizado pelos veículos. O novo biocombustível é menos hidrofílico, possui menos afinidade com a água, assim como a gasolina. Segundo Potter, não há a necessidade de converter ou adpatar os carros convencionais, diferentemente dos carros "flex": o biobutanol é o que os americanos chamam de "drop-in fuel", ou seja, um combustível que pode ser utilizado com a mesma infraestrutura existente para a gasolina.

A composição química do biobutanol também permite elevar o teor de mistura com

combustíveis fósseis, percentual que pode chegar a 24%. Com a adição de biocombustíveis à gasolina, os EUA deverão reduzir em 20% as importações de petróleo.

A Butamax não revela o valor que está sendo investido no desenvolvido do biobutanol. “É muito dinheiro, mas, infelizmente, como estamos ainda em fase de pesquisa, esse valor não pode ser revelado neste momento”, diz Potter. Cerca de 150 pesquisadores, entre eles biólogos, trabalham atualmente no desenvolvimento do biocombustível no mundo.

Além do Brasil, a Butamax possui outros três laboratórios para o desenvolvimento do biobutanol. Um deles fica nos EUA, onde o biocombustível está sendo desenvolvido a partir do milho. No mercado americano, a produção comercial do biobutanol deve ser iniciada ainda em 2012 ou 2013. Os outros laboratórios da empresa estão localizados no Reino Unido e Índia.

Laboratório da Butamax em Paulínia
A peça-chave na patente do biobutanol é uma levedura geneticamente modificada desenvolvida pela Butamax. E sua fórmula é guardada com sigilo pela companhia, que vai receber royalties pela tecnologia. A levedura é responsável pelo processo de fermentação e a matéria-prima agrícola a partir da qual o biocombustível é produzido torna-se indiferente, seja ela milho ou cana-de-açúcar.

O laboratório de Paulínia está a cargo de dois biológos brasileiros, mas receberá uma população flutuante de outros cinco ou seis pesquisadores, entre eles indianos, americanos e chineses.

"Estamos em contanste contato com os pesquisadores de outros laboratórios, sobretudo na Índia, o que é bem difícil às vezes por causa do fuso horário", afirma o biólogo responsável por Paulínia.

Claudia Facchini, enviada especial a Paulínia

Crescente demanda por biodiesel está afetando o mercado da soja, diz relatório – Biodiesel Br – 10/11/2010

O uso de óleo de soja na produção de biodiesel está deixando um déficit do produto no mercado internacional. Essa diferença entre a disponibilidade de óleo e a demanda está tendo como conseqüência o aumento nas exportações de óleo de palma. A conclusão é de um relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Os dados do governo americano mostram que depois do pico de produção registrado no setor na safra 2006/2007, a disponibilidade de soja no mercado internacional caiu.

O aumento da produção de biodiesel no Brasil e na Argentina – que são, respectivamente, o segundo e o terceiro maiores produtores mundiais de soja - seria a principal causa dessa mudança no mercado. Segundo o relatório, quatro bilhões de toneladas de óleo de soja deixaram de ser exportados desde 2007.

Parte do déficit do mercado de soja teria sido compensado pelo aumento das exportações nos Estados Unidos. No entanto, o aumento da demanda por óleo vegetal patrocinado principalmente pela China pressionou o aumento dos preços desses produtos no mercado internacional.

A exportação de grãos de soja produzidos nos Estados Unidos chegou a um recorde de 42,7 milhões de toneladas e continuam aumentando. Já as exportações da Argentina subiram para 13 milhões de toneladas. Enquanto isso as importações de soja na União Européia chegaram a 13,5 milhões de toneladas e a China importou cerca de 57 milhões de toneladas, a maior parte dos Estados Unidos. O mercado chinês também absorveu um aumento de 0,7 para 6,3 milhões de toneladas de óleo de palma. A demanda por esse produto também cresceu na Índia, que importou 7,6 milhões de toneladas do óleo.

"Um crescimento adicional na produção de biodiesel é esperado uma vez que haverá aumento no consumo estimulado por leis locais. No entanto, esse crescimento deve se seguir o aumento na produção de soja, o que irá permitir que as exportações se estabilizem em sete milhões de toneladas", conclui o relatório.

Aposta em ônibus sustentáveis – Biodiesel Br – 10/11/2010

O desenvolvimento sustentável e ônibus adaptados ao uso de combustíveis alternativos são as principais apostas do grupo Mercedes-Benz para a 8ª Feira Rio Transportes (Fetrans-Rio), que começa hoje na Marina da Glória, no Rio. A empresa vai apresentar a evolução dos testes com combustíveis alternativos, como o diesel de cana, a experiência dos veículos híbridos e os benefícios da implantação do sistema de BRT (Bus Rapid Transport) na melhoria do transporte urbano.

"Os veículos que utilizam o diesel proveniente da cana-de-açúcar têm o mesmo rendimento daqueles movidos a diesel convencional", informou o vice-presidente de produção de ônibus da América Latina, Ricardo Silva. Segundo o executivo, o veículo funciona como um modelo flex já existente no mercado, só que as opções de combustível são o diesel e o diesel de cana, e o custo de fabricação do ônibus não aumenta. Por isso, os modelos são competitivos. No entanto é prática da empresa testar os novos modelos para analisar o desempenho dos veículos e a aceitação do mercado.

Em São Paulo, esses modelos já circulam na frota da empresa, na Petrobras Distribuidora e na Viação Santa Brígida. No Rio, executivo espera convencer a Fetranspor e o governo local a iniciar os testes também no estado. A Mercedes-Benz é

a primeira indústria a realizar testes com esse combustível no País.

A companhia vai apresentar, durante a feira, o automóvel S 400 Hybrid, primeiro sedan de alto luxo com motor híbrido à venda no Brasil. Silva explicou que, ao contrário do sistema flex para utilização de diesel de cana, o custo de produção do veículo híbrido é até duas vezes maior que o convencional. "Existem mais modelos de carros híbridos circulando na Europa e nos Estados Unidos porque o custo dos combustíveis alternativos nesses lugares é maior", disse. Segundo o executivo, no Brasil não há demanda para pagar mais por um carro, e é mais interessante e competitivo pensar em energia alternativa no País.

No evento, que vai até sexta-feira, a Mercedes-Benz vai apresentar também o modelo top de linha da empresa lançado esse ano especialmente para trajetos de longas distâncias e para o turismo de luxo. O 500 RSDD 8x2 já foi apresentado em São Paulo, mas é a primeira vez que será exibido no Rio. A principal novidade é a capacidade de instalar dupla cabine, com dois andares de passageiros. No mesmo local, a companhia vai exibir um ônibus rodoviário da Viação Cometa, em comemoração aos 400 mil ônibus vendidos no Brasil.

Este ano a Mercedes-Benz foi a maior produtora de ônibus do País, e a empresa trabalha perto de sua capacidade instalada. Dos 400 mil veículos que circulam no Brasil, 300 mil são da companhia, uma abrangência de 67%. De janeiro a outubro deste ano, as vendas foram 40% maiores em comparação a igual período de 2009, e o número absoluto subiu de 9.839 para 13.757. "Regras claras e economia estabilizada são positivas porque os investimentos são feitos com precisão", disse Silva, justificando o desempenho. A empresa destinou R$ 1,2 bilhão para investimentos na ampliação da produção da unidade de São Bernardo do Campo (SP), e para o imcio da produção de caminhões, prevista para o ano que vem, em Juiz de Fora (MG), no período enüre 2009 e 2011.

Resultado completo do 20º leilão de biodiesel [atualizado]- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 24/11/2010

As negociações do 20º Leilão de biodiesel da ANP foram encerradas na quinta-feira, mas muitas mudanças aconteceram na semana seguinte durante a fase de aceitação e habilitação.

Fase conturbada

Encerrada as negociações dos itens o certame entrou na fase de aceitação e habilitação. Este período foi marcado por muitas mudanças e correções por parte da ANP. O primeiro problema identificado foi com o CNPJ da Oleoplan, que divergia do cadastrado na agência e na Receita Federal. Essa situação ocasionou dois dias de pausa no certame. A BiodieselBR identificou que o problema semelhante ao do CNPJ da Oleoplan já vem ocorrendo desde o leilão 17 com diversas empresas. A Agência foi procurada para comentar mas ainda não se pronunciou.

Na terça-feira com a retomada dos trabalhos a ANP optou por não punir a Oleoplan alegando "atuar em favor da ampliação da disputa". Em seguida foram inabilitados os itens arrematados pela Innovatti e pela SPBio, pois no entendimento do pregoeiro elas deram lances acima da capacidade permitida de venda. No entanto no mesmo dia o pregoeiro mudou o entendimento e devolveu os itens à Innovatti. Nesta quarta-feira foi a vez da SPBio reaver os itens.

Resultado

O certame comercializou 600 milhões de litros destinados a abastecer o país no primeiro trimestre de 2011 com a mistura obrigatória de 5% no diesel. A negociação movimentou R$ 1,38 bilhão. O valor foi cerca de R$ 300 milhões acima do leilão anterior, mesmo tendo comercializado 15 milhões de litros a menos. A alta do preço do óleo de soja e a pouca disposição das usinas em reduzir o preço contribuíram para esse volume financeiro extra.

Com a ampliação das unidades produtivas e a entrada de novas usinas no mercado, a oferta disponível neste leilão foi recorde. Apesar disso, houve pouca disputa pelos lotes. O deságio médio em relação ao preço máximo fixado pela agência foi de 1%, patamar similar ao dos leilões presenciais. O preço médio registrado foi de R$ 2,2967 o litro, 55 centavos acima do preço médio do 19º leilão, realizado em setembro.

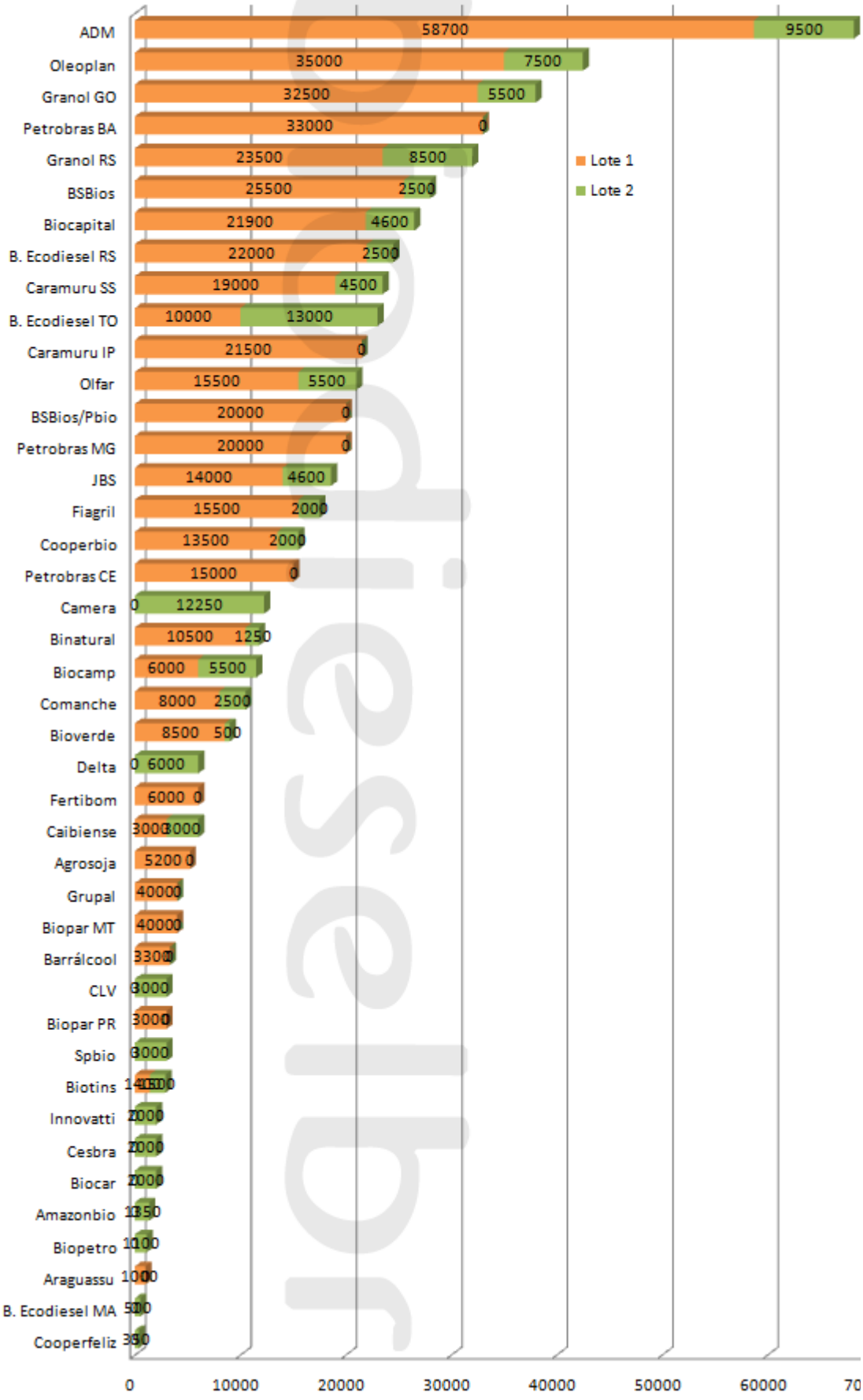
Nesse leilão a surpresa foi a cautela que levou as usinas a apresentarem poucas ofertas. No final da tarde do primeiro dia de pregão o primeiro lote encerrou com um deságio de 0,42%. Nesse lote foram comercializados 480 milhões de litros (80% de todo volume arrematado).

O segundo lote, onde participaram empresas com e sem o selo social, começou a ser negociado ainda no final da tarde de quarta-feira (17). Com mais usinas na disputa, esta segunda etapa registrou um deságio maior, de 3,32%, e onde o preço mais baixo foi ofertado: R$ 2,05 o litro.

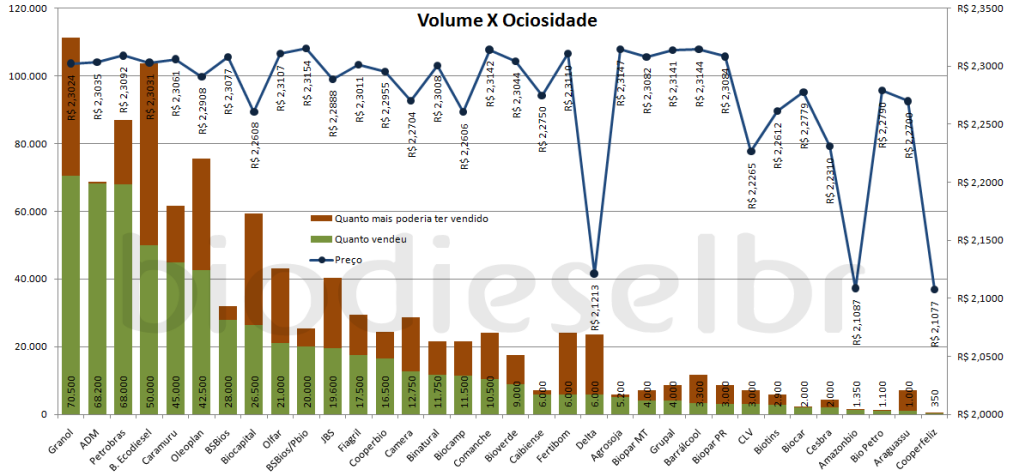
Ao todo, 37 empresas conseguiram vender sua produção nesse leilão. As três maiores vendedoras do pregão arrematataram volumes muito próximos: a Granol vendeu 70 milhões de litros, a ADM 68,2 milhões de litros e a Petrobras Biocombustível 68 milhões de litros.

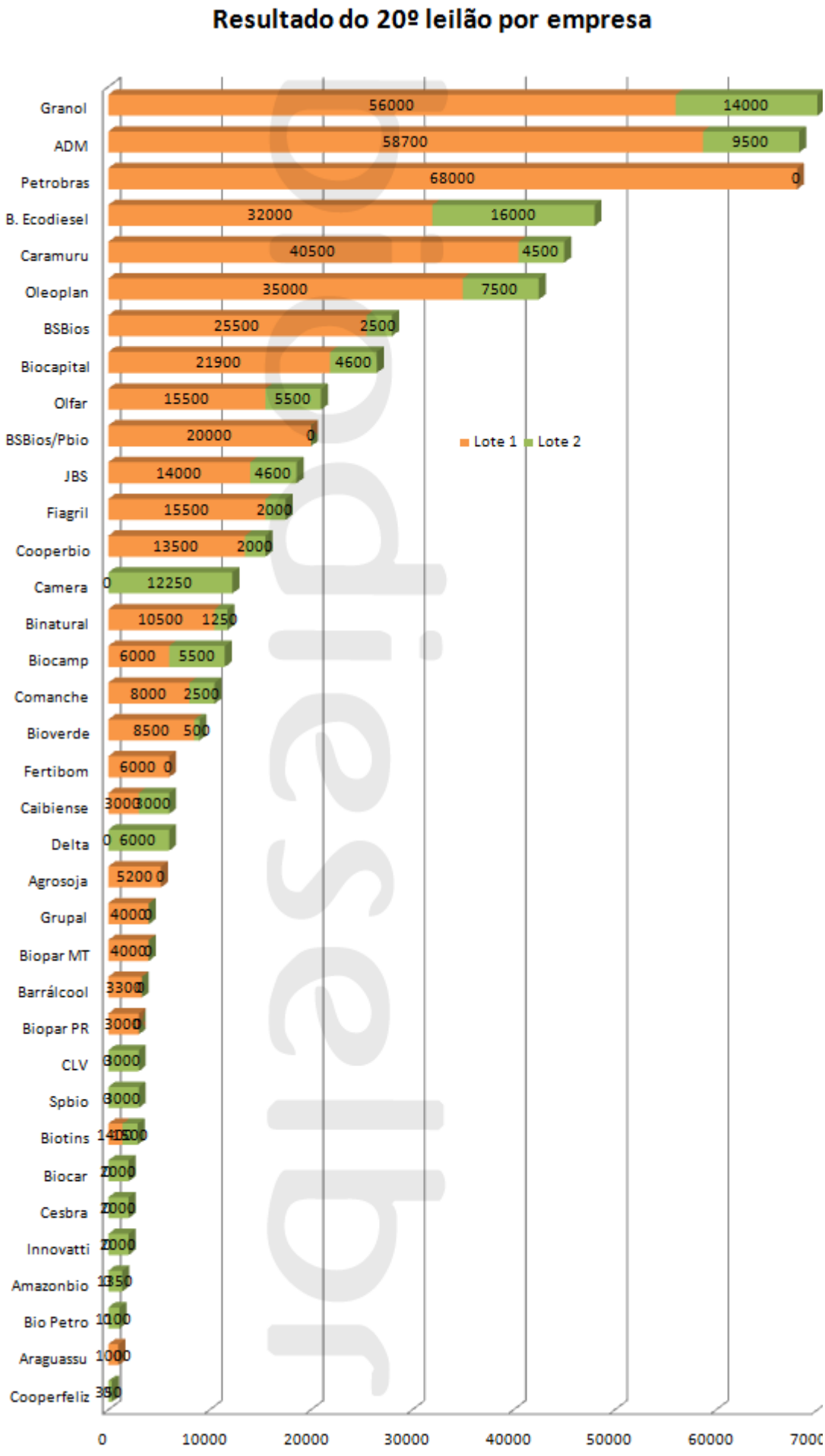
Atualização 24/11 - 18h10m: **Importante:** O leilão ainda está em fase de habilitação e em seguida será aberta a fase de recursos. A última etapa deste certame é a homologação, que deve ocorrer apenas em dezembro.

Resultado do 20º leilão por usina

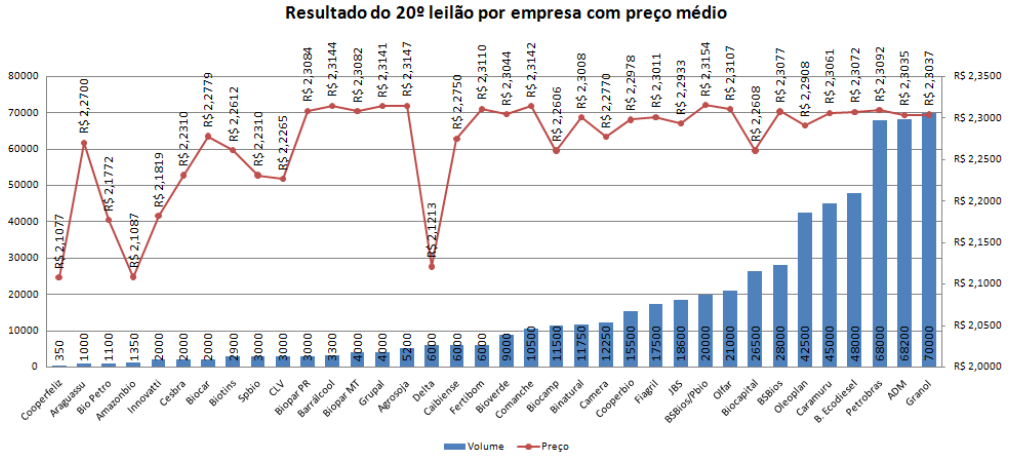


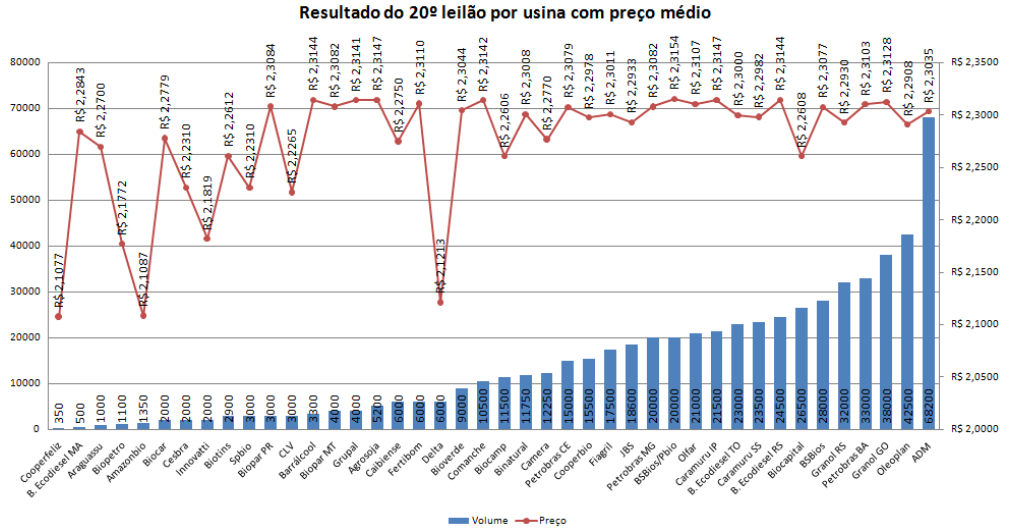
Clique na imagem para ampliar:



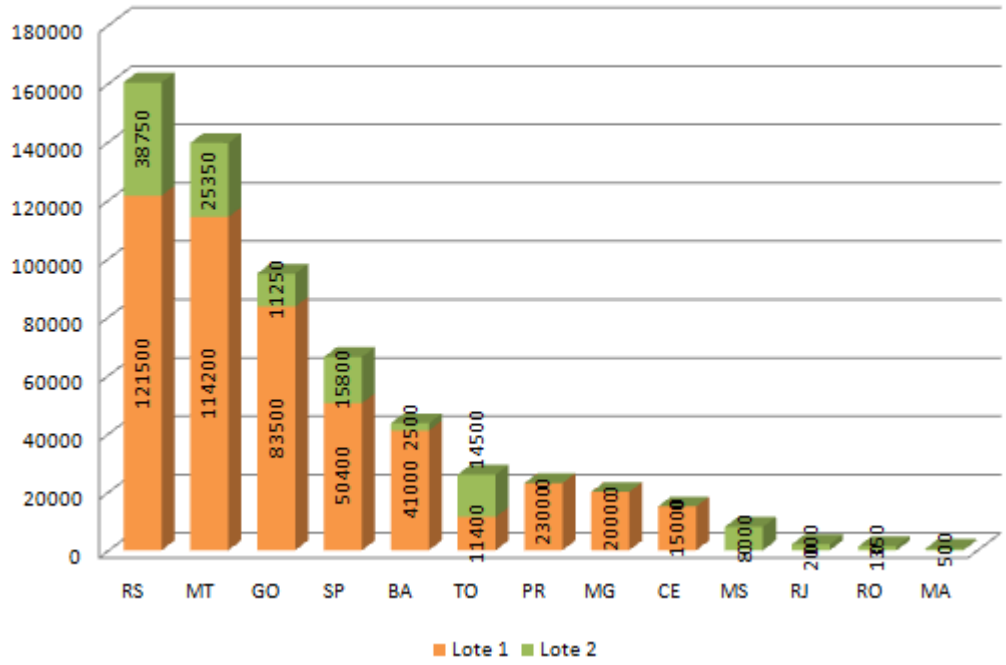

Resultado do 20º leilão por empresa
Granol 56000 14000
ADM 58700 9500
Petrobras 68000 0
B. Ecodiesel 32000 16000
Caramuru 40500 4500
Oleoplan 35000 7500
BSBios 25500 2500
Biocapital 21900 4600
Olfar 15500 5500
BSBios/Pbio 20000 0
JBS 14000 4600
Fiagril 15500 2000
Cooperbio 13500 2000
Camera 0 12250
Binatural 10500 1250
Biocamp 6000 5500
Comanche 8000 2500
Bioverde 8500 500
Fertibom 6000 0
Caibiense 3000 3000
Delta 0 6000
Agrosoja 5200 0
Grupal 4000 0
Biopar MT 4000 0
Barrálcool 3300 0
Biopar PR 3000 0
CLV 3000
Spbio 3000
Biotins 1400 1500
Biocar 2000
Cesbra 2000
Innovatti 2000
Amazonbio 1350
Bio Petro 1000
Araguassu 1000
Cooperfeliz 350
Lote 1
Lote 2
0
10000
20000
30000
40000
50000
60000
7000

Clique na imagem para ampliar:

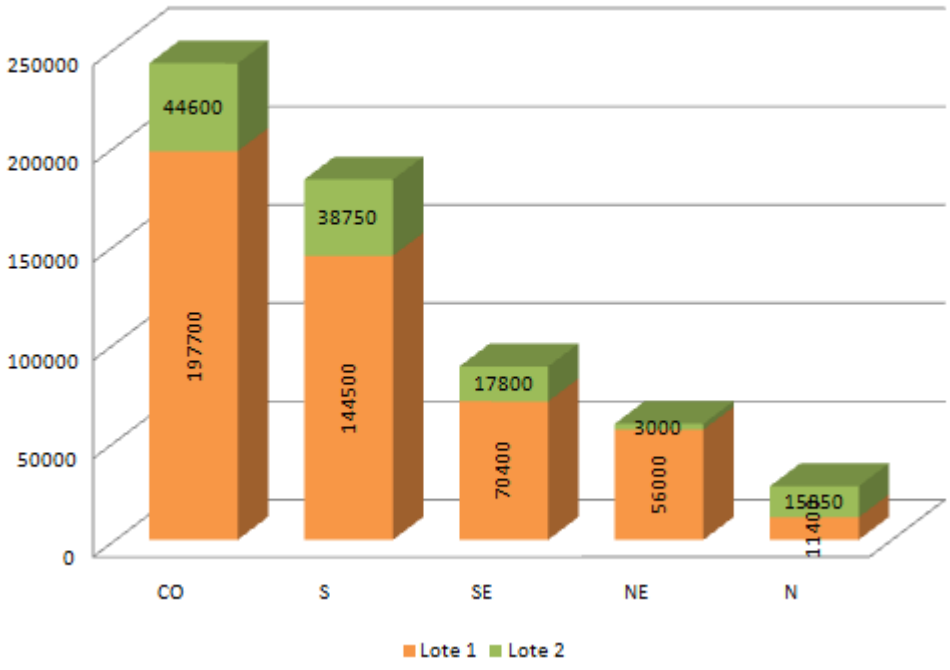


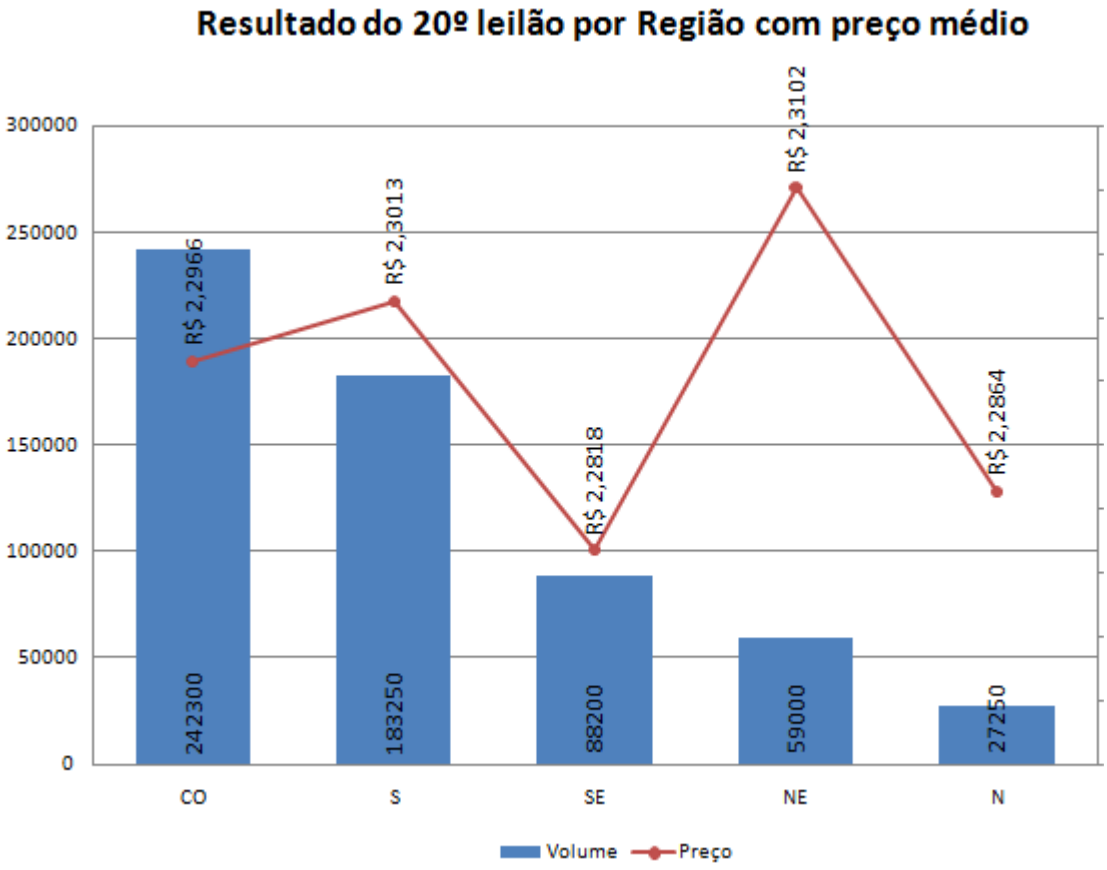


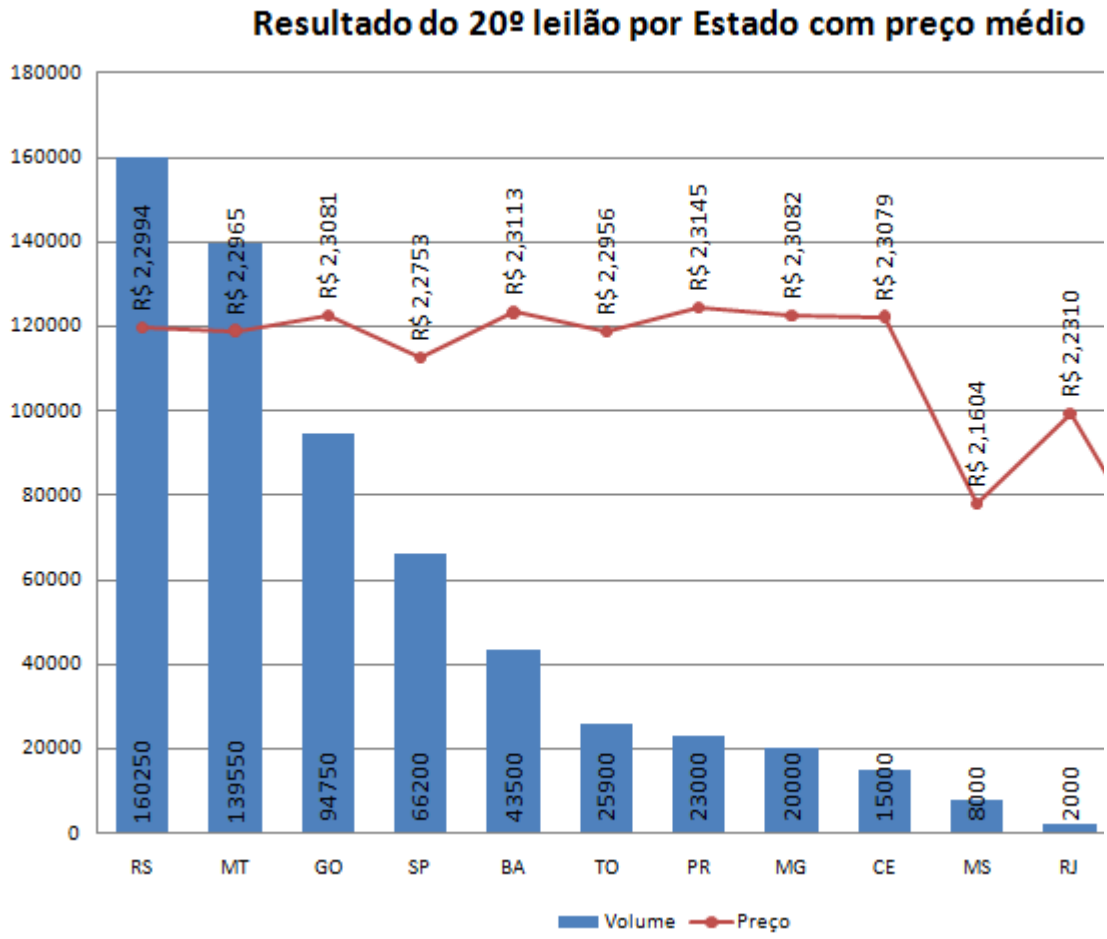
Resultado do 20º leilão por Estado



Resultado do 20º leilão por Região




Resultado do 20º leilão por Região com preço médio
300000
250000
200000
150000
100000
50000
0
R$ 2,2966
R$ 2,3013
R$ 2,2818
R$ 2,3102
R$ 2,2864
242300
183250
88200
59000
27250
CO
S
SE
NE
N
Volume
Preço



Biocombustíveis fazem mais mal ao clima que fósseis, diz estudo – Sítio Eletrônico da CPT – 09/11/2010

Estudo mostrou que o biocombustível adicional a ser usado na Europa ao longo da próxima década irá gerar entre 81 e 167 por cento a mais de dióxido de carbono do que os combustíveis fósseis.
Os planos europeus de promoção dos biocombustíveis levarão os agricultores a converterem 69 mil quilômetros quadrados de vegetação nativa em lavouras, reduzindo a oferta de alimentos aos pobres e acelerando a mudança climática, segundo um relatório divulgado por ambientalistas na segunda-feira.
De acordo com esse estudo, o biocombustível adicional a ser usado na Europa ao longo da próxima década irá gerar entre 81 e 167 por cento a mais de dióxido de carbono do que os combustíveis fósseis.
Nove entidades ambientais chegaram a essa conclusão depois de analisarem dados oficiais relativos à meta da União Europeia de que até 2020 os combustíveis renováveis representem 10 por cento do total usado em transportes no bloco.
A equipe energética da Comissão Europeia, que formulou tal meta, argumentou que o impacto não será tão grande, porque os biocombustíveis serão extraídos principalmente de plantações em terras agrícolas atualmente abandonadas na Europa e na Ásia.

Novas estimativas científicas lançadas neste ano colocam em dúvida a sustentabilidade da meta dos 10 por cento, mas autoridades energéticas da UE afirmam que apenas dois terços da meta será alcançada pelos biocombustíveis, e que veículos elétricos, alimentados por fontes renováveis, oferecerão um equilíbrio.
No entanto, estratégias nacionais de energias renováveis publicadas até agora por 23 dos 27 países da UE mostram que até 2020 9,5 por cento dos combustíveis usados nos transportes devem ser biocombustíveis, e que 90 por cento disso virá de cultivos alimentares, segundo o relatório.
O debate gira em torno de um novo conceito, conhecido como "mudança indireta do uso fundiário."
Basicamente, isso significa que transformar uma lavoura de grãos em cultivo de matéria-prima para biocombustíveis fará alguém, em algum lugar, passar fome, caso essas toneladas de grãos a menos não passarem a ser cultivadas em outro lugar.
Os fundamentos econômicos sugerem que esse déficit alimentar seria suprido com a ampliação da fronteira agrícola para áreas tropicais, o que implicaria a destruição de florestas -um processo que pode gerar enormes emissões de gases do efeito estufa, pela queima ou apodrecimento das árvores, revertendo eventuais benefícios que os biocombustíveis deveriam trazer.
O relatório diz que a estratégia da UE para os biocombustíveis poderia gerar 27 a 56 milhões de toneladas adicionais de gases do efeito estufa por ano. No pior cenário, isso seria equivalente a colocar 26 milhões de carros nas estradas europeias, diz o estudo.

Produtores tradicionais de biocombustíveis argumentam que a UE não deveria alterar suas políticas de promoção dos biocombustíveis levando em conta as novas estimativas científicas, porque estas ainda são incertas.
"Qualquer política pública baseada em resultados tão altamente contestáveis seria facilmente desafiada na Organização Mundial do Comércio," disse o representante da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Emmanuel Desplechin.

O homem de aço da cana – Ibiapaba Netto – Isto É dinheiro Rural – novembro de 2010

Como o executivo Sylvio Nóbrega Coutinho, ex-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), conseguiu resgatar um dos últimos legados rurais de Olacyr de Moraes, ex-rei da soja

IBIAPABA NETTO

Havia 32 dias que o ano de 2009 se encerrara, enquanto os tratores colhiam os últimos talhões de cana da Fazenda Itamarati, localizada a 200 quilômetros de Cuiabá, capital do Mato Grosso. Era o primeiro dia de fevereiro, e o executivo Sylvio Nóbrega Coutinho fazia as contas do ano. Naquela safra, que atrasara por causa das

chuvas, os rendimentos não seriam nada modestos: 5,7 milhões de toneladas de cana, 282 mil metros cúbicos de etanol produzidos, 4,6 milhões de sacas de açúcar e a certeza de que as contas seriam pagas com folga. Nem bem os tratores encostaram para a manutenção, e a nova safra já tornou a ser colhida em 1º de abril, o dia internacional da mentira. Mas o que realmente parece ficção é o fato de que essa mesma usina, que colhe resultados exuberantes, esteve, seis anos atrás, com 2.756 títulos protestados e à beira da falência. A Usina Itamarati é um dos últimos legados rurais do empresário Olacyr de Moraes, ex-rei da soja, que se tornou notório após construir ferrovias para escoar a sua própria produção de grãos. Construída em 1980, em meio à febre do Proálcool, fez sua primeira colheita em 1983. Dez anos depois inaugurou seu projeto de açúcar, mas seguidas crises no setor impuseram tempos difíceis até que, em 2004, Coutinho chegou para organizar a casa. Com a carreira forjada no aço da metalurgia, ele chegou ao topo da vida executiva quando se tornou presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, do empresário Benjamin Steinbruch. "Lá aprendi que os controles são importantes e que a gestão faz toda a diferença, principalmente em tempos difíceis", revela à DINHEIRO RURAL. Se pudesse empilhar todos os títulos que tinha para pagar, poderia fazer uma pilha com mais de dois metros de altura. "Era uma situação realmente muito grave", diz.

Como o executivo Sylvio Nóbrega Coutinho, ex-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), conseguiu resgatar um dos últimos legados rurais de Olacyr de Moraes, ex-rei da soja

IBIAPABA NETTO





Irrigação: à esquerda, a vinhaça é jogada no campo como fertilizante, enquanto as mudas de cana são regadas em viveiros



Seleção: laboratório da usina analisa sementes em busca de produtividade

A cartilha seguida por Coutinho é a que consta nos bons manuais de administração. Negociou com credores, favoreceu a produção de caixa e estabeleceu novas rotinas empresariais. E ainda por cima teve de lidar com um complicado desastre ambiental, quando dutos da usina se romperam deixando vazar vinhaça em rios da região. "Investimos R$ 17 milhões num projeto de reaproveitamento desse produto, que agora virou fertilizante", comenta. Segundo o ex-presidente da União da Indústria da Cana de Açúcar (Unica), Eduardo Pereira de Carvalho, a Itamarati foi uma das primeiras empresas do setor a partir para a profissionalização. "Depois muitas outras começaram a seguir esse caminho", revela. Característica marcante no setor sucroenergético, a centralização das decisões esteve entre os desafios enfrentados por Coutinho no início de seu trabalho. "Hoje, no início de cada safra, a administração e as gerências estabelecem as metas e tudo o que buscaremos", diz. Tudo é divulgado e discutido, envolvendo os profissionais de todas as áreas e níveis. "Há detalhes que são dominados por quem está na produção, e isso não pode ser ignorado", revela. Segundo ele, o maior desafio estratégico é tornar o processo mais competitivo, reduzindo custos sem deixar de investir em pessoas e tecnologia. A agregação de valor e o lançamento de outros produtos com marca própria também estão entre as estratégias. A empresa comercializa açúcar cristal, refinado e triturado para o atacado, varejo e indústria. Sua participação de mercado é de 30% nas regiões Centro-Oeste e Norte do País. A Usina Itamarati também produz e vende etanol combustível hidratado e anidro. Ela pode escoar até 2 milhões de litros por dia e tem capacidade de armazenar 165 milhões de litros. "Isso é fundamental para que você não se sinta obrigado a vender todo o produto quando os preços estão baixos", completa Coutinho. "Em épocas de preços baixos, damos prioridade à estocagem para vender em tempos mais favoráveis."

Como o executivo Sylvio Nóbrega Coutinho, ex-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), conseguiu resgatar um dos últimos legados rurais de Olacyr de Moraes, ex-rei da soja

IBIAPABA NETTO







Operações: cerca de 5% do colheita da cana é feita de forma manual num trabalho de inclusão social. Acima, usina com capacidade para moer seis milhões de toneladas

Assim como outras usinas, a Itamarati tem a geração de energia como parte de seu negócio. Com a queima do bagaço da cana, ela pode gerar 36 megawatts/hora de energia elétrica. Deste total, 20 MW são utilizados para o consumo interno e o excedente é comercializado para a Concessionária de Energia Elétrica do Estado do Mato Grosso (Cemat) ou para o mercado livre. "Esse modelo de diversificação é muito importante para empresas que necessitam ter um fluxo de caixa mais constante, além de explorar todas as possibilidades no negócio", avalia a consultora Maria Tereza Hosco, da Fundação Dom Cabral.
Especialista na área de sucessão e gestão empresarial, ela explica que as empresas rurais tendem a construir os mesmos níveis de controle conforme a profissionalização avança. "Esse é o nosso desafio, e vamos seguir em frente porque há muito o que conquistar", comemora Coutinho.
A usina também saiu na frente na questão mão de obra. Apenas 5% da colheita é feita de forma manual. "É uma maneira de não abandonar esses trabalhadores que dependem da safra", explica. Com capacidade de moer seis milhões de toneladas, a Itamarati é a maior das usinas do Mato Grosso. Pela frente, o desafio de continuar produzindo e preservando o meio ambiente. "Nossa usina já é o futuro", diz Coutinho.

Petrobras aposta no etanol

Após firmar parceria com a São Martinho, empresa avança no setor sucroenergético

Aos poucos, o ambicioso plano da Petrobras Bioenergia, de se tornar uma das maiores empresas de bioenergia do País, começa a tomar forma. Em fato relevante publicado na segundafeira 21, a empresa divulgou uma parceria com a São Martinho, empresa de capital aberto na Bolsa de Valores de São Paulo. O acerto visa o crescimento da produção de etanol na região Centro- Oeste e envolve as subsidiárias Usina Boa Vista e SMBJ Agroindustrial, do grupo sucroalcooleiro.
Para tanto, será constituída uma empresa, chamada Nova Fronteira Bioenergia, que controlará as subsidiárias da São Martinho e também indicará os gestores. À Petrobras

Bioenergia, presidida por Miguel Rossetto, caberá uma fatia de 49% desse empreendimento por meio de subscrição de R$ 420,8 milhões em ações. A estatal ainda vai deter o direito de preferência para adquirir até 49% da produção de etanol e energia elétrica da empresa constituída pela parceria.
O investimento a ser efetuado pela PBio através da integralização das ações ocorrerá em duas parcelas, sendo a primeira equivalente a R$ 257,6 milhões, a ser desembolsada em até 90 dias após a conclusão da análise jurídica da documentação das empresas ("due dilligence"), e a segunda equivalente a R$ 163,2 milhões, a ser desembolsada em até 12 meses da data de subscrição, segundo fato relevante publicado pela Petrobras. No ano passado, Rossetto tentou negociar os ativos da Brenco, sem sucesso. Esse até agora é o grande passo do ex-sem terra que se tornou barão do etanol.

Gruposestrangeirosterão40%da produçãobrasileiradeetanolaté2015 – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Negócios – 04/11/2010

Nosproximoscinco anos,40% da producao brasileira de etanol estara nas maos de estrangeiros.

Aprojecao foi apresentada ontem pela Uniao da Industria de Cana-de-Acucar (Unica) no Congresso Mundial do Etanol, que reune em Genebra as maiores industrias de biocombustiveis.

A projecao foi considerada por empresarios como o melhor espelho da revolucao silenciosa que sofre o setor no mundo.

Apos dois anos deumacrisesem precedentes, os produtores de etanol passam por uma profunda reestruturacao. A liderança de aquisicoes e fusoes, porem, naoestanasmaosdegruposagricolas, Massimdegrandesempresas petroleiras do mundo.

Ontem, Shell, BP, Petrobras e outras multinacionais do setor de energia anunciaram que se preparamparafazerinvestimentos substanciais nos próximos anos no setor de etanol. Para elas, o biocombustivel e a opção "maisrealista"paracomplementar o petroleo nos proximos 30 anos e, nessa estrategia, o Brasil e o principal alvo.

"Para as multinacionais de energia, o etanol e visto como umafontedeenergiamaisacessivel que o petroleo no Artico, as reservas nos paises daOpepoua gasolina da Venezuela", admitiu James Primrose, chefe de estratégia da BP Biocombustiveis.

"Estamos vendo a entrada das multinacionais do petroleo no etanoleissopromoveraumamudanca enorme no setor", disse Alexis Duval, diretor financeiro da francesa Tereos.

"Na pratica, estamos vendo o nascimento de um novo setor", disse Christoph Berg, gerenteda consultoria F.O. Licht. O Brasil, segundo consultores, multinacionais e usineiros, esta sendo o campode provas dessa transformacao.

Em cinco anos, cem usinas sesomaramas trezentas que ja existiam no Pais e os investimentos chegaram a US$ 20 bilhoes.

O resultado foi uma ampliação da participacao do capital internacional no setor considerado ate pouco tempo como carro-chefe da diplomacia comercial do presidente Lula.

“Em2007, apenas7%do setor do etanol do Brasil estava em maos estrangeiras. Nossa previsão para 2010 era de que essa taxa chegaria a 12%. Mas o que vimosfoiqueonumerohojejaede 22%”,disseorepresentante chefe da Unica para a Uniao Europeia, Emmanuel Desplechin.

Essa tendencia vai continuar e ate se aprofundar. “Nos próximos cinco anos, a projecao e de que40%do setor seja ja internacionalizado no Brasil”, destacou.

Segundoele,osinvestimentos desde 2005 permitiram uma expansao da producao do etanol de 70% no Pais.

Consolidação. Outra tendência que deve ser acelerada e a da consolidacaodosetor.Oprocesso ganhou velocidade nos últimos dois anos diante da crise e do fato de que muitos usineiros nao sobreviveram.Mas, hoje, os dez maiores grupos que atuam no Brasil controlam apenas 28% da producao.

APetrobrasjaprometeuinvestir US$ 3,5 bilhoes em etanol ate 2014, principalmente em aliancascomgruposestrangeiros. Segundo Marcelo Messeder, diretor da Petrobras Biocombustivel, ameta e a de ter uma expansaonaproducaode193% emquatro anos. Ja as exportacoes aumentariam 135% nesse periodo.

Um dos contratos fechados nesteanopela Petrobras foicom a Tereos. Ambas investirao US$ 2,4bilhoesate2013paratransformar a Guarani, controlada pela Tereos, em uma lider no setor.

Outra gigante que aposta no etanol no Brasil e a Shell, que investiu US$ 12 bilhoes em uma joint venture com a Cosan para criar a primeira multinacional do setor.Ementrevista ao Estado, Luis Scoffone, vice-presidente da Shell para energias alternativas, admitiu que a multinacional busca novas usinas paracomprar.

Segundoele,oinvestimento anunciado ate agora e apenas “uma parte da historia”.

“Nossas metas vao bem alem do Brasil”, afirmou.

Etanol nacional consegue ‘vitória’ nos Estados Unidos

A decisão dos californianos de rejeitaram nas urnas uma proposta que pretendia suspender a lei aprovada em 2006 pelo governador Arnold Schwarzenegger para conter a emissão de gases poluentes foi interpretada como mais uma vitória para o etanol brasileiro. Só nesse Estado americano, o consumo de combustível é maior que em todo o Brasil, segundo o representante da Unica, Joel Velasco.

Para atender às metas do programa de redução de emissões, a Califórnia terá de aumentar o consumo de etanol, o que pode abrir espaço para o Brasil. Além dessa decisão, a partir do dia 15 o Congresso americano começa a discutir se renova ou não a tarifa de importação do combustível e o subsídio dado ao etanol de milho. O espaço para a definição é curto. Serão apenas duas semanas antes de o Congresso entrar em recesso. / RENÉE PEREIRA

Copersucar prevê crescer 21% em 2011 - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 11/11/2010

Maior comercializadora de açúcar e etanol do país, a Copersucar prevê atingir marcas inéditas na próxima safra de cana, a 2011/12.

A primeira é que o volume de açúcar e álcool movimentado deverá bater novo recorde. Espera-se que os produtos venham de usinas (associadas e não-associadas) que somam capacidade de moagem de 138 milhões de toneladas de cana, 21% superior a da safra atual, que já está na reta final. A outra marca virá com a primeira operação de transporte ferroviário de açúcar em larga escala. A estimativa é de movimentar 1 milhão de toneladas da commodity por esse modal.

Paulo Roberto de Souza, presidenteexecutivo da Copersucar, explica que na temporada corrente, a 2010/11, ficou sob o guardachuva do grupo a venda de açúcar e álcool de unidades com capacidade para moer 114 milhões de toneladas de cana. No entanto, por causa da estiagem que resultou em quebra de safra em todo o CentroSul, o processamento efetivo dessas usinas ficou 7% abaixo do previsto e deve fechar o ciclo em 105 milhões de toneladas de cana, o equivalente a uma participação de 19% em toda a safra do Centro-Sul.

O crescimento em 2011, explica, considera uma relativa estabilidade entre as 39 usinas já associadas (pertencentes a 21 grupos), assim como das usinas das quais a Copersucar só origina produtos — ou seja, não sócias. "O aumento virá, sobretudo, da entrada de novas unidades associadas, que devem agregar em torno de 20 milhões de toneladas de capacidade de moagem de cana", diz Luís Roberto Pogetti, presidente do Conselho de Administração da Copersucar.

Por questões estratégicas, ele não revela o nome das usinas com as quais está em fase final de negociação.

Mas será com a ajuda delas que a empresa vai ampliar de 7 milhões para 8 milhões de toneladas o volume negociado de açúcar em 2011/12 e de 4,3 bilhões para 5 bilhões de litros o de etanol.

No próximo ano, a empresa continuará tocando seu programa de investimentos em logística, que demandará em cinco anos, contando 2010, aportes de R$ 1,5 bilhão, inclui um alcoolduto. O primeiro projeto a sair do papel é o do terminal de transbordo ferroviário de açúcar de São José do Rio Preto (SP), que começou funcionar neste fim de safra, mas que atingirá na próxima temporada volumes de 1 milhão de toneladas da commodity nos trilhos da América Latina Logística (ALL), sua parceira nessa operação. "Em dois anos, a capacidade será ampliada para 2 milhões de toneladas", afirma Pogetti.

A ferrovia levará o produto até o porto de Santos, onde a Copersucar tem um terminal para 5,5 milhões de toneladas por safra, e que está sendo ampliado para atingir 7,5 milhões de toneladas.

"O porto está acelerando obras de aumento da dragagem, o que vai dar condições para ampliarmos nossa capacidade", diz Pogetti.

Ainda, a empresa prevê aplicar recursos na construção de estação de transbordo de açúcar e álcool no interior, além de ampliação da capacidade de tancagem de etanol em alguns municípios-chave.

Apesar de sua expansão, a Copersucar não vê crescimento de moagem de cana na

safra 2011/12 no Centro-Sul. A empresa estima que no ano que vem o setor vai repetir as 560 milhões de toneladas deste ano.

O cenário deve restringir a oferta de açúcar, que já será tímida com o pequeno volume exportável previsto para a Índia — que já está com atraso na colheita em algumas regiões produtoras por causa das chuvas. "Não há produto para atender toda a demanda mundial", alerta Souza.

Por isso, ele calcula que contratos de 500 mil toneladas de açúcar bruto estão sendo postergados para entrega em 2011 com deságio médio de 500 pontos, o equivalente a US$ 100 por tonelada (açúcar bruto). Outras 500 mil toneladas, estima ele, foram "recompradas" da exportação para serem vendidas no mercado interno.

Controle biológico diferencia cana do Brasil - Bettina Barros - Valor Econômico – Agronegócios – 16/11/2010

Cerca de 60 bilhões de vespas produzidas por ano controlam a broca-da-cana em 36% da área plantada

De Barra Bonita (SP)

Conhecido por sua expertise no setor sucroalcooleiro, o Brasil lidera também o maior programa de controle biológico do mundo em canaviais. Praticamente toda usina de grande e médio portes do país é hoje autossuficiente na produção da cotésia — uma minúscula mas poderosa vespa, considerada o predador natural da broca-da-cana, a maior praga da lavoura.

De acordo com o Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), braço de pesquisa das usinas, há hoje no país cerca de 80 laboratórios, entre os próprios e os independentes, que produzem um exército de 60 bilhões de vespas liberadas anualmente nos canaviais, cobrindo uma área de 2,5 milhões de hectares, ou 36% da área total plantada com cana.

O controle biológico tem pelo menos duas vantagens: evita a contaminação do ambiente, já que dispensa a utilização de agrotóxicos, e reduz em quase três vezes os custosemrelação ao emprego de produtos químicos.

"Não existe um canto do Brasil que não tenha o problema da broca onde há cana-de-açúcar", diz Enrico Arrigoni, engenheiro agrônomo e fitopatologista do CTC. "E a cotésia (Cotésia flavipes) é o único inimigo natural da broca (Diatrea saccharilis)".

A produção em laboratório desses insetos começou na década de 70, quando a infestação ocorria, em média, em 11% dos canaviais. "Pode parecer pouco, mas esse

percentual representavaumprejuízo grande ao produtor", diz Arrigoni. "Para cada 10% de infestação, perde-se 8% na produção total de cana, 2,5% na de açúcar e 2% na de álcool".

Diante desse quadro, o setor resolveu contra-atacar. E à medida em que os investimentos em laboratórios de controle biológico cresciam, os ataques da broca recuaram. Hoje, a média de infestação está bem abaixo da taxa histórica — varia entre 2,5% e 3%.

Em Barra Bonita, no interior de São Paulo, a biofábrica de cotésias da Cosan, a maior empresa sucroalcooleira do mundo, produz mensalmente 40 milhões de vespas e 800 mil brocas — sim, é preciso criar a praga para que ela sirva de hospedeiro à cotésia.

Em uma sala iluminada, 13 funcionárias parasitam quatro mil lagartas por dia. O processo funciona assim: as lagartas de broca são "oferecidas" à cotésia, que quando pousam sobre elas inoculam 50 ovos de cada vez.

Depois, essas lagartas são guardadas em caixinhas transparentes até que os ovos se transformem em novas vespinhas e abandonem a carcaça da lagarta.

Assim que nascem, as cotésias são soltas rapidamente no canavial para começar a busca frenética pelas brocas. Elas têm de ser rápidas: vivem apenas 72 horas.

Esses minúsculos insetos encontram a sua presa graças aos feromônios exalados pela broca, que se protege em galerias que ela mesma constroi dentro da cana, tal como um formigueiro.

E aí está a diferença entre um defensivo agrícola e a cotésia: só elas são capazes de entrar no caule da cana, através dos orifícios abertos pela broca, e avançar nos tortuosos caminhos das galerias.

"Só as cotésias conseguem chegar lá dentro", afirma Sebastião Santos Ribeiro, supervisor de desenvolvimento agronômico do polo de Jau da Cosan, responsável por quatro unidades.

A Cosan adotou o controle biológico em 1977 e conta hoje com cinco laboratórios de produção dessas vespas. Só o polo de Piracicaba, onde tem cinco usinas, não possui a instalação. Segundo o grupo, devido à baixa incidência de brocas na região.

"Quando é necessário, compramos os insetos de produtores privados", diz a empresa, em nota.

Segundo o CTC, apesar de a praga ocorrer em todo o território brasileiro, as regiões mais quentes tendem a sofrer mais com os ataques da praga, já que a cana cresce de forma mais devagar e se torna suscetível aos ataques.

O oeste paulista é um exemplo clássico de infestação de broca.

Outra explicação para a maior incidência é a localização perto de pastagens. "O pasto abriga o hospedeiro", afirma Arrigoni.

Em 2010, o laboratório instalado na Usina São João, processadora de 3,7 milhões de toneladas de cana, multiplicou 60 milhões de cotésias, um volume suficiente para cobrir 12,5 mil hectares de canavial. É um negócio e tanto.

De acordo com a empresa, o custo de livrar o canavial das pragas por meio de controle biológico é de R$ 45 por hectare, contra R$ 148 por hectare se fossem aplicados inseticidas.

O monitoramento dos canaviais começa na fase de desenvolvimento da planta. A cada 15 dias, funcionários são enviados a campo para detectar a presença da broca e outras pragas subterrâneas, como fungos. Se são encontradas pelo menos cinco brocas no período de uma hora, é hora de liberar as vespas.

O sinal mais aparente de ataque é o "coração morto" da planta — a haste da cana fica seca comopalha.

Outra evidência são os furinhos que a lagarta faz para entrar e se alimentar da cana. Por fim, corta-se a haste ao meio para localizar a broca. Todas as lagartas encontradas são recolhidas e levadas para o laboratório, que inicia o ciclo de reprodução de brocas que servirão de hospedeiros para as futuras vespas, que serão soltas depois no canavial. A produção de cotésias não para.

Vídeo sobre o tema disponível em www.valoronline.com.br

Controle biológico diferencia cana do Brasil - Bettina Barros - Valor Econômico – Agronegócios – 16/11/2010

Cerca de 60 bilhões de vespas produzidas por ano controlam a broca-da-cana em 36% da área plantada

De Barra Bonita (SP)

Conhecido por sua expertise no setor sucroalcooleiro, o Brasil lidera também o maior programa de controle biológico do mundo em canaviais. Praticamente toda usina de grande e médio portes do país é hoje autossuficiente na produção da cotésia — uma minúscula mas poderosa vespa, considerada o predador natural da broca-da-cana, a maior praga da lavoura.

De acordo com o Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), braço de pesquisa das usinas, há hoje no país cerca de 80 laboratórios, entre os próprios e os independentes, que produzem um exército de 60 bilhões de vespas liberadas anualmente nos canaviais, cobrindo uma área de 2,5 milhões de hectares, ou 36% da área total plantada com cana.

O controle biológico tem pelo menos duas vantagens: evita a contaminação do ambiente, já que dispensa a utilização de agrotóxicos, e reduz em quase três vezes os custosemrelação ao emprego de produtos químicos.

“Não existe um canto do Brasil que não tenha o problema da broca onde há cana-de-açúcar”, diz Enrico Arrigoni, engenheiro agrônomo e fitopatologista do CTC. “E a cotésia (Cotésia flavipes) é o único inimigo natural da broca (Diatrea saccharilis)”.

A produção em laboratório desses insetos começou na década de 70, quando a infestação ocorria, em média, em 11% dos canaviais. “Pode parecer pouco, mas esse percentual representavaumprejuízo grande ao produtor”, diz Arrigoni. “Para cada 10% de infestação, perde-se 8% na produção total de cana, 2,5% na de açúcar e 2% na de álcool”.

Diante desse quadro, o setor resolveu contra-atacar. E à medida em que os investimentos em laboratórios de controle biológico cresciam, os ataques da broca recuaram. Hoje, a média de infestação está bem abaixo da taxa histórica — varia entre 2,5% e 3%.

Em Barra Bonita, no interior de São Paulo, a biofábrica de cotésias da Cosan, a maior empresa sucroalcooleira do mundo, produz mensalmente 40 milhões de vespas e 800 mil brocas — sim, é preciso criar a praga para que ela sirva de hospedeiro à cotésia.

Em uma sala iluminada, 13 funcionárias parasitam quatro mil lagartas por dia. O processo funciona assim: as lagartas de broca são “oferecidas” à cotésia, que quando pousam sobre elas inoculam 50 ovos de cada vez.

Depois, essas lagartas são guardadas em caixinhas transparentes até que os ovos se transformem em novas vespinhas e abandonem a carcaça da lagarta.

Assim que nascem, as cotésias são soltas rapidamente no canavial para começar a busca frenética pelas brocas. Elas têm de ser rápidas: vivem apenas 72 horas.

Esses minúsculos insetos encontram a sua presa graças aos feromônios exalados pela broca, que se protege em galerias que ela mesma constroi dentro da cana, tal como um formigueiro.

E aí está a diferença entre um defensivo agrícola e a cotésia: só elas são capazes de entrar no caule da cana, através dos orifícios abertos pela broca, e avançar nos tortuosos caminhos das galerias.

“Só as cotésias conseguem chegar lá dentro”, afirma Sebastião Santos Ribeiro, supervisor de desenvolvimento agronômico do polo de Jau da Cosan, responsável por quatro unidades.

A Cosan adotou o controle biológico em 1977 e conta hoje com cinco laboratórios de produção dessas vespas. Só o polo de Piracicaba, onde tem cinco usinas, não possui a instalação. Segundo o grupo, devido à baixa incidência de brocas na região.

“Quando é necessário, compramos os insetos de produtores privados”, diz a empresa,

em nota.

Segundo o CTC, apesar de a praga ocorrer em todo o território brasileiro, as regiões mais quentes tendem a sofrer mais com os ataques da praga, já que a cana cresce de forma mais devagar e se torna suscetível aos ataques.

O oeste paulista é um exemplo clássico de infestação de broca.

Outra explicação para a maior incidência é a localização perto de pastagens. "O pasto abriga o hospedeiro", afirma Arrigoni.

Em 2010, o laboratório instalado na Usina São João, processadora de 3,7 milhões de toneladas de cana, multiplicou 60 milhões de cotésias, um volume suficiente para cobrir 12,5 mil hectares de canavial. É um negócio e tanto.

De acordo com a empresa, o custo de livrar o canavial das pragas por meio de controle biológico é de R$ 45 por hectare, contra R$ 148 por hectare se fossem aplicados inseticidas.

O monitoramento dos canaviais começa na fase de desenvolvimento da planta. A cada 15 dias, funcionários são enviados a campo para detectar a presença da broca e outras pragas subterrâneas, como fungos. Se são encontradas pelo menos cinco brocas no período de uma hora, é hora de liberar as vespas.

O sinal mais aparente de ataque é o "coração morto" da planta — a haste da cana fica seca comopalha.

Outra evidência são os furinhos que a lagarta faz para entrar e se alimentar da cana. Por fim, corta-se a haste ao meio para localizar a broca. Todas as lagartas encontradas são recolhidas e levadas para o laboratório, que inicia o ciclo de reprodução de brocas que servirão de hospedeiros para as futuras vespas, que serão soltas depois no canavial. A produção de cotésias não para.

Vídeo sobre o tema disponível em www.valoronline.com.br

Biodiesel

ADM vê "grande oportunidade" para o biodiesel no Brasil- Sítio Eletrônico do Biodiesel Br – 03/11/2010

A Archer Daniels Midland Company (ADM) anunciou nesta terça-feira (02) que vai construir uma segunda usina de biodiesel no Brasil. A planta, a ser construída em Joaçaba (SC), será anexa à unidade existente de esmagamento e refino de soja da

companhia. Com uma capacidade instalada de 186 milhões de litros ao ano, a usina vai aumentar a capacidade produtiva de biodiesel da ADM no Brasil em mais de 50%. A construção será iniciada em março de 2011 e está prevista para ser concluída durante o primeiro semestre de 2012.

"Vemos grandes oportunidades para a ADM na indústria brasileira de biodiesel. Com um forte apoio do governo, o biodiesel desempenhará um papel cada vez maior no atendimento da crescente demanda do Brasil para os combustíveis renováveis ", disse Patricia Woertz, presidente da companhia. "Ao construir a fábrica anexa às nossas operações de soja em Joaçaba, somos capazes de alavancar a originação, transporte e processamento de bens".

Adquirida da Sadia em 1998, a fábrica de esmagamento de soja e refino de óleo vegetal da ADM em Joaçaba tem capaciade de processar atualmente cerca de 475 mil toneladas de soja e de refinar cerca de 73 mil toneladas de óleo por ano. Uma vez que a usina de biodiesel entre em funcionamento, está previsto que a capacidade de refino de óleo aumente para cerca de 110 mil toneladas por ano.

"O Brasil tem sido um líder mundial na criação de uma robusta indústria nacional de combustíveis renováveis, que apóia tanto os objetivos sociais quanto ambientais. Com a recente implementação da mistura de 5% de biodiesel em 2010 – três anos antes do previsto – a demanda por biodiesel no Brasil continua em crescimento ", disse Domingo Lastra, presidente da ADM do Brasil. "Com a usina de Joaçaba e nossas instalações em Rondonópolis, a ADM irá desempenhar um papel importante no atendimeno dessa demanda".

Esta será a primeira fábrica de biodiesel no Estado de Santa Catarina, que possui uma ampla oferta de soja, produzida principalmente pela agricultura familiar.

ADM no Brasil
ADM iniciou suas operações no Brasil em 1997, após a compra de fábricas de processamento de soja em Rondonópolis (MT), Campo Grande (MS), Joaçaba (SC), Três Passos (RS) e Paranaguá (PR). Em 2002, a ADM abriu uma fábrica de mistura de fertilizantes em Rondonópolis e, em 2007, na mesma cidade, a empresa iniciou a produção de biodiesel.

Hoje a ADM tem mais de 3 mil funcionários no Brasil e é a maior fornecedora de produtos alimentícios, segunda maior processadora de soja e segunda maior produtora de óleo envasado, com 21% de participação nesse mercado no Brasil. A empresa é também a maior exportadora de farelo de soja, a segunda maior exportadora de soja em grão e a quinta maior exportadora da economia brasileira.

Com informações da ADM
Tradução Alice Duarte – BiodieselBR.com

ADM vai construir sua segunda usina de biodiesel – sítio eletrônico Biodiesel Br – 03/11/2010

A americana ADM anunciou ontem que construirá sua segunda usina de biodiesel no Brasil.

A unidade será erguida a partir de março em Joaçaba (SC), em um complexo já existente dedicado ao processamento de soja e ao refino de óleos vegetais.

A nova instalação, que será capaz de produzir 164 mil toneladas por ano, elevará em mais de 50% a capacidade total da múlti nesta frente no país.

Usina no Mato Grosso vai ampliar e instalar esmagadora em 2011- Sítio Eletrônico Biodiesel Br – 05/11/2010

Apenas quatro meses após iniciar a produção de biodiesel em Sorriso (MT), a Grupal Agroindustrial S/A anunciou que irá ampliar a usina e integrar uma esmagadora de soja no próximo ano. Serão investidos R$ 200 milhões no projeto, que vai aumentar de capacidade produtiva de 43 milhões de litros de biodiesel por ano para 180 milhões de litros. De acordo com a direção da empresa, a esmagadora terá capacidade para processar 1.500 toneladas diárias de soja.

Por enquanto a empresa está utilizando uma unidade de processamento de soja em Cuiabá, arrendada parcialmente da Sperafico Agroindustrial, com capacidade para 1.500 toneladas/dia. A Grupal já possui uma esmagadora de caroço de algodão e girassol integrada à usina de Sorriso, com capacidade para processar 100 toneladas/dia. A empresa informou que vai ampliá-la para 240 toneladas/dia e que já adquiriu os equipamentos.

A usina vai passar a utilizar 15% de sebo, 15% de algodão e 70% de soja na composição do biodiesel. A meta é chegar a 40% de sebo e algodão. "Estamos otimistas porque estamos instalados numa região produtora de matéria-prima e isso torna nosso negócio sustentável. Temos um preço diferenciado", diz o diretor da empresa, Tiago Alves Palhano, que disse não ter se intimidado com os preços do 19º Leilão da ANP e com o excesso de capacidade ociosa do setor. "Entramos com consciência de que o mercado já está se ajustando. O último leilão mostrou que é preciso ser grande e ter tecnologia para ser competitivo", diz. Em agosto, a Grupal ficou entre as 17 empresas que mais venderam biodiesel, com volume negociado de 7 milhões de litros.

Pesquisa aponta impacto ambiental do biodiesel na água e no solo – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 05/11/2010

Duas brasileiras estão entre os 20 jovens pesquisadores de todo o mundo contemplados com o prêmioGreen Talents ['talentos verdes'], promovido pelo governo alemão para celebrar estudos na área de sustentabilidade.

As ganhadoras do Brasil são Daniela Morais Leme, doutoranda em biologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – campus de Rio Claro), e Janaína Accordi Junkes, doutoranda em ciências e engenharia de materiais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os estudos de Daniela Morais Leme apontam um possível impacto ambiental associado ao uso do biodiesel. Experimentos realizados por seu grupo indicam que, em caso de vazamento, esse combustível renovável pode danificar o DNA de organismos vivos.

Orientada por Maria Aparecida Marin Morales, Leme realizou testes que simularam o efeito de vazamento de biodiesel na água e no solo.

Os ensaios tinham como objetivo avaliar a taxa de mutações induzidas pelo descarte do combustível na natureza em células em cultura, em cebola e em salmonela, bactéria comumente usada em ensaios desse tipo.

Os experimentos foram feitos com biodiesel de soja, matéria-prima mais usada para a produção desse combustível no Brasil. Os resultados – que ainda precisam ser confirmados por novos estudos – preocuparam os pesquisadores. “O biodiesel se mostrou mutagênico em todos os testes que fizemos”, conta a pesquisadora.

Lima acredita que os resultados podem ser atribuídos a compostos presentes na matéria-prima usada na produção do biocombustível. “A soja tem fitoestrógenos, que são considerados poluentes emergentes, capazes de induzir mutações, e eles não são eliminados no processo de produção do biodiesel.”

Os resultados preliminares, se confirmados, indicam que a escolha da matéria-prima para a produção do biodiesel não deve ser feita apenas em função de critérios de disponibilidade e rendimento, como acontece hoje. “Devemos ter cautela ao tratar o biodiesel como um combustível ambientalmente seguro”, alerta a bióloga.



Daniela Morais Leme (esq.) e Janaína Accordi Junkes, as duas pesquisadoras brasileiras contempladas com o Green Talents 2010 (foto: Bernardo Esteves).

Estímulo para a carreira

Os Green Talents de 2010 foram entregues na última terça em Berlim, em cerimônia presidida pela ministra alemã da Educação e Pesquisa, Annette Schavan. Os ganhadores do prêmio participarão de uma excursão de dez dias por centros de pesquisa alemães e de uma temporada de três meses em uma instituição de sua área na Alemanha.

O anúncio do prêmio contou com a presença da química brasileira Juliana Aristéia de Lima, contemplada na primeira edição do prêmio, promovida em 2009. Lima, laureada por suas pesquisas sobre polímeros biodegradáveis na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde está fazendo pós-doutorado, considera o prêmio um grande estímulo para sua carreira.

Ela está atualmente no meio de uma temporada no Instituto Max Planck para Pesquisa sobre Polímeros, sediado em Mainz. "Esta é uma grande oportunidade de estudar aqui", avalia. "Se você é químico, em algum momento da sua carreira tem que vir para a Alemanha."

Bernardo Esteves (*)

Ciência Hoje On-line

(*) O jornalista viajou para a Alemanha a convite do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD)

Crescente demanda por biodiesel está afetando o mercado da soja, diz relatório – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 10/11/2010

O uso de óleo de soja na produção de biodiesel está deixando um déficit do produto no mercado internacional. Essa diferença entre a disponibilidade de óleo e a demanda está tendo como conseqüência o aumento nas exportações de óleo de palma. A conclusão é de um relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Os dados do governo americano mostram que depois do pico de produção registrado no setor na safra 2006/2007, a disponibilidade de soja no mercado internacional caiu. O aumento da produção de biodiesel no Brasil e na Argentina – que são, respectivamente, o segundo e o terceiro maiores produtores mundiais de soja - seria a principal causa dessa mudança no mercado. Segundo o relatório, quatro bilhões de toneladas de óleo de soja deixaram de ser exportados desde 2007.

Parte do déficit do mercado de soja teria sido compensado pelo aumento das exportações nos Estados Unidos. No entanto, o aumento da demanda por óleo vegetal patrocinado principalmente pela China pressionou o aumento dos preços desses produtos no mercado internacional.

A exportação de grãos de soja produzidos nos Estados Unidos chegou a um recorde de 42,7 milhões de toneladas e continuam aumentando. Já as exportações da Argentina subiram para 13 milhões de toneladas. Enquanto isso as importações de soja na União Européia chegaram a 13,5 milhões de toneladas e a China importou cerca de 57 milhões de toneladas, a maior parte dos Estados Unidos. O mercado chinês também absorveu um aumento de 0,7 para 6,3 milhões de toneladas de óleo de palma. A demanda por esse produto também cresceu na Índia, que importou 7,6 milhões de toneladas do óleo.

“Um crescimento adicional na produção de biodiesel é esperado uma vez que haverá aumento no consumo estimulado por leis locais. No entanto, esse crescimento deve se seguir o aumento na produção de soja, o que irá permitir que as exportações se estabilizem em sete milhões de toneladas”, conclui o relatório.

Acesse aqui o relatório da USDA na íntegra.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

Selo social: Usinas serão notificadas semana que vem – sítio eletrônico Biodiesel Br – 10/11/2010

As usinas de biodiesel brasileiras que podem perder o Selo Combustível Social serão notificadas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) na semana que vem. Segundo o coordenador de biocombustíveis do MDA, Marco Antônio Viana Leite, todas as empresas que detém o selo receberão um comunicado do ministério com informações sobre a conformidade em relação ao certificado. “Quem estiver não conforme terá prazo de 30 dias para tentar corrigir os problemas junto ao MDA”, explica. No entanto ao longo do lento processo a usina teve várias chances para se defender e é improvável que nesse prazo extra ocorra alguma reversão da decisão.

A situação de cada usina deverá ser divulgada em publicação do ministério no Diário Oficial da União. Apenas com a publicação no diário do cancelamento do selo é que a usina fica impedida de vender e entregar biodiesel no primeiro lote de itens do leilão da ANP. O certame está marcado para começar no próximo dia 17 de novembro.

Veja também:
A história por trás da perda do Selo Combustível Social *por Julio Cesar Vedana*

Leite não quis adiantar quantas usinas sofrerão a penalidade – que é relativa ao cumprimento das metas do Selo no ano de 2009 – mas diz que serão poucas. "O desempenho das usinas melhorou muito", elogia. "A Brasil Ecodiesel perdeu mais de R$ 200 milhões em valor de mercado quando perdeu o Selo. Ninguém quer ter esse tipo de prejuízo", afirma.

O coordenador de biocombustíveis do MDA diz que o processo é demorado porque "a gente dá toda a liberdade para que a empresa responda aos questionamentos". "Até hoje o ministério ganhou todas as ações que questionaram a perda do selo", completa.

Questionado sobre o risco das empresas venderem combustível no leilão e não poder entregar, Leite explicou que as usinas "estão cientes da situação". "O processo do selo é independente do leilão", defende.

Apesar da previsão de Leite, o diretor do Departamento de Geração de Renda e Agregação de Valor do MDA, Arnoldo Anacleto de Campos, afirma que o processo poderá atrasar. "Tomamos a decisão de publicar tudo junto. Então só quando todos os processos estiverem concluídos é que vai haver a publicação", diz.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

Agrenco ganha prazo para equacionar dívidas- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 11/11/2010

A Agrenco Group tentará mais uma vez evitar a declaração de falência da Agrenco Limited pela Justiça holandesa. Em audiência realizada ontem o grupo conseguiu um prazo de cinco semanas de suspensão da cobrança de dívidas que representam 75% dos ativos da companhia. "A Companhia acredita firmemente, que com o prazo concedido pela Justiça Holandesa, e desde que haja colaboração das subsidiárias brasileiras, poderá oferecer aos credores condições suficientes para a continuidade de suas atividades", afirma comunicado enviado ao mercado.

Pesam contra a Agrenco notificações com prazo para o pagamento de dívidas vencidas de pelo menos quatro dos principais credores da empresa. A companhia também sofreu duas derrotas na justiça inglesa e foi notificada por um dos credores para que quite a dívida até o dia 31 de agosto.

Foi para impedir a cobrança desses valores – o que acarretaria na iminente falência da empresa – que a Agrenco pediu na Justiça holandesa a suspensão dos pagamentos. A dúvida agora é saber como a companhia irá conseguir o capital necessário para quitar

parte das dívidas e evitar sua extinção. Este ano a empresa já adiou a operação de uma de suas usinas de biodiesel no Mato Grosso por não conseguir capital para isso. A construção de outra unidade, no Mato Grosso do Sul, foi suspensa pelo mesmo motivo.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

Nova usina da Caramuru recebe o selo social- Sitio eletrônico Biodiesel Br – 12/11/2010

A usina de biodiesel da Caramuru em Ipameri, Goiás, recebeu hoje o Selo Combustível Social do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). A certificação garante à empresa o direito de vender combustível no primeiro lote dos leilões da ANP, além de garantir benefícios fiscais na venda do produto. A empresa poderá se beneficiar do certificado já no leilão da próxima semana.

A usina de Ipameri foi inaugurada no início de setembro. A unidade tem capacidade de produzir 225 milhões de litros de combustível por ano a partir de soja e gordura animal. A empresa já tem uma usina de biodiesel em São Simão, Goiás, que também produz 225 milhões de litros de combustível por ano.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

Usinas analisam 20º leilão de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 22/11/2010

Marcelo Barros da Silva, gerente industrial da Comanche
"O pessoal se preservou mais nesse leilão, trabalhou mais na última casa. Tiveram mais noção do preço e isso fez com que ele não baixasse tão rápido, como no 19º leilão. Com isso as usinas vão ter uma margem boa. O segundo lote teve mais disputa porque entrou mais usinas. A tendência é sempre cair o preço no segundo lote. Nós vendemos um terço da nossa capacidade de produção. Ficou no mesmo patamar do leilão anterior, mas é mais que nos leilões anteriores."

Carlos Omar Polastri, diretor executivo da Cesbra Biodiesel
"O preço que fechamos, mesmo sendo melhor que no leilão anterior, foi ruim porque o preço do óleo de soja, metanol e catalisadores subiram muito. O óleo de soja subiu quase 30%. O produtor de biodiesel trabalha com commodities que oscilam todo dia no mundo inteiro e nós somos obrigados a fixar um preço para 120 dias. Isso traz um risco muito grande. O preço do biodiesel ficou abaixo do preço de custo. Muitas empresas não quiseram vender. Nós vendemos o mínimo só para continuar tento contato com a Petrobras e as distribuidoras. Se a ANP não tivesse subido o preço máximo não haveria nem oferta inicial, como aconteceu com o leilão da Refap. A vantagem é que produzimos nosso catalisador. A Cesbra é uma indústria química que tem outros produtos que respaldam os custos".

Paula Regina Gomes Cadette Ferreira, diretoria financeira da Granol
"Leilão é sempre muito estressante. A gente tinha uma expectativa de que o preço de

abertura fosse bem mais alto. Tivemos que reduzir o volume em função dos preços baixos. Os patamares de custos de produção nos próximos meses estarão bem diferentes em relação ao último leilão. As empresas não podem deixar de operar. O que se faz é um ajuste de volume para tentar se manter em operação e garantir sustentabilidade para o negócio. Se fosse mantido aquele preço inicial da ANP, não haveria vendedor, a Granol não participaria. Em Goiás temos o problema do atraso na safra, e está ainda mais preocupante porque a safra será menor. E no Sul, nos meses de janeiro, fevereiro e março não tem soja. Então a gente tem que garantir a produção desse primeiro trimestre só com a soja da safra de 2010, e essa soja está caríssima. O setor vive uma situação de super oferta e todo leilão acaba tendo sacrifício de volume e de preço. O ajuste de preço da ANP viabilizou a entrada da Granol, mais ainda não era um preço que justificasse muita audácia em relação a volume. Tivemos uma redução de operação muito importante em relação ao leilão passado".

João Batista Cardoso, diretor da Binatural
"Na minha opinião, o leilão foi bem disputado. A grande maioria das usinas agiu com cautela e optou pelo conservadorismo diante do quadro incerto dos próximos meses: alta do óleo de soja em Chicago, ausência de ofertas no mercado interno, risco do La Niña, atraso da colheita no Mato Grosso etc. Os preços da matéria-prima subiram quase 28% desde o último leilão. O preço de R$ 2,32 o litro é muito apertado, a margem é zero ou negativa. Em muitas regiões as usinas irão perder , em algumas vão empatar e em apenas poucas regiões elas irão ganhar uma pequena margem. As usinas fizeram o mínimo, creio, para não pararem, como foi o nosso caso. Se não houvesse a sensibilidade da ANP, a decisão de participar do leilão seria muito complicada, pois com certeza haveria prejuízos. Vender em 19 de novembro para entregar no primeiro trimestre é muito complicado. Devido às incertezas, custa muito caro fazer hedge".

João Artur Manjabosco, gerente comercial da Camera
"Por ter sido nossa primeira participação, avaliamos de forma positiva o 20º leilão. Os preços comercializados foram coerentes com os atuais custos das matérias-primas e insumos. Apenas nosso volume foi limitado devido ao fato de não termos tido tempo hábil para concluir o processo de obtenção do selo Combustível Social".

Rosiane Correia de Freitas e Alice Duarte - BiodieselBR.com

Ubrabio defende 7% de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 22/11/2010

Os produtores de biodiesel aguardam a posse da presidente eleita, Dilma Rousseff, para negociar com o novo governo a mudança na lei que permitirá o aumento da adição de biodiesel ao diesel.

Segundo o presidente da União Brasileira do Biodiesel (Ubrabio), Odacir Klein, se a alteração no marco regulatório for feita no primeiro trimestre de 2011 haverá tempo para que o próximo leilão de biodiesel, referente ao abastecimento do segundo trimestre do ano que vem, já seja feito com novas regras. "Em um primeiro momento, a adição poderia ser de 7% (hoje é 5%), mas as usinas têm capacidade para atender a até 10%", diz Klein.

Correio do Povo - RS

Projeto que proibia o uso de metanol é arquivado- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 23/11/2010

Projeto de lei queria proibir uso de metanol pelas usinas de biodiesel

O Projeto de Lei que queria proibir o uso de metanol na fabricação de biodiesel a partir de óleos vegetais foi arquivado ontem (22) pelo Senado Federal. O PLS nº 356 de 2009, apresentado pelo senador João Tenório, tinha a proposta de vetar o uso do insumo, modificando a Lei nº 11.097, de 13 de janeiro de 2005, que introduziu o biodiesel na matriz energética brasileira.

Ontem acabou o prazo de apresentação de recurso para que a matéria fosse apreciada pelo Plenário. Como o texto foi rejeitado terminativamente pela Comissão de Serviços de Infra-estrutura, a decisão final foi pelo seu arquivamento.

A principal justificativa do projeto era que as vantagens químicas do uso do metanol poderiam ser superadas por suas características negativas, como a toxidade, a pequena produção nacional e a dependência do petróleo.

Segundo parecer da CI, apesar de o Brasil ter excelência na produção do etanol, a substituição do insumo pela indústria de biodiesel traria graves complicações para a indústria nacional de metanol. A quantidade de metanol destinada à produção de biodiesel representa 33% do que é comercializado no Brasil – considerando a soma da produção nacional e importação, que é de aproximadamente 600 mil toneladas/ano. A importação, principalmente do Chile, corresponde por quase a metade desse valor. No Brasil, duas fábricas produzem o metanol, localizadas no Rio de Janeiro e no Pólo Petroquímico de Camaçari (BA). Juntas têm capacidade de produzir 300 mil toneladas/ano, e geram 400 empregos diretos.

O metanol é o álcool mais usado atualmente pela indústria para transformar óleo vegetal ou gordura animal em biodiesel. Embora algumas usinas trabalhem com tecnologia flex (que permite o uso dos dois álcoois), apenas uma utiliza 100% etanol no processo, que é a Fertibom, de Catanduva (SP).

Essa preferência, compartilhada também pelos Estados Unidos e Europa, se dá em função do menor tempo de reação e menores custos operacionais. No entanto, o governo brasileiro tem fomentado pesquisas para viabilizar o uso do etanol pela indústria de biodiesel.

"A opção pela rota etílica poderá ser confirmada no futuro como uma opção gradual e progressiva do mercado. Contudo, a opção pelo etanol não cabe ser feita por imposição legal", concluiu o parecer da comissão.

Alice Duarte – BiodieselBR.com

Bio Petro recebe autorização para ampliação- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 24/11/2010

A usina de biodiesel da Bio Petro em Araraquara, São Paulo, teve suas obras de ampliação autorizadas pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

A empresa havia recebido em agosto a autorização de comercialização de biodiesel de seis milhões de litros por ano. Agora a unidade poderá ampliar a produção para 70 milhões de litros.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

Falha tentativa de formar sindicato nacional do biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel BR – 26/11/2010

Não foi dessa vez que a indústria brasileira de biodiesel ganhou seu sindicato nacional. No último dia 8 de novembro aconteceu a assembleia de constituição do Sindicato Nacional das Empresas Produtoras de Biodiesel (Sindibio), mas os participantes decidiram não concluir a criação da entidade. A informação é de Ailton Braga Domingues - do Trend Bank, empresa que tem participação na Bioverde - que estava liderando a iniciativa.

"Decidiu-se que não se criaria o sindicato nacional porque vão se criar os sindicatos regionais", explicou. Segundo Domingues, a ideia é que "todos os estados tenham o seu". "No futuro isso pode evoluir para que os sindicatos se unam numa entidade nacional, mas isso não foi discutido na reunião", adiantou.

O representante do Trend Bank disse ainda que cerca de 15 usinas estavam representadas na reunião, além dos sindicatos da indústria de biodiesel do Mato Grosso e do Paraná.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

Brasil Ecodiesel mais perto da Maeda- Sítio Eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010

Os conselhos da Brasil Ecodiesel e da Maeda Agroindustrial se reúnem nos próximos dias para avaliar se vão em frente com a operação para juntar as duas empresas, segundo apurou a repórter Melina Costa. Maior produtora de biodiesel do Brasil, a Brasil Ecodiesel informou no fim do mês passado que estava em negociações com a Maeda, de Ituverava (SP), que possui mais de 100 mil hectares plantados principalmente com soja e algodão.

A deliberação dos conselhos é mais uma etapa do processo que só deve ser concluído com uma assembleia de acionistas da Brasil Ecodiesel. Esta, por sua vez, deve acontecer em meados de dezembro, caso os conselheiros se posicionem favoravelmente ao negócio.

A holding de investimentos Veremonte, do empresário espanhol Enrique Bañuelos, detém cerca de 90% do capital da Maeda. Caso o negócio se concretize, a Brasil Ecodiesel deve se tornar uma empresa verticalizada - que vai produzir o combustível e seus insumos - com a missão de consolidar o setor de agribusiness no País.

Emissão de ações.
Conforme a Veremonte divulgou em outubro, a incorporação da Maeda pela Brasil Ecodiesel deveria se dar por meio de uma emissão de ações. Os acionistas da Brasil Ecodiesel deveriam ficar com 67% da nova empresa e os acionistas da Maeda com 33%.

Clayton Netz

Multinacionais investem em usinas de biodiesel no Brasil – Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Negócios – 04/11/2010

As grandes tradings multinacionais de commodities estao descobrindo o mercado brasileiro de biodiesel. Em menos de duas semanas, gigantes como Cargill, ADMeNobleanunciaraminvestimentos na construcao de usinas de biodiesel em varias regioesbrasileiras.

Tambemnasultimas semanas, a Brasil Ecodiesel anunciou que esta unindo seus negocios com a Maeda Agroindustrial.

O ponto emcomum entre todas essas operacoes e a facilidade de obtencao da soja. "Estas empresas nao precisam buscar a sojaforadecasaenaoestaosujeitasasvariacoesdomercado", explicaopresidentedaUniaoBrasileira do Biodiesel (Ubrabio), Odacir Klein. Hoje, o oleo de soja representa perto de 80% da materia-prima utilizada na produção de biodiesel.

Averticalizacaodessasempresas tambem indica uma preocupação em relacao ao escoamento do oleo de soja resultante do esmagamento da soja em grao.

"Ja e fato que o mercado de carnes, tanto bovina quanto suina, esta crescendo de forma cada vez mais intensiva e a utilização dofarelodesojacomoracao animal tende a crescer", informa Amaryllis Romano, economista da Tendencias Consultoria.

Segundoela,quantomaisfarelo for produzido, mais oleo de sojaficara disponivel."Ademanda domestica por oleo e limitada e a entrada dessas tradings no mercado de biodiesel revela que elas estao montando uma estratégia para escoar este oleo de soja que, de outra forma, poderia ficarrepresado",diz.Asexportacoesdederivadosde sojadoBrasil sao limitadas pela Lei Kandir, que penaliza com impostos as vendas externas de oleo e farelo e beneficia a exportacaodograo.

Investimentos. A Cargill anunciou a construcao de usina para producao de biodiesel no Mato Grosso do Sul, com investimentos deR$130 milhoes.Aunidade entrara em operacao em 2012 e funcionaraemanexoafabricade esmagamento de soja da empresa, devendo produzir200mil toneladas de biodiesel por ano.

O Noble Group vai investir US$200milhoesemsua primeira industria de esmagamento de soja e producao de biodiesel no Pais. A fabrica sera em Mato Grosso e devera ter produção anualde200miltoneladas.Com inicio

dasoperacoestambemesperado para 2012, a ADM vai construir sua segunda usina de biodieselnoPaisemSantaCatarina, com producao estimada de 164 mil toneladas.Ovalor do investimento nao foi revelado.

A Brasil Ecodiesel, que ate meados deste ano estava comprando de fornecedores todo o oleodesojausadoemsuaproducao, vai contar, agora,coma materia-primadaMaedaAgroindustrial, grande produtor de soja e algodao, duas materias-primas importantes para o biodiesel.

Para Klein, os investimentos em novas usinas indicam também que essas empresas acreditam que o atual represamento do mercado interno vai acabar.

Atualmente,e obrigatoriaporlei a adicao de 5% de biodiesel no dieselmineral,oB5,emboraacapacidade instalada hoje no Pais seja suficiente para adicao de 10%."Essasmultinacionaisesperam um aumento da mistura no mercado interno brasileiro."

O Programa Nacional de Uso e Producao de Biodiesel do governo brasileiro previa inicialmente o B5 apenas em 2013. A adicao de 5% foi adiantada em funcaodagrandecapacidadeinstalada do Brasil, hoje em torno de 5,1 bilhoes de litros, mas demanda efetiva de apenas 2,4 bilhoes de litros. "O setor precisa de um novo marco regulatorio e essesinvestimentosexternosindicamqueaexpectativa internacional e de que havera um novo marco com aumento da mistura", explica Klein.

Selo social: Usinas serão notificadas semana que vem – Biodiesel Br – 10/11/2010

As usinas de biodiesel brasileiras que podem perder o Selo Combustível Social serão notificadas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) na semana que vem. Segundo o coordenador de biocombustíveis do MDA, Marco Antônio Viana Leite, todas as empresas que detém o selo receberão um comunicado do ministério com informações sobre a conformidade em relação ao certificado. "Quem estiver não conforme terá prazo de 30 dias para tentar corrigir os problemas junto ao MDA", explica. No entanto ao longo do lento processo a usina teve várias chances para se defender e é improvável que nesse prazo extra ocorra alguma reversão da decisão.

A situação de cada usina deverá ser divulgada em publicação do ministério no Diário Oficial da União. Apenas com a publicação no diário do cancelamento do selo é que a usina fica impedida de vender e entregar biodiesel no primeiro lote de itens do leilão da ANP. O certame está marcado para começar no próximo dia 17 de novembro.

Veja também:
A história por trás da perda do Selo Combustível Social*por Julio Cesar Vedana*

Leite não quis adiantar quantas usinas sofrerão a penalidade – que é relativa ao cumprimento das metas do Selo no ano de 2009 – mas diz que serão poucas. "O desempenho das usinas melhorou muito", elogia. "A Brasil Ecodiesel perdeu mais de R$ 200 milhões em valor de mercado quando perdeu o Selo. Ninguém quer ter esse tipo de prejuízo", afirma.

O coordenador de biocombustíveis do MDA diz que o processo é demorado porque "a gente dá toda a liberdade para que a empresa responda aos questionamentos". "Até hoje o ministério ganhou todas as ações que questionaram a perda do selo", completa.

Questionado sobre o risco das empresas venderem combustível no leilão e não poder entregar, Leite explicou que as usinas “estão cientes da situação”. “O processo do selo é independente do leilão”, defende.

Apesar da previsão de Leite, o diretor do Departamento de Geração de Renda e Agregação de Valor do MDA, Arnoldo Anacleto de Campos, afirma que o processo poderá atrasar. “Tomamos a decisão de publicar tudo junto. Então só quando todos os processos estiverem concluídos é que vai haver a publicação”, diz.

Microalga de esgoto pode virar biodiesel – Sabine Righetti – Folha de São Paulo – Ciência – 07/11/2010

Pode-se dizer que a tecnologia desenvolvida pelo engenheiro ambiental Aderlânio da Silva Cardoso, da Universidade Federal de Tocantins, é duplamente verde: além de desembocar num combustível renovável, ela ainda aproveita resíduos que, sem esse uso, seriam simplesmente descartados.
Quando ainda era estudante de graduação, ele conseguiu produzir biodiesel a partir de algas usadas para tratar esgoto numa estação da cidade de Palmas. Elas seriam lançadas num córrego nas proximidades.
A ideia lhe rendeu o 3º lugar numa das categorias do prêmio Jovem Cientista, um dos mais importantes do país na área, e R$ 7.000 no bolso.
As microalgas são produtoras de lipídeos (moléculas de gorduras), substâncias comumente utilizadas na obtenção de biodiesel. "Ao todo, 16% da composição dessas algas é óleo", conta.
Disso, já se sabia. Mas o processo de extração do óleo dessas algas microscópicas foi uma novidade.
Elas foram coletadas e submetidas a uma mistura de solventes orgânicos para que o seu óleo se separasse. O que resta de água é evaporado e, então, o biodiesel pode ser produzido.
O processo ficou bem mais barato do que aqueles que precisam cultivar as microalgas e necessitam de equipamentos como centrifugadoras, tanques e reatores para produzir o biodiesel.
"Há pouca literatura nacional, e a maioria das hipóteses pesquisadas teve o uso de metodologias estrangeiras para produzir biodiesel de algas", explica Cardoso.

QUALIDADE VEGETAL
Além de mais barato, e de usar aquilo que seria jogado fora, o biodiesel das microalgas é uma alternativa ao óleo vegetal. Atualmente, 80% da produção brasileira de biodiesel vêm do óleo de soja (cuja demanda é grande e cresce 3,6% ao ano).
A qualidade do óleo das algas para produção de combustível, para Cardoso, é semelhante à dos vegetais.
"Ainda é possível obter outros produtos, como o etanol, biogás e hidrogênio, a partir dessas microalgas", afirma o engenheiro ambiental. Ele seguiu com essa linha de pesquisa no mestrado.
"Meu trabalho é uma oportunidade de mostrar que na região Norte temos bons pesquisadores, professores e instituições", diz Cardoso.
O prêmio será entregue a ele e aos demais contemplados no dia 17 de novembro.

Depois disso, o pesquisador espera que alguma empresa se anime a trazer sua ideia para o mercado.

Biodiesel: MDA discute instrução normativa – Sítio eletrônico do INCRA – 12/11/2010

O Ministério do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (MDA/SAF), reuniu, na manhã desta sexta-feira (12,) os ministérios de Minas e Energia (MME), da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Casa Civil, as empresas produtoras de biodiesel e entidades representativas de agricultores familiares para discutir uma Instrução Normativa (IN) para as cooperativas da agricultura familiar fornecedoras de oleaginosas para o biodiesel.

Segundo o coordenador de biocombustíveis da SAF/MDA, Marco Antonio Leite, a instrução normativa visa regular o mercado das cooperativas fornecedoras de oleaginosas e melhor qualificar as informações prestadas sobre a participação da agricultura familiar no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB).

Marco Antonio estima que a IN deverá ser publicada no final deste ano ou no início de 2011. A instrução vem sendo elaborada com a participação de vários agentes envolvidos no PNPB como cooperativas da agricultura familiar de todo Brasil, entidades representativas dos agricultores familiares, empresas de biodiesel, entre outros.

Foi apresentado na reunião, o Sistema de Gerenciamento das Ações do Biodiesel para as cooperativas. O sistema permitirá que a troca de informações a respeito da inserção dos agricultores familiares na cadeia do biodiesel seja realizada diretamente entre as cooperativas e o MDA.

Crescimento das cooperativas

Em 2006, eram quatro as cooperativas da agricultura familiar no PNPB. Em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, responderam em 2009, por 68% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o PNPB, totalizando cerca de R$ 460 milhões comercializados.

Etanol

Concorrente do etanol será produzido no Brasil em 2013- Sítio eletrônico do Biodiesel Br – 04/11/2010

Um novo tipo de biocombustível feito a partir de cana-de-açúcar, o biobutanol, deve começar a ser produzido pelas usinas brasileiras a partir de 2013 ou 2014. A patente do produto, que vai disputar mercado com o o etanol, está sendo desenvolvida globalmente há sete anos pela companhia britânica Butamax, uma associação entre a British Petroleum (BP) e a americana DuPont .

A empresa inaugurou em Paulínia (SP), em uma unidade da Dupont, um laboratório para adaptar a produção do novo biocombustível às condições brasileiras, incluindo a sua exposição à microbiologia local e às variedades de cana existentes no País.

"Estamos em negociações com algumas usinas no Brasil", afirmou o presidente da Butamax, Tim Potter, em Paulínia, sem revelar os nomes das empresas com as quais a companhia está em conversações. Segundo ele, há um grande interesse pelo biobutanol pelas usinas brasileiras, que passarão a contar com mais uma alternativa de produção.

O novo biocombustível produzido no Brasil deve ser exportado aos Estados Unidos, para ser misturado à gasolina, e não deve ser comercializado no mercado interno brasileiro. A Butamax estima que o Brasil poderá exportar 7,6 bilhões de litros de biobutanol entre 2013 e 2020.

Uma das preocupações da Butamax é mostrar que o biobutanol não será uma ameaça ao etanol. Os dois combustíveis, porém, passarão a concorrer pela mesma matéria-prima e pelo mesmo mercado. "O biobutanol não é um concorrente do etanol, mas complementar (a ele)", afirmou o presidente da DuPont no Brasil, Ricardo Vellutini.

Vantagem sobre etanol
Segundo explicou Potter ao iG, o biobutanol é , quimicamente, mais parecido com a gasolina do que o etanol, e isso o torna mais estável quando utilizado pelos veículos. O novo biocombustível é menos hidrofílico, possui menos afinidade com a água, assim como a gasolina. Segundo Potter, não há a necessidade de converter ou adpatar

os carros convencionais, diferentemente dos carros "flex": o biobutanol é o que os americanos chamam de "drop-in fuel", ou seja, um combustível que pode ser utilizado com a mesma infraestrutura existente para a gasolina.

A composição química do biobutanol também permite elevar o teor de mistura com combustíveis fósseis, percentual que pode chegar a 24%. Com a adição de biocombustíveis à gasolina, os EUA deverão reduzir em 20% as importações de petróleo.

A Butamax não revela o valor que está sendo investido no desenvolvido do biobutanol. "É muito dinheiro, mas, infelizmente, como estamos ainda em fase de pesquisa, esse valor não pode ser revelado neste momento", diz Potter. Cerca de 150 pesquisadores, entre eles biólogos, trabalham atualmente no desenvolvimento do biocombustível no mundo.

Além do Brasil, a Butamax possui outros três laboratórios para o desenvolvimento do biobutanol. Um deles fica nos EUA, onde o biocombustível está sendo desenvolvido a partir do milho. No mercado americano, a produção comercial do biobutanol deve ser iniciada ainda em 2012 ou 2013. Os outros laboratórios da empresa estão localizados no Reino Unido e Índia.

Laboratório da Butamax em Paulínia
A peça-chave na patente do biobutanol é uma levedura geneticamente modificada desenvolvida pela Butamax. E sua fórmula é guardada com sigilo pela companhia, que vai receber royalties pela tecnologia. A levedura é responsável pelo processo de fermentação e a matéria-prima agrícola a partir da qual o biocombustível é produzido torna-se indiferente, seja ela milho ou cana-de-açúcar.

O laboratório de Paulínia está a cargo de dois biológos brasileiros, mas receberá uma população flutuante de outros cinco ou seis pesquisadores, entre eles indianos, americanos e chineses.

"Estamos em contanste contato com os pesquisadores de outros laboratórios, sobretudo na Índia, o que é bem difícil às vezes por causa do fuso horário", afirma o biólogo responsável por Paulínia.

Claudia Facchini, enviada especial a Paulínia

Usinas questionam critérios da ANP para definição do preço do leilão- Sítio eletrônico da Biodiesel Br – 01/11/2010

O anúncio do preço máximo do 20º leilão de biodiesel da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) foi o principal tema das conversas entre os participantes da Conferência BiodieselBR, que terminou na última quinta-feira, em São Paulo. A avaliação da maioria das usinas é que vender biodiesel a R$ 2,12 o litro é inviável. A maior preocupação é com o óleo de soja, que na semana passada foi negociado em São Paulo por R$ 2,25 a R$ 2,30 o quilo, com ICMS. "Se eu tivesse óleo estocado e tivesse que escolher entre vender o biodiesel a R$ 2,12 e o

óleo a R$ 2,30 venderia o óleo com certeza", afirmou o diretor comercial da Bioverde, Alexandre Pereira. No entanto o preço do óleo por litro, sem ICMS, é de cerca de R$1,85.

Questionado sobre o assunto, o superintendente adjunto de Abastecimento da ANP, Rubens Cerqueira Freitas, afirmou que o valor é resultado de uma análise de "todos os fatores". "A ANP faz uma análise detalhada do mercado", defendeu durante debate na Conferência. "De forma nenhuma o preço máximo reflete o resultado do último leilão", completou o diretor do departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia (MME), Ricardo Dornelles. Freitas informou que a agência está disposta a discutir os custos do setor. "Estamos abertos ao debate", convidou.

Apesar da explicação, a indústria de biodiesel ficou sem saber porque a análise dos fatores do mercado fez a ANP decidir por reduzir o preço máximo. No entanto em leilão anterior a ANP foi criticada por aumentar o preço máximo enquanto o óleo de soja apresentava queda.

Agora o combustível comprado nesse certame será entregue em janeiro, fevereiro e março de 2011, um período em que nos dois primeiros meses do ano a oferta de óleo é baixa e há bastante pressão sobre o preço. A situação fica mais incerta para as usinas, especialmente as menores, uma vez que as chuvas desse ano atrasaram e a atual previsão é que o início da colheita seja adiado. "Em geral se colhe soja a partir de 15 de janeiro. No próximo ano a expectativa é que se colha a partir de 15 de fevereiro", disse João Batista Cardoso, da Binatural, para quem R$ 2,12 é "inexequível". A usina, diz Cardoso, cogita não participar do leilão.

"O preço é mais figurativo. O que determina o valor final é a disputa", afirmou João Arthur Manjabosco, da Camera. Manjabosco, no entanto, acredita que a redução no preço deve fazer com que "algumas usinas deixem de vender". "As usinas grandes vão vender, mas as menores vão ter problemas", completou Dimas Marchi, da JBS.

Ficar de fora do leilão, no entanto, não está nos planos da Cooperbio. É o que afirma Eduardo Semenara. "Ficar com a planta parada é complicado", disse. Mas Semenara prevê que a disputa por óleo, principalmente no Mato Grosso, vai ser grande. "Vai ter menos óleo no mercado", previu.

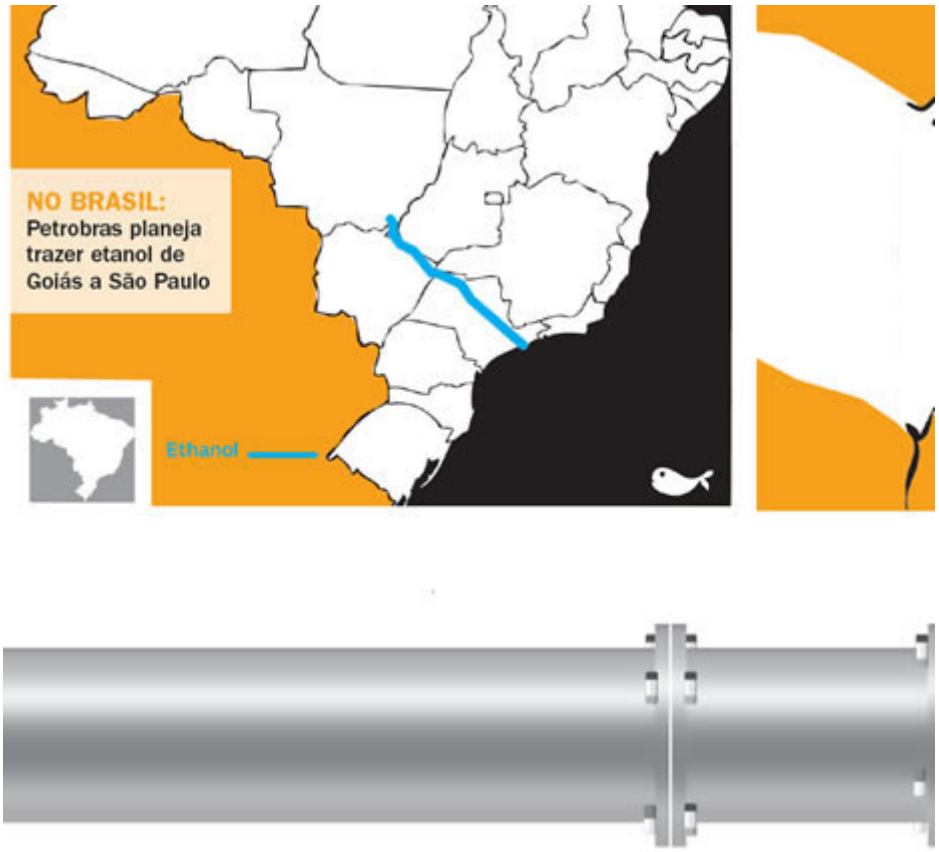
Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

O etanol vai entrar pelo cano – Eduardo Savanachi – Isto é Dinheiro rural – novembro de 2010

Enquanto os Estados Unidos anunciam a construção do maior alcoolduto do mundo, empresas brasileiras já falam em unir forças para tirar seus projetos do papel



Em meio a disputas políticas, brigas tarifárias e até desacordos em relação a especificações técnicas, o mercado mundial de etanol trava uma verdadeira guerra, em que dois países disputam sua liderança. Ao longo dos anos, Estados Unidos e Brasil não medem esforços para fazer de seu produto o mais competitivo. O novo round dessa batalha será travado por baixo da terra, em que a única certeza é de que o etanol irá, literalmente, entrar pelo cano. Isso porque uma das maiores produtoras do combustível dos EUA, a Poet, acena com um projeto de construção do maior alcoolduto do mundo.



A obra, projetada em parceria com a construtora Magellan Midstream Partners, está orçada em cerca de US$ 4 bilhões e ligaria a principal região produtora americana, Dakota do Sul a todo o centro consumidor, percorrendo 2,9 mil quilômetros até o Estado de Nova Jersey. Com capacidade de produção de 1,6 bilhão de galões por ano, em suas 26 unidades, a Poet pretende transportar cerca de 240 mil barris por dia pelos novos dutos, reduzindo consideravelmente seus custos e, portanto, oferecendo o produto a preços competitivos. "O ganho de eficiência com esse tipo de transporte é de 30% em comparação com o transporte ferroviário e quase 90% em comparação com o por caminhões", avalia o CEO da Poet, Jeff Broin. Diante das pretentamsões americanas, as empresas brasileiras já preparam o contra-ataque. Para acelerar seus projetos de construção de alcooldutos, Petrobras, ETH e o consórcio envolvendo Cosan e São Martinho, os três responsáveis pelos bilionários projetos nacionais nessa área, já admitem se unir para viabilizar suas obras. "Existem facilidades e dificuldades em cada um dos projetos. Vejo as empresas concorrentes em uma conjugação, não em fusões", afirmou o presidente da PMCC, sociedade entre Petrobras, Mitsui e Camargo Corrêa, Alberto Guimarães.

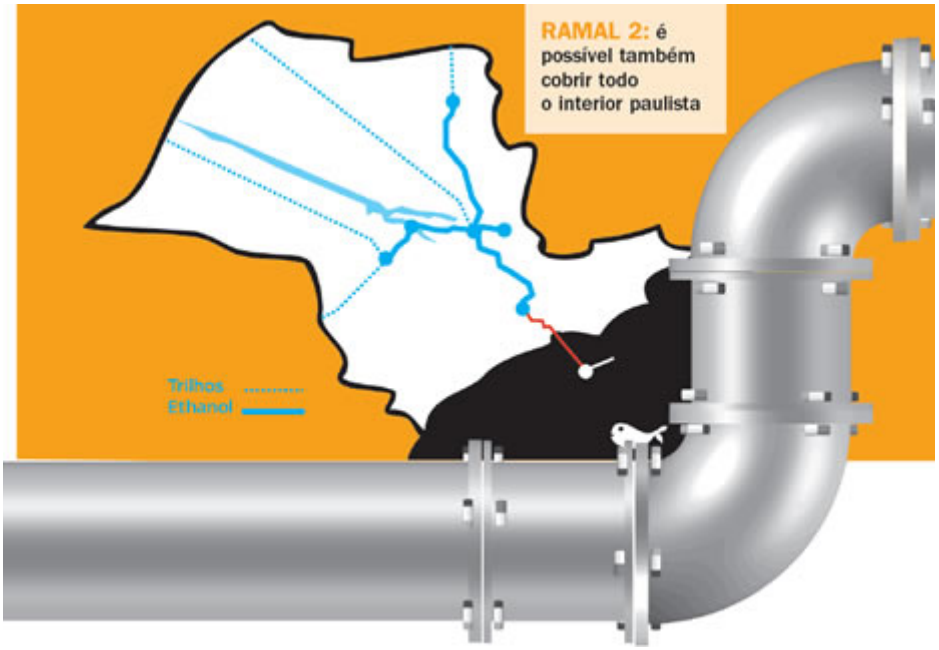
Enquanto os Estados Unidos anunciam a construção do maior alcoolduto do mundo, empresas brasileiras já falam em unir forças para tirar seus projetos do papel



Com a expectativa de que as exportações brasileiras atinjam 25 bilhões de litros até 2025, os alcooldutos são vistos como fundamentais para transportar o combustível a preços mais competitivos, principalmente do Centro-Oeste para os centros consumidores como São Paulo e para os portos exportadores do Sudeste. O presidente da Uniduto, consórcio que reúne pesos-pesados como Cosan e São Martinho, Sérgio Van Klareven, também não refuta uma possível união de projetos. "Não poderemos nos furtar a analisar toda e qualquer oportunidade. Em alguns

pontos, os projetos são realmente bastante parecidos", pondera. Em nota oficial, a União da Industria da Cana-de-Açúcar (Unica) reconhece que a construção dos dutos é importante para o País, mas condiciona o sucesso dos empreendimentos à abertura dos grandes mercados, que hoje adotam tarifas sobre o etanol brasileiro. "É preciso ter um horizonte bem definido para justificar o alto investimento que uma iniciativa desse porte exigiria. Isso passa não só por um projeto com custo-benefício como também pelo que vão fazer os grandes mercados consumidores, que hoje impõem tarifas elevadas que tiram a competitividade do etanol brasileiro e impedem a chegada do produto a esses mercados."

US$ 4 bilhões é o custo estimado do ***alcoolduto*** que será construído nos eua com capacidade para transportar ***240 mil litros por dia*** de etanol de milho



Se no Brasil a implantação dos projetos ainda está em discussão, nos EUA o "superalcoolduto" também esbarra em questões políticas. As empresas envolvidas na obra querem que o governo participe da empreitada com pelo menos 80% dos recursos. "Nós não estamos dispostos a gastar todo o dinheiro que seria necessário em um projeto que é viável apenas enquanto o governo continua o seu interesse no etanol", ressalta o presidente da Magellan, parceira da americana Poet, Don Wellendorf. Aqui, na verdade, os projetos sairão do papel quando a Petrobras, interessada em fomentar o mercado de etanol, entrar para valer nas obras.

Bovespa quer se tornar referência de preço do etanol – Jamil Chade - Estado de São Paulo – Economia – 05/11/2010

A BM&FBovespa monta uma estratégia de médio prazo para se tornar a referência internacional no preço do etanol e ser um veículo para financiar o setor nos próximos anos. A Bolsa de São Paulo alerta que o setor do etanol precisará de investimentos de US$ 8 bilhões por ano apenas para atender à demanda de açúcar e combustível até 2014.

A ofensiva vem num momento em que o setor do etanol no Brasilpassaporumatransformaçãoprofunda. Consolidaçõesestão ocorrendo e a projeção é de que, em 2015, 40% da produção nacionaljá estejanasmãosdeestrangeiros.

Mas a constatação tambémédequepartedaexpansão do setor terá de passar pelo mercado financeiro e por uma maior integraçãocom as bolsas.

Aideia da Bolsa de São Paulo é a de se consolidar como um "farol" do preço do etanol, da mesma forma que Nova York serve de base para o café e a soja segue as tendências da Bolsa de Chicago.

Umdosargumentosda Bolsa deSão Paulo é queo Brasil é hoje um dos países que menos intervêmnos preços do etanol e, portanto, seria o mercado onde a commodity tem um comportamento de preço mais parecido com o de ummercado livre.

Um primeiro passo foi dado emmaio, como lançamento dos contratosdeetanolcomliquidaçãofinanceira. Ocontratoécotado em reais e, na avaliação de Ivan Wedekin, diretor de commoditiesdaBolsa, ainiciativa está contribuindo para a maior transparência no mercado.

Apenas seis meses depois, já são 4 mil contratos de etanol sendo negociados por mês. Wedekin aponta que processo está apenas começando e aposta em uma expansão ainda maior nos próximos meses.

Um número considerado ideal seria atingir 50 mil contratos de etanol por mês. Para a Bolsa, outra vantagem da integração ao mercado financeiro é que investidores poderão criar uma espécie de hedge e reduzir os riscos de seus projetos.

Chicago. Outra iniciativa da Bolsa de São Paulo é acelerar seu processo de internacionalização.

A entidade já tem acordos com a Bolsa de Chicago, que, de certa forma, é a concorrente direta da bolsa paulista.

Para 2011, a meta da Bolsa de São Paulo é a de já ter contratos de soja negociadosemChicago.

"ParticipantesbrasileirosporderãonegociarcontratosdeChicago na própria bolsa brasileira", explicouWedekin."Issofacilitaráavidadequemnãopodeparticipar de Chicago", disse, lembrandoqueoinvestidornãoprecisarámandar dólar paraoexterior.

No Brasil, os contratos de derivativosdecommoditiesrepresentam apenas 0,7% do movimento da Bolsa. No mundo, as commodities representam 5,2%. Os especialistas, portanto, acreditam que o Brasil tem umimportante potencial de expandir nesse setor.

Segundo dados da BM&FBovespa, os números de contratos de derivativos de commodities em setembro de 2010 já superou o pico de julho de 2008, antes de a crise econômica explodir.

Em setembro, foram mais de 160 mil contratos negociados.

Hoje, a Bolsa de Valores de SãoPaulocomercializaoequivalente a 30% da safra de milho.

Nos Estados Unidos, a mesma safra é alvo de contratos 20 vezes o seu valor a cada ano

Brasil vê 1º carro movido a etanol e eletricidade – Cleide Silva – Estado de São Paulo – Negócios – 05/11/2010

Ogoverno Lula deve deixar para aequipedapresidente eleita Dilma Rousseff o programa de incentivo aos veículos elétricos e híbridos. Após idas e vindas, comdireitoatéaeventodeanúncio suspenso cinco minutos antes do horário previsto – em maio –, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva não se posicionou sobre um projeto nacional.

Em visita na semana passada ao Salão do Automóvel em São Paulo, Lula entrou em alguns dos20modeloshíbridoseelétricos expostos no evento e ainda ganhou, em regime de comodato, umFord Fusion híbrido, movido a gasolina e eletricidade.

Mas, enquanto a definição do programa não vem, grupos empresariais antecipam anúncios de projetos por acreditarem que o Brasil precisa estar na rota da eletrificaçãoveicular.Hojeànoite, emevento no Consulado Britânico, emSão Paulo,ogrupoinglês de investimento Capadoccia, que recentemente adquiriu a empresa brasileira Obvio!, apresenta o 828H, minicarro híbrido que terá eletricidade gerada por um motor a etanol.

É o primeiro motor com essa tecnologianomundo.Até agora, osmodelosdisponíveisemdiversos países operavamcomgasolina ou diesel.Opropulsor foi desenvolvido na Inglaterra, com ajuda de engenheiros brasileiros.

É um motor de alta eficiênciaquevaigerarenergiaparacarregar a bateria elétrica, que tambémpodesercarregadanatomada.

Se fosse vendido hoje, o 828H custaria entre R$ 150 mil e R$ 200 mil.

O evento de hoje é dirigido a umgrupode200pessoas,amaioria empresários britânicos que atua no País e também pilotos e organizadores da Fórmula 1. É a primeira vez que o carro, já visto emsalõesnosEUA,será mostrado em um evento no País. "Temos grande interesse no desenvolvimento de tecnologias para diminuir os níveis de emissão de carbono", diz John Doddrell, cônsul em São Paulo.

Será lançado duranteoevento um sistema de geração de energia sem fio desenvolvido pelo grupoHalo.OCapadocciaanuncia ainda parceria com a Gevco, empresa pertencente ao grupo inglês Lotus, que está desenvolvendoumafamília de carros elétricos, um deles compacto para quatro pessoas, chamado de e-City. Futuramente, o modelo tambémpoderá ser fabricadono Brasilapreçosbemmaiscompetitivos que o 828H, diz Ricardo Machado, presidente da Obvio!.

"Aguardamos a decisão do governo sobreum programa de incentivos à eletrificação", informaMachado.

Osgovernosdetodosos paísesqueestãolançando carros elétricos oferecemincentivos para a compra.

O Capadoccia tem planos de montar uma fábrica no Brasil, mas, sem medidas governamentais, poderá ir para oMéxico.

Fábrica. Outra iniciativa é a do empresárioEikeBatista,daEBX.

Ele anunciou que vai construir uma fábrica de carros elétricos noPortodoAçu,noRiodeJaneiro. Disse que já existem negociaçõescomfornecedoresdetecnologia japoneses e europeus e que a ideia é iniciar a produção em até quatro anos.Oinvestimento estimado é deUS$ 1 bilhão.

Mais uma empresa a manifestar interesse foi aOxxor Motors, queassinou acordodeintenções com a Prefeitura de Campo Largo (PR). A Mitsubishi do Brasil mostrou em várias eventos e também ao presidente Lula um compactoelétricofeitopelamarca no Japão, o i-MiEV e não descarta a produção localnofuturo.

No Consulado também serão expostos modelos de alto luxo das marcas inglesas Aston Martin, Mini, Jaguar e Land Rover

Projetos para o setor têm demanda deR$1,9 bilhão

O programa especial de financiamento para o desenvolvimento de sistemas de tração elétrica, baterias e capacitadores aplicados a veículos elétricos automotores, incluindo híbridos, recebeu 32 propostas. A linha especial foi aberta pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), ligada ao Ministério de Ciência e Tecnologia, em 31 de agosto e encerrada em 14 de outubro. O programa tem R$ 500 milhões em recursos não reembolsáveis, dos quais R$ 90 milhões para a área de energia, que inclui também itens como desenvolvimento de plantaspiloto para obtenção de etanol de segunda geração.

Só as 32 propostas que envolvem veículos elétricos somam R$ 80,4 milhões em subvenção.

Juntando todas áreas previstas no edital, a demanda soma R$ 1,9 bilhão. “As propostas passam agora por um processo de seleção onde se leva em conta o produto, plano de investimento, como o produto será inserido no mercado e outros itens”, explica Murilo Azevedo Guimarães, da Finep. A lista de aprovados será divulgada em maio. / C.S.

Renda maior permitirá que o setor de cana renove canaviais no próximo ano – Folha de São Paulo – Mercado – 06/11/2010

O setor sucroenergético vive um momento de recuperação de preços e de margens, tanto na parte agrícola como na industrial.
Esse cenário de rentabilidade foi desenhado devido a uma demanda forte por açúcar, que elevou os preços externos para os maiores patamares dos últimos 30 anos.
Ao contrário do que ocorreu nos últimos dois anos, o setor agora terá a chance de buscar a renovação dos canaviais, prática abandonada no período de preços baixos e de perda de margem.
Antônio de Padua Rodrigues, diretor da Unica, diz que essa renovação é importante porque 54% dos canaviais são de quarto, quinto ou mais cortes. A renovação é necessária para que o setor aumente a oferta em 2012.
"A oferta em 2011 já está praticamente definida e não ficará muito diferente da atual", diz Padua.

O diretor da Unica acredita que o setor necessita de reposição na oferta de cana porque deverá ser iniciada uma retomada de investimentos dos projetos que começaram em 2007 e em 2008.
Além disso, a demanda interna por álcool continuará forte com a entrada de mais carros flex no mercado. "Tudo isso exigirá mais cana."
Na avaliação de Padua, essa renovação trará um salto não só na quantidade de matéria-prima à disposição das usinas, mas também na qualidade do produto. O avanço tecnológico colocou variedades melhores e com produtividade maior à disposição dos produtores, segundo ele.

Venda de máquinas dispara no interior de SP – Chico Siqueira - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – Capa – 07/11/2010

Os bons preços do setor de açúcar e álcool reforçam as vendas de máquinas agrícolas no interiordeSão PauloedeMinas.Donode seis grandes revendedoras de máquinas agrícolas nas regiões noroeste e oeste de São Paulo e no Triângulo Mineiro, OsmairDonizetteGuareschi diz que as vendas de máquinas em 2010 estão 25% acima de 2008 e 70% acima de 2009.

"Em2008,vendemos800máquinas (colheitadeiras e tratores); em 2009, em torno de 600; eagora,em2010,vamosultrapassar a marca de mil máquinas."

SegundoGuareschi,amaiorparte das vendas (70%) foi para o setor sucroalcooleiro, especialmenteparaasusinas, maspequenos emédios agricultores (30%) também compraram equipamentos. "Vivemos um aquecimento nunca registrado antes. Esse aquecimento se deve às altas das commodities", diz, dando como exemplo a venda de R$ 2,5 milhões em tratores nos três dias da exposição de animais de São Josédo Rio Preto. "Outro fator é o preço da cana pago ao agricultor, que já é bom, e ainda vai melhorar."

O empresário acredita que a política de créditos do governo também ajudou.

Movimento. O setor sucroalcooleiro também é responsável, junto com os preços da arroba do boi, pela retomada da pecuária de corte no interior de São Paulo.Nosúltimosanos,ummovimento marcou as atividades dos produtores rurais: sem capital para produzir bois a custos inferioresaosdevenda,pecuaristas se desfizeram dos plantéis, venderam matrizes e usaram as terras para plantar cana. Os lucros dos canaviais, no entanto, foram investidos na retomada de suas criações. E hoje, com os preços da arroba batendo recordes, criadores já usam os recursos para ampliar o patrimônio.

É o caso do agropecuarista Luiz Porto Xavier, dono de uma corretoradesegurosemSãoPaulo e de duas fazendas – uma de 480 hectares em Guzolândia e outrade1,6milhectaresemPontalinda – na região de Araçatuba (SP). As duas propriedades eram usadas para criação de gado.

Mas,coma crise da pecuária, a maior propriedade passou a serreservadaàcana,ficandoapenas a menor para gado de cria e produção.

"Sempre usei os recursos da corretora, que tenho há 50 anos, para bancar as atividades nas fazendas. Mas, com o sucesso do agronegócio e a alta dascommodities, consegui economizar recursos para investir na compra de outra propriedade", diz Xavier.

A nova fazenda fica emMato Grosso e tem 4,5 mil hectares.

Energia – mitos que custam caro – Washington Novaes – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 19/11/2010

É preciso prestar atencao ao estudo que acaba de ser divulgadopelaConfederacao Nacional da Industria (**Estado**, 11/11), segundo o qual a industriabrasileirapodeeconomizar25% daenergiaqueconsome, acomecarpelaindustriasiderurgica, seguidapelossetoresdeceramica, quimica, papel e celulose e cimento. E um trabalho na mesma direcao do estudo feito em 2006 pela Unicamp,WWFe outras instituicoes, mostrando que o Pais pode viver tranquilamente com metade da energia que consome hoje: pode economizar 30% com conservacao e eficiencia energetica (tal como fez no "apagao de 2001, sem nenhumprejuizoparaoPais); mais 10% com ganhos nas linhas de transmissao (que hoje perdem entre 15% e 17% da energia que transmitem); e mais 10% repotenciando geradores antigos de usinas, hoje com baixo rendimento, e a custos muitas vezes menores que o da construcao de mais hidreletricas. Esse estudo estasendorevistonestemomento por um grupo no Instituto de Eletrotecnica e Energia da Universidade de Sao Paulo, coordenado pelo ex-ministro e ex-secretario Jose Goldemberg, que esta preocupado com o processodelicenciamentodenovasusinasnaAmazonia, Principalmente nas regioes dos Rios Teles Pirese Tapajos,queimplicamproblemasemterras indigenas, parques e areas federais de conservação – sem falar no projeto de BeloMonte,querecebe noproprio Ibama mais dois pareceres contrarios ao inicio das obras.

Curiosamente, o planejamentofederalnoBrasilcontinuaatrabalhar com a premissa de que o Pais, para crescer 7% ao ano nos proximos12anos,precisadobrar seu consumo per capita de energia (*Agência Brasil*, 7/7). E para isso precisaria acrescentar mais 5,1GWaoseupotencialenergetico a cada ano, ate 2022. Planejamentoprovavelmentecomandado pelo oligopolio das grandes construtoras de usinas, geradoras e distribuidoras de energia –levando em conta seus interesses especificos, nao exatamente os de todo o Pais. Nao por acaso, ogovernofederalinicianestemomentooleilaodemaisdezhidreletricas, com potencia total de 3.820MW,metade das quais nas bacias dos Rios Teles Pires e São FranciscoemetadenadoParnaiba (Maranhao e Piaui). As hidreletricasdoTeles Pires serao altamente complicadas, por incluírem terras indigenas e parques nacionais, da mesma forma que as dabaciadoTapajos, quedeverao vir logo a seguir.

Se ainda fosse pouco, o setor de energia esta dando prioridadenosnovos leiloes a usinas termoeletricas, altamentepoluidoras, sob o pretexto de poupar agua nos reservatorios de hidreletricas. Poressaseoutras,oconsumo medio de energia termoeletricaemsetembro ultimo chegou a 12,5 vezes mais que em setembro do ano passado (*Folha de S.Paulo*, 7/10). Tem mais: o governo federal dobrou o subsidioparausodeenergiatermoeletrica na Regiao Norte do Pais, que este ano vai para R$ 4 bilhoes–distribuidos pelascontas de todos os consumidores no Pais, inclusivedos queeventualmenteestejamlendoesteartigo.

Algotao abstrusoqueoTribunal de Contas da Uniao ja sentenciou que a Aneel nao tem nenhum controle sobre o consumo real de combustivel nas 301 termoeletricas da regiao (*Folha de S.Paulo*, 14/8) – enquanto destinaaenergia hidreletricadeTucurui, muito mais barata, quase toda para os conglomerados de exportacao de aluminio,com altissimossubsidios(quetambem vaoparaacontadetodososconsumidores no Pais). Da

mesma forma que provavelmente fará comaenergiadavergonhosaUsina de Belo Monte. E por essas e outrasaproducaodeenergiatermoeletricapassoude5,6% dototalemjunho do ano passado para 7,8% em junho deste ano (idem, 7/7).

A iniciativa do estudo da Confederacao Nacional da Industria, por isso, e muito bem-vinda. Outro estudo, do IFC, que e orgao do Banco Mundial, mostrou ha poucos dias que os edifícios comerciais e publicos no Brasil consomem 80% da energia total (reforcando a tese da possibilidade de redução enfatizada pela Unicamp/WWF). A economia de energia fica ainda mais decisiva se se atentar para numerosdivulgados por este jornal (3/9): 54,8% da energia consumida no Pais nao provem de fontes renovaveis, so o petroleo e derivados respondem por 40% (hidreletrica, 13,9%).

Tambem adquire importância excepcional iniciativa da Hidreletrica de Itaipu deestimularefinanciaraimplantacao de sistemas geradores de energia em pequenas propriedades rurais a partir do biogas derivado de dejetos animais (bois, porcos, frangos). Alem de reduziremseusgastoscomopagamento de energia da rede, principalmente nos horarios de pico (quando ela e mais cara), os pequenos produtores podem colocar o excedente da producao de energianaredeestadualdedistribuicao e ser remunerados por isso.

E um exemplo a ser seguido emtodo o Pais.

A cada dia sao mais alarmantes as noticias sobre desastres climaticos, intensificados pela emissao de gases que se concentram na atmosfera, bem como sobre a insustentabilidade dos atuais niveis de consumo de recursosnomundo. Orelatoriosobre“ pegadadecarbono” naChina divulgado pelo WWF (*Agência EFE*, 16/11) diz que, se o mundo usasse recursos e gerasse residuos como a China, “necessitaria de um planeta 1,2 vez maior que a Terra”. E nesse pais “a construcao eo transporte, associados ao avanco no nivel de vida, contribuiram em grande medida para que as emissoes de dioxido de carbono atingissem 54%doimpactoecologiconacional”.

Ja como a maior emissora depoluentesnomundo,aChina compromete-se a reduzir sua “intensidadedecarbono”(emissões totais divididas pelo PIB) entre40%e45%ate 2020, calculada sobre 2005.

La, como em toda parte, o setordaenergiaeomaiorresponsavelporemissoes.

Porissoomundo tera de caminhar rapidamente para a reducaodoconsumode energiaeparaousodecombustiveis renovaveis e nao poluentes.

Nao se deve perder tempo.

Teor de biodiesel é quase metade de irregularidades no diesel – Biodiesel Br – 19/11/2010

O biodiesel não está chegando no tanque de todos os brasileiros consumidores de diesel. Pelo menos não no índice determinado por lei, que é de 5%. É o que mostra o Boletim da Qualidade dos Combustíveis da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) de outubro. Segundo os dados da agência quase metade das irregularidades encontradas (47,4%) no combustível tinham relação com o teor do biodiesel no diesel. O boletim também aponta que o índice de ocorrência de falhas na dosagem do biocombustível aumentou em relação a setembro, quando foi de 40,8%.

O diesel testado pela ANP em todo o Brasil apresentou índice de não conformidade

de 3,1%. Além de erros na adição de biodiesel, o combustível também registrou problemas no aspecto em 26,1% das amostras e no ponto de fulgor em 15,3% dos testes.

Em outubro, segundo a ANP, o estado do Amazonas – que sempre apresenta altos índices de problemas no diesel – bateu recorde de irregularidades com 15,3% de não conformidades. Em setembro o mesmo estado havia registrado índice de 11%. Em 31 das 33 amostras irregulares testadas pelo órgão o problema encontrado foi no teor de biodiesel. Os outros estados com alto índice de irregularidades, no entanto, apresentaram queda. No Mato Grosso o percentual de não conformidades encontradas pela agência caiu de 9,9% para 7,8%.

CO2 ainda em alta – Biodiesel Br – 22/11/2010

Mesmo com o mundo em meio a uma importante crise econômica e financeira, as emissões de dióxido de carbono (CO2), principal personagem do aquecimento global, não caíram como se esperava.

A conclusão está em um estudo feito por um grupo de pesquisadores do Reino Unido, Estados Unidos, Austrália e França e publicado neste domingo (21/11) como carta ao editor na revista Nature Geoscience.

O texto é uma atualização anual do Global Carbon Project e destaca que as emissões de CO2 não dão sinais de que estejam caindo globalmente e poderão atingir um nível recorde em 2010.

Os autores concluíram que as emissões de dióxido de carbono em 2009 foram apenas 1,3% menores do que as do ano anterior, mesmo com a crise. A queda é menos da metade do que se estimava há um ano.

A crise financeira afetou diversos países, levando a reduções na emissão de CO2. No Reino Unido, por exemplo, a queda foi de 8,6% em 2009 com relação ao ano anterior. Quedas semelhantes ocorreram na maioria dos países industrializados.

Entretanto, diversas economias emergentes tiveram crescimento elevado, mesmo com a crise. Isso se refletiu no aumento das emissões do gás. Na China, houve uma elevação de 8%, e na Índia de 6,2%.

"A queda nas emissões de CO2 em 2009 foi de menos da metade do que o antecipado há um ano. Isso ocorreu porque a queda no produto interno bruto (PIB) mundial foi menor que o previsto e a intensidade de carbono com relação ao PIB mundial – a quantidade de CO2 liberada por unidade de PIB – melhorou apenas 0,7% em 2009, muito menos do que a média de longo prazo de 1,7% ao ano", disse Pierre Friedlingstein, da Universidade de Exeter, principal autor do estudo.

A pesquisa aponta que, se o crescimento econômico continuar como previsto, as emissões globais de combustíveis fósseis aumentarão em mais de 3% em 2010, aproximando-se das elevadas taxas observadas entre 2000 e 2008.

O texto Update on CO2 emissions, de Pierre Friedlingstein e outros, pode ser lido por assinantes da Nature em www.nature.com/naturegeoscience.

'Estamos muito abaixo do nosso potencial' – Estado de São Paulo – Vida – 28/11/2010

Isak Kruglianskas, coordenador do Programa de Gestão Estrategica Socioambiental da Fundacao Instituto de Administração (FIA), alerta para o risco de o Pais ter o caminho da energia limpa desviado por conta do pre-sal. Ele e o criador do Encontro Internacional sobre Gestao Empresarial e Meio Ambiente, que esta em sua 12.ª edicao e ocorre na USP nesta semana.

● Como o senhor vê a ênfase do governo no pré-sal? O governo tem falado sobre o pre-sal como a grande riqueza que viabilizara solucoes para problemas cruciais do Pais. Um dos grandes problemas e o fato de o discurso focar muito mais a partilha dos resultados do que a estrategia de exploração dessa riqueza. Dependendo das tecnologias e custos de extracao, sua exploracao econômica pode nao se mostrar competitiva.

Portanto, acredito que seja essencial dar continuidade e apoio politico e financeiro as iniciativas de desenvolvimento de tecnologias de producao de energias alternativas de baixa emissao de CO2, como os biocombustiveis, a eolica e o hidrogenio.

● E como o sr, avalia o crescimento da energia eólica no País?

Estima-se que o potencial de energia eolica no Brasil seja da ordem de 143 mil megawatts, o que representa uma vez e meia a potencia de geracao elétrica instalada no Pais, que e da ordem de 106 mil megawatts. Desse grande potencial de geração de energia eolica temos instalado menos de 1 mil megawatts.

A conclusao, portanto, e que estamos muito abaixo do nosso potencial.

Integração energética e mudança do clima – Carolina Lembo e Nestor Gonzalez Luna – Folha de São Paulo – Opinião – 22/11/2010

Muito se tem falado sobre as consequências das emissões de gases de efeito estufa para o aquecimento global: a cadeia do setor de energia sempre aparece entre os principais atores que contribuem para essa questão, respondendo por 60% do total emitido.

Assim, é facilmente compreensível que, nas atuais negociações internacionais, que ocorrem no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC, em inglês), o setor energético esteja no centro das discussões. Na última reunião da UNFCCC, realizada em outubro, em Tianjin, na China, a ministra das relações exteriores do México, Patricia Espinosa, afirmou que os avanços em energias renováveis e em tecnologias limpas são essenciais ao combate da

mudança do clima. Ela, que presidirá a próxima Conferência das Partes (COP-16) -a partir de 29 de novembro, em Cancún, México- disse ainda que tais medidas podem facilitar o acesso às fontes de energia e promover a eficiência energética.
A perspectiva de maior promoção das energias renováveis, por meio da integração energética da América Latina, apresenta-se como janela de grandes oportunidades.
O recente estudo "Mercados Energéticos na América e Caribe", publicado pela Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) em parceria com a Olade (Organização Latino-Americana de Energia) comprova isso.
Os dados mostram que, na América do Sul e na América Central, respectivamente, 31,87% e 48,89% das energias utilizadas são de fontes renováveis. Enquanto isso, a média mundial é de 12,6%, e chega a 7,2% nos países-membros da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico).
Na América do Sul, por exemplo, a utilização de energias renováveis tem crescido substancialmente nas últimas décadas, impulsionada principalmente pelo consumo de energia hidroelétrica e pela produção de biocombustíveis.
A sub-região possui um potencial hídrico equivalente a aproximadamente 211 milhões de barris de petróleo a ser explorado, o que poderá ser viabilizado com a construção de usinas hidroelétricas já projetadas, em sua maioria binacionais, e com oportunidades de transferência de tecnologia Sul-Sul em etanol e biodiesel.
O mesmo pode ser encontrado na América Central e no México, com o Projeto Mesoamericano, que compreende a interligação elétrica entre os países da sub-região.
Portanto, a grande disponibilidade de recursos energéticos na América Latina abre uma janela única de oportunidade para integração energética eficaz na região.
Da mesma maneira, também se mostra importante ferramenta para a transição para economia de baixo carbono, com consequente redução dos custos associados à produção de energia em todos os países e incrementando a tendência, que se observa na última década, de participação crescente de fontes renováveis, aproveitando as experiências bem-sucedidas da região.

CAROLINA LEMBO, 26, é coordenadora de mercado internacional de energia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). E-mail:**carolina.lembo@fiesp.org.br**. **NESTOR GONZALEZ LUNA,** 41, é diretor de planejamento e projetos da Organização Latino-Americana de Energia (Olade). E-mail: **nestor.luna@olade.org**.

Lula apresenta ações de incentivo ao setor sucroenergético entre 2003 e 2010 – Sítio Eletrônico do MAPA – 22/11/2010

Brasília - O presidente Luiz Inácio Lula da Silva apresenta as ações governamentais para o setor sucroalcooleiro no período 2003-2010, às 10h30 desta terça-feira, 23 de novembro, em Ribeirão Preto (SP). Participam da cerimônia os ministros da

Agricultura, Wagner Rossi, e da Secretaria-Geral, Luis Dulci, e o presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli.

Os destaques são a instituição de uma política que orienta a expansão sustentável da cana-de-açúcar, a ampliação do financiamento para modernização do setor, a destinação de crédito para estocagem de etanol e investimentos em pesquisa.

Serviço

Cerimônia de apresentação das ações para o setor sucroalcooleiro 2003-2010

Dia: 23.11.2010

Hora: 10h30

Local: Centro de Convenções Taiwan, rodovia Ribeirão Preto, Bonfim Paulista, km 310, Royal Park - Ribeirão Preto (SP)

Brasil discute produção de etanol na Organização Internacional do Açúcar – Sítio Eletrônico do MAPA – 29/11/2010

Brasília - A produção de etanol vem ganhando espaço nas pautas da Organização Internacional do Açúcar (OIA). "Sem o etanol no mercado, poderia haver um desequilíbrio na oferta mundial de açúcar", afirma o diretor de Cana-de-Açúcar e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Cid Caldas. Para ele, a organização, que tradicionalmente trata apenas o mercado açucareiro, já incluiu o etanol nas discussões. Caldas e o secretário de Agroenergia do ministério, Manoel Bertone, representam o governo brasileiro no 19º Seminário da OIA, de 29 de novembro a 3 de dezembro, em Londres (Inglaterra).

"A organização apresentará os números da produção mundial e consumo do etanol e do açúcar", destaca o coordenador. Ele ressalta que o OIA está preparando o primeiro anuário estatístico do etanol, para divulgar em maio de 2011. "As reuniões da organização, habitualmente realizados em Londres, tornaram-se o principal encontro do setor açucareiro e agora também do setor de etanol, devido à importância que o biocombustível vem garantindo no mundo todo", enfatiza.

Os representantes brasileiros no encontro apresentarão as ações governamentais de apoio ao setor sucroalcooleiro, as políticas públicas de fomento às atividades e a expectativa de produção para a próxima safra de cana-de-açúcar, etanol e açúcar. "Também comentaremos as ações do Compromisso Nacional Para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana, Plano Setorial de Qualificação para Cortadores de Cana e a participação da cana no recém lançado Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC)", informa Cid Caldas.

Líder mundial na produção de açúcar e etanol de cana-de-açúcar, o Brasil é responsável por mais de 50% do comércio internacional. A experiência brasileira com etanol combustível tornou-se referência mundial no campo das energias renováveis, como forma de reduzir as emissões dos gases de efeito estufa e a dependência de combustíveis fósseis. A produção de cana-de-açúcar no país tem crescido 11% ao ano. (*Sophia Gebrim*)

Graça Foster deve ganhar mais poder em governo Dilma - Cláudia Schüffner – Valor Econômico – Política – 05/11/2010

Transição Ausência de ambições eleitorais favorece ascensão de

Cotada para cargos no governo de Dilma Rousseff que vão desde o Ministério da Casa Civil até a presidência da Petrobras, em substituição a José Sergio Gabrielli, Maria das Graças Silva Foster, ou Graça, como prefere ser chamada, conheceu a presidente eleita em 1999, quando Dilma era secretária de Energia do Rio Grande do Sul e presidente do conselho de administração da distribuidora Sulgás.

Ao contrário de outros cotados à Casa Civil, a atual diretora de gás e energia da Petrobras não tem pretensões eleitorais, o que conta a favor do ocupante do cargo que tem o governo nas mãos.

Ter seu nome sob os holofotes não é uma situação confortável para essa executiva de 56 anos formada em engenharia química com mestrado em engenharia nuclear e MBA em economia pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) que é a jovem avó de uma menina já adolescente.

Respondeu aos pedidos de entrevista essa semana dizendo que não tinha o que dizer já que não recebeu nenhum convite e, além disso, avalia que qualquer declaração sua pode parecer que estaria "se promovendo".

Quando conheceu a presidente eleita, a executiva era gerente da área de Tecnologia do Gás Natural da Gaspetro, subsidiária da Petrobras e subordinada, na época, a Rodolfo Landim, então presidente da Gaspetro. Ambos respondiam a Delcídio Gomez do Amaral, hoje senador pelo PT do Mato Grosso do Sul e primeiro diretor da área de Gás e Energia da estatal.

O contato com Dilma no Rio Grande do Sul trouxe a confiança que a levou a futura presidente do Brasil a convidar Graça Foster para a secretaria de Petróleo e Gás quando assumiu o ministério de Minas e Energia (MME) no primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ela ocupou o cargo por dois anos e oito meses, período em que as duas mulheres fortes da área de energia ficaram ainda mais próximas.

"A relação entre elas se fortaleceu no Ministério de Minas e Energia até porque as duas têm um estilo gerencial muito parecido", afirma um interlocutor privilegiado de ambas. "Naquela época Dilma não tinha contato com a Petrobras, só com a Gaspetro, e Graça era alguém que ela conhecia e podia chamar", lembra um executivo da época.

Após sua aproximação com Dilma, a ascensão de Graça Foster na Petrobras foi muito rápida.

Ela voltou de Brasília — cidade em que não gostou de morar, principalmente porque estava longe da família — para ocupar a presidência da Petroquisa. A botafoguense "doente" e moradora de Copacabana voltava para o Rio depois de ficar dois anos e oito meses em Brasília, onde trabalhou no MME de janeiro de 2003 a setembro de 2005.

Da Petroquisa a executiva foi presidir a BR Distribuidora, ocupando o lugar de José Eduardo Dutra, onde organizou o mercado de biocombustíveis. Ficou na subsidiária até setembro de 2007, quando se tornou a primeira mulher a assumir uma diretoria da Petrobras, substituindo Ildo Sauer — um desafeto da presidente eleita — que foi afastado do cargo. Naquele ano a área de Gás e Energia da Petrobras registrou prejuízo de R$ 1,38 bilhão, que se transformou em lucro de R$ 914 milhões no ano passado. O resultado da área ainda foi negativo em R$ 315 milhões em 2008, grande parte provocado por multas cobradas pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) por descumprimento de contratos de suprimento de gás.

Uma das missões de Graça quando como diretora da Petrobras era melhorar o relacionamento institucional da estatal com a agência reguladora de energia elétrica, que havia se tornado muito tenso na gestão de Sauer, quando a Aneel era comandada por Jerson Kelman.

Com Graça na Petrobras e Nelson Hubner, outro aliado da presidente eleita, na diretoria-geral da Aneel, as tensões foram, aparentemente, contornadas.

"A Petrobras teve que aprender o setor de energia elétrica na visão do gerador de energia de base hídrica, teve que aprender como funciona e opera. E as geradoras de energia hídrica aprenderam o que é o gás e o petróleo. Foi um aprendizado. [Tivemos] Momentos muito difíceis para todos e a gente vem recompondo essa relação ao longo desse ano", contou Graça Foster em uma entrevista ao Valor em setembro de 2007.

O estilo de Graça é duro, muito parecido com o da própria Dilma, e alguns executivos que lidaram com ela nos últimos anos usaram as palavras como "intransigente" quando questionados sobre sua gestão na área de Gás e Energia da Petrobras. Nenhum quis se expor ao dar declarações.

Com a Associação Brasileira das Distribuidoras de Gás (Abegás) ela travou uma queda de braço em torno dos preços do gás natural que terminou por retirar a Gaspetro da associação este ano, apesar da subsidiária ter participação acionária em 21 das 27 distribuidoras de gás do país.

Na época, Graça justificou a medida em entrevista ao Valor dizendo que a Petrobras tinha que se unir às empresas que produzem, carregam e transportam gás, não de quem vende.

Outra característica da executiva é o horário de trabalho, que pode começar às 7h e se estender até as 21h, além do fervor quase religioso com que defende a Petrobras como corporação. "Ela tem um carimbo na testa. E está escrito Petróleo Brasileiro S/A", diz um interlocutor de Brasília.

Tanto esforço lhe rendeu críticas nas negociações para regulamentação da Lei do Gás. Mas Graça defende a lei que, segundo ela, "traz disciplina ao mercado".

Energia brasileira é uma das mais caras do mundo, afirma presidente da Alcoa - Daniela Chiaretti – Valor Econômico – Brasil – 09/11/2010

A Alcoa chegou ao Brasil há quase 50 anos, atraída pela grande reserva de bauxita e pelos preços baixos da energia elétrica.

Hoje, a fabricante de alumínio americana ainda encontra no Brasil a terceira reserva do minério do planeta, mas a energia é uma das mais caras do mundo.

"Neste ponto temos que ter um componente importante de política pública", diz Franklin L. Feder, presidente da Alcoa América Latina e Caribe.

Um conjunto de sugestões na área de energia será feito hoje, em São Paulo, por Feder e líderes de outras 26 empresas com a articulação do Centro de Estudosem Sustentabilidade da Fundação Getulio Vargas (GVces) e depois entregues ao governo de transição e à presidente eleita Dilma Rousseff. A ideia é apontar caminhos para a economia de baixo carbono no Brasil.

"Primeiro é preciso desonerar a carga tributária no setor de energia", pontua Feder. Ele diz que o peso dos impostos na transmissão da energia elétrica é "avassalador" e "afeta a competitividade" brasileira. "No caso da Alcoa, a energia brasileira é a mais cara do mundo", diz o presidente da empresa. A Alcoa está presente em quase 40 países.

Segundo Feder, a alta dos preços da energia se explica por quatro fatores. "Durante muito tempo o país deixou de investir em novas fontes de geração", explica.

Osegundo ponto é a tributação e há ainda o crescimento significativo da demanda. O câmbio é a quarta perna dessa equação.

No estudo feito pelo centro de sustentabilidade da FGV há três setores analisados — transportes, agricultura e energia. No capítulo dedicado ao setor energético brasileiro reforça-se a ideia que o país tem matriz energética limpa, com baixo índice de emissão de gases-estufa, mas que o quadro deve mudar em 20 anos. "A foto é bonita, mas quando apresentamos o filme em movimento, vemos que estamos sujando a matriz e ficando na contramão do mundo todo", diz Mario Mozoni, professor de sustentabilidade da Fundação Getulio Vargas e coordenador do GVCes. "O que temos hoje nenhum país tem, mas precisamos fazer mais", continua. "O Brasil não pode se acomodar no binômio etanol e energia hídrica", alfineta. "Temos a oportunidade de avançar nesta agenda e construir um ambiente empresarial inovador." O grupo de CEOs que desde 2009 se uniram na chamada Plataforma Empresas pelo Clima, recomendam ao governo que estimule a expansão de novas fontes de energias renováveis e vá além da base hídrica. Uma expressãochave no estudo elaborado pelo GVces é a eficiência energética. "Conservar e ser eficiente é o kilowatt/hora mais barato que existe", reforça Monzoni.

"Somos muito pouco eficientes neste campo", prossegue.

O documento que será divulgado hoje — "Recomendação de Políticas Públicas para uma Economia de Baixo Carbono no Brasil" — sugere mais incentivos para motivar a eficiência energética.

"Não que o Brasil tenha se furtado a andar por este caminho", reconhece Feder, da Alcoa. "Mas precisa fazer mais." Ele reforça que a proposta do grupo de empresários "não é o chororô de sempre, mas de mostrar que cada um tem que fazer sua parte." Feder cita fabricantes de eletrodomésticos que vêm desenvolvendo produtos que consomem menos energia.

A Alcoa, diz ele, reduziu a emissão de gases-estufa em 45%, no mundo, em relação a 1990 — e no mesmo período a produção se elevou em 30%. Lembra que energia, para fabricantes de alumínio, é um insumo tão fundamental quanto a bauxita. E que se se trata de um setor que emite muito, também recicla muito. "O início da produção de alumínio no mundo foi em 1880, e 70% do alumínio produzido de lá para cá continua a ser usado até hoje." Monzoni lembra que o ponto fraco do setor energético brasileiro é o transporte, calcado em base rodoviária, muito emissor e caro.

"Se daqui a 15 anos continuarmos a sermos só o país do caminhão, vamos ficar fora do mercado", diz.

A proposta é que o país invista no intermodal, com mais ferrovias e transporte por navios.

O desenvolvimento dito sustentável – Carlos Lessa – Valor Econômico – Opinião – 10/11/2010

O neomalthusianismo, adepto do controle e da "redução" demográfica, tem versões modernas.

O Clube de Roma chamou atenção para a exaustão dos recursos econômicos não renováveis, com a ideia subjacente de uma expansão demográfica sobre a biosfera não renovável. O "homo sapiens" instalado na biosfera vem prosperando numericamente e multiplicando (com enorme assimetrias) o padrão de vida. A população, tal como uma colônia de cupins instalada em uma viga de madeira, pode se alimentar bem, inclusive multiplicando os membros e sua colônia. Porém, quando a viga de madeira é corroída, a colônia de cupins desaparece. A ideia é que o planeta tem certa disponibilidade de terra, água, minérios e oxigênio equivalente a uma viga de madeira e o uso crescente dessa disponibilidade apontaria para um apocalipse. Variações geoclimáticas, novas pragas e doenças ou fantasias dignas de filmes de terror sinalizam que o desenvolvimento das forças produtivas é irresponsável.

De forma bem educada, há crescente deposição de confiança no desenvolvimento

científico e tecnológico, que funciona como um multiplicador de acessos aos recursos existentes, redefinindo e ampliando sua aplicabilidade aos padrões sociais. Em simultâneo, prosperou o discurso que propõe padrões de sustentabilidade, isto é, a prevalência de um sistema redutor de desperdícios.

A tarefa da ciência e tecnologia seria o desenvolvimento de novas técnicas que permitissem reduzir o desperdício, ou seja, multiplicar o que o "homo sapiens" utiliza da biosfera. Se a ciência e tecnologia estiverem orientadas para a redução do desperdício, e as normas sociais assimilarem essas técnicas, o mundo iria evoluir para uma economia de baixo carbono.

Nenhum recurso é tão importante e essencial para os padrões de vida da atualidade, inclusive de suas assimetrias, do que a energia fóssil concentrada em carvão e, principalmente, em petróleo.

O petróleo do pré-sal brasileiro abre para o Brasil a possibilidade de encaminhar nossas forças produtivas em direção à superação de nossas assimetrias e desigualdades sociais.

Tudo leva a crer que a presidente Dilma considera que o desenvolvimento dos campos do présal irá gerar, pelas exportações de petróleo cru, os recursos necessários para evoluirmos em direção a umasociedade mais justa e adepta de práticas de redução de desperdício e produção com baixo carbono. Essa é uma visão gratificante, porém ingênua.

Se a humanidade superar a crise e voltar a crescer, o preço do petróleo cru se elevará. Minérios mais difíceis, como areias betuminosas ou prospecção em zonas desérticas, glaciares ou marinhas serão procedimentos para obter algum "novo" petróleo. Quem dispõe do petróleo da Península Arábica (custo de extração próximo a US$ 1 por barril) ou do brasileiro (com o pré-sal a US$ 25 por barril) estará recebendo um ganho crescente, pois o preço mundial será comandado pelo petróleo com alto custo.

Como o petróleo está presente em praticamente toda produção de bens e serviços, haverá inexoravelmente uma inflação de custo, o que significa que durante décadas o petróleo será cada vez mais caro, com valor superior ao ouro ou a título de dívida de qualquer país como" base" financeira. Isso irá se refletir no cenário geopolítico e geoeconômico. Mesmo após um colapso parcial derivado da escassez, o que sobrar de petróleo seguirá sendo uma base financeira de crescente importância.

O Brasil não deve transferir propriedade de reserva de petróleo para nenhuma outra companhia que não a Petrobras. Principalmente não devemos nos converter em exportadores de petróleo cru.

Utilizemos o pré-sal para desenvolver a matriz hidrelétrica. Utilizemos nossa nova base financeira para captar recursos que nos permitam mudar radicalmente a estrutura de transporte brasileira: precisamos de ferrovias que integrem todas as regiões e façam nossa ligação com o Pacífico; precisamos desenvolver a indústria naval, a navegação de cabotagem e a utilização racional de nossas bacias hidrográficas.

O petróleo do pré-sal tem que ser exportado gota a gota, e cada gota deve ter um

destino pensado e relevante para o desenvolvimento das forças produtivas, do mercado interno e da ampliação das políticas sociais e da educação.

Nas condições atuais, a exportação do petróleo do pré-sal instalará no Brasil a doença da desindustrialização e servirá, inclusive, para importarmos alface francesa prélavada, à venda nos supermercados dos bairros com alto poder aquisitivo. Em vez da reforma e ampliação infraestrutural, as exportações do pré-sal podem se converter numa maldição.

O argumento entreguista próexportação do pré-sal se alinha com o desejo de ampliar investimentos brasileiros no exterior; com o argumento de como o petróleo vai se esgotar e, então, é melhor vendê-lo logo, para nos beneficiarmos da demanda. O petróleo do pré-sal não vai desaparecer. E, com a escassez do petróleo, o Brasil pode ampliar sua soberania.

Presidente Dilma, não embarque na canoa furada de utilizar a exportação de petróleo para preparar o Brasil para a economia de baixo carbono. Isso é profundamente ingênuo. O Brasil tem que ampliar o mercado interno, multiplicar empregos urbanos de qualidade, combater os desperdícios pelo controle dos padrões tecnológicos utilizados pelas filiais estrangeiras no Brasil. É impressionante a diferença de produtos de marca entre os aqui disponíveis e os fabricados pelas filiais das mesmas multinacionais no primeiro mundo. Sem navegação de cabotagem e ferrovias troncais, o Brasil continuará a transportar por caminhão do Oiapoque ao Chuí — e esse é o principal desperdício de petróleo.

O petróleo do pré-sal não desaparecerá. Com a falta do combustível, o país pode ampliar a sua soberania

Carlos Francisco Theodoro Machado Ribeiro de Lessa é professor emérito de economia brasileira e ex-reitor da UFRJ.

Foi presidente do BNDES; escreve mensalmente às quartas-feiras.

E-mail: carlos-lessa@oi.com.br

Consumo de etanol recua 11% no Brasil em outubro - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 10/11/2010

Nos dez primeiros meses do ano, a queda chega a 13%

De São Paulo

O consumo de etanol no mês de outubro seguiu a tendência apresentada nos meses anteriores e voltou a cair nos postos de combustíveis do Brasil. De acordo com o Sindicom (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes), cujas associadas representam 60% do mercado de etanol do país, foram comercializados 799 milhões de litros do combustível "verde" neste ano, 11% menos do que no mesmo mês de 2009, quando o consumo de álcool hidratado foi recorde.

No acumulado do ano, a queda é mais acentuada e atinge 13%, com o consumo de 7,1 bilhões de litros, ante os 8,2 bilhões de litros de igual intervalo de 2009, de acordo com dados do Sindicom.

A demanda menor reflete os preços mais elevados do etanol, que acabou perdendo competitividade para a gasolina — para ser viável ao consumidor final nos postos, o etanol tem que custar até 70% do preço da gasolina.

Mas não houve apenas transferência dos "clientes" do etanol para os do combustível fóssil. Com seus preços mais elevados, o etanol também perdeu fatia do crescimento do mercado de combustíveis.

Isso porque, segundo dados do Sindicom, entre janeiro e outubro, o etanol "perdeu" consumo de 1,1 bilhão de litros, enquanto a gasolina "ganhou" 2,6 bilhões, elevando suas vendas de 15,5 bilhões de litros nos primeiros dez meses de 2009 para 18,1 bilhoes de litros no mesmo período deste ano.

O consumo de combustível cresceu, diz Alísio Mendes Vaz, vicepresidente do Sindicom, mas não dá para saber se o patamar de consumo para ser usado como referência para o etanol é o realizado no ano passado. "Em 2009, os preços nas usinas sucroalcooleiras estavam muito baixos, aquém do custo de produção", diz Vaz.

No início desta safra, em maio, as usinas já estavam recebendo 28% mais pelo etanol hidratado do que um ano antes, ou seja, em maio de 2009. Ainda, ao longo da temporada, ou seja, de maio deste ano até agora, os preços do biocombustível já se valorizaram 34% na usina, fechando a R$ 0,98 o litro, segundo o indicador Cepea/Esalq do hidratado na última semana.

"Nos postos de combustíveis os últimos reajustes foram feitos há um mês, segundo Vaz. No entanto, a viabilidade para o consumidor está, na média, existindo em apenas quatro Estados", diz Mendes. São eles, São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e Goiás.

Biodiesel

Selo social: preço do último leilão gera preocupação do MDA com usinas menores – Sítio eletrônico do Biodiesel Br – 01/11/2010

O último leilão de biodiesel, realizado no fim de agosto, foi marcado por novidades. Primeiro teve o preço médio, com deságio recorde de 24,86%. Com isso o valor ficou próximo do negociado para o litro de diesel. Mas outra novidade é que dessa vez treze usinas venderam o suficiente no leilão para registrar uma ocupação próxima de 80%, o limite imposto pela ANP. Com isso, o volume de aquisições de matéria-prima junta a produtores familiares dessas usinas precisa aumentar, uma vez que a manutenção do Selo Combustível Social depende disso.

"Nós trabalhamos em cima do percentual da entrega do combustível", alerta o coordenador de biocombustíveis do MDA, Marco Antônio Viana Leite. Dessa maneira as usinas que venderam volumes acima do que estavam acostumadas, terão que garantir percentual equivalente de aquisição de matéria-prima da agricultura familiar.

Para o MDA, que gerencia o Selo Combustível Social, a situação em si não preocupa. "As usinas que mais venderam no leilão são as que já têm um potencial de geração de matéria-prima e um histórico de aquisição que não nos preocupa", avalia o coordenador de biocombustíveis, Marco Antônio Viana Leite. "A gente tem um pouco mais de receio com as empresas que não tem essa originação", completa.

"Nossa principal preocupação é com o preço no mercado. Se a empresa já está com a matéria-prima negociada, não vai ter problema. Ela vai deixar de ganhar, mas está lastreada para entregar o combustível", analisa. Apesar do Ministério avaliar que o preço do último leilão realmente pode complicar a vida das usinas, Leite alerta que esse tipo de situação não servirá de justificativa para quem não cumprir o percentual mínimo de aquisição do Selo, que é de 50% no Nordeste, 30% no Sul e Sudeste e 10% no Centro-Oeste e Norte.

O coordenador de Biocombustível do MDA, no entanto, está confiante. "O desempenho das usinas no Selo melhorou muito. Não acho que ninguém tenha vendido no leilão sem ter condição de entregar", afirma.

Retirada do selo

Segundo Leite, o MDA deve concluir até o próximo dia 7 de novembro a análise do desempenho das usinas com selo social em 2009. "O número de usinas que serão notificadas certamente diminuiu", adianta. O MDA dá como certo que a retirada do selo sairá antes do 20º leilão de biodiesel.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

A agricultura familiar e o programa nacional de biodiesel - Biodiesel Br – 04/11/2010

Lançado em 2004 com o objetivo de alavancar as energias renováveis no Brasil e ao mesmo tempo criar uma nova alternativa produtiva e de inclusão social para a agricultura familiar, o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) completa seis anos tendo incluído apenas metade das 200 mil famílias previstas nas metas iniciais.

Depois de uma traumatizante experiência com a Brasil Ecodiesel nos primeiros quatro anos do PNPB, a entrada da Petrobrás Biocombustível no mercado do biodiesel, com duas usinas no Nordeste e uma em Minas Gerais, deu um novo impulso à participação de pequenos agricultores nessas regiões, mas matérias-primas típicas da agricultura familiar, como a mamona e o dendê, ainda são parte irrisória da composição do biodiesel nacional.

Nos estados do Nordeste, produtores ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) avaliam positivamente as parcerias com a Petrobrás, mas seu papel na cadeia produtiva, limitada ao fornecimento de matéria-prima, ainda é uma das principais críticas ao PNPB. No Sul, onde a estatal ainda não tem uma presença mais forte, é a autoorganização dos pequenos agricultores (principalmente produtores de soja) que está alavancando a sua participação na produção de biodiesel a partir de negociações com usinas do setor.

Já no Norte, o governo está criando um novo projeto de produção de dendê com participação da Agricultura Familiar, que deve enfrentar grandes desafios. Apesar dos esforços para criar mecanismos que imprimam um caráter de sustentabilidade social e ambiental à cultura, problemas como concentração fundiária, expulsão de famílias de suas terras, violações de direitos trabalhistas e desmatamento já marcam projetos de dendeicultura no Pará, principal Estado produtor do país.

É inegável o esforço de setores do governo e da própria Petrobrás para fortalecer o componente social na cadeia do biodiesel. Não é à toa que desde 2008 o número de famílias integradas ao programa tem aumentado e novas matérias-primas tornam-se opção, ainda que extremamente tímidas, para as usinas. Mas os agricultores familiares e os movimentos sociais que os representam querem mais – e tem todo o direito de exigirem isso.

Primeiro, porque a opção da política pública que concebeu o Selo Combustível Social empodera desigualmente usinas e agricultores. São as usinas que recebem diretamente benefícios fiscais, financiamento de bancos públicos para sua infra-estrutura e o poder de decidir de quem e qual matéria-prima comprar. Ainda que as associações de produtores tenham a obrigação de avalizar os contratos com as usinas, esse poder de veto se mostrou frágil em episódios recentes.

Segundo, porque, com pouca assistência técnica e crédito – ainda que em volumes crescentes –, os agricultores familiares têm enfrentado as maiores dificuldades para ampliarem a produtividade de suas culturas. Sem volume de produção, eles pouco

podem oferecer às cadeias do biodiesel. Vale aqui lembrar que o MDA previa esse problema quando concebeu o Selo Combustível Social, e por isso defendia que o aumento da mistura do B1 ao B5 fosse feita lentamente, até pelo menos 2013, para que houvesse tempo para capacitar os produtores. O intenso lobby das empresas, porém, acelerou a entrada em vigor do B5 para 2010.

Terceiro, porque o Selo Combustível Social sofre resistência de algumas empresas de biodiesel. Na opinião de uma parcela do empresariado, a obrigação de compra de matérias-primas colhidas por pequenos produtores reduz a rentabilidade econômica do negócio e o torna mais complexo. Isso significa que caso o arranjo político que sustenta o Selo seja fragilizado ou desfeito, a história do biodiesel no Brasil pode se aproximar cada vez mais da do etanol, em que as usinas ditam as regras do jogo.

O PNPB e o Selo Combustível Social são exemplos de como uma política pública pode induzir o desenvolvimento econômico e social. Em menos de seis anos de existência do programa, dezenas de bilhões de reais já foram investidos para levantar, a partir do zero, um parque industrial hoje composto por 62 usinas em quinze Estados brasileiros, capazes de produzir 14,4 mil metros cúbicos do combustível por dia. Esses números já colocam o país entre os três maiores produtores mundiais do combustível. O desafio é levar esse sucesso aos agricultores familiares, historicamente alijados das grandes metas agrícolas nacionais, mas que podem efetivamente cumprir um papel importante na cadeia do biodiesel, produzindo óleos alternativos ao da soja e desenvolvendo técnicas mais sustentáveis de cultivo do que as empregadas pelas grandes monoculturas.

A agricultura familiar e o programa nacional de biodiesel – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 04/11/2010

Lançado em 2004 com o objetivo de alavancar as energias renováveis no Brasil e ao mesmo tempo criar uma nova alternativa produtiva e de inclusão social para a agricultura familiar, o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) completa seis anos tendo incluído apenas metade das 200 mil famílias previstas nas metas iniciais.

Depois de uma traumatizante experiência com a Brasil Ecodiesel nos primeiros quatro anos do PNPB, a entrada da Petrobrás Biocombustível no mercado do biodiesel, com duas usinas no Nordeste e uma em Minas Gerais, deu um novo impulso à participação de pequenos agricultores nessas regiões, mas matérias-primas típicas da agricultura familiar, como a mamona e o dendê, ainda são parte irrisória da composição do biodiesel nacional.

Nos estados do Nordeste, produtores ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) avaliam positivamente as parcerias com a Petrobrás, mas seu papel na cadeia produtiva, limitada ao fornecimento de matéria-prima, ainda é uma das principais críticas ao PNPB. No Sul, onde a estatal ainda não tem uma presença mais forte, é a autoorganização dos pequenos agricultores (principalmente produtores de soja) que está alavancando a sua participação na produção de biodiesel a partir de

negociações com usinas do setor.

Já no Norte, o governo está criando um novo projeto de produção de dendê com participação da Agricultura Familiar, que deve enfrentar grandes desafios. Apesar dos esforços para criar mecanismos que imprimam um caráter de sustentabilidade social e ambiental à cultura, problemas como concentração fundiária, expulsão de famílias de suas terras, violações de direitos trabalhistas e desmatamento já marcam projetos de dendeicultura no Pará, principal Estado produtor do país.

É inegável o esforço de setores do governo e da própria Petrobrás para fortalecer o componente social na cadeia do biodiesel. Não é à toa que desde 2008 o número de famílias integradas ao programa tem aumentado e novas matérias-primas tornam-se opção, ainda que extremamente tímidas, para as usinas. Mas os agricultores familiares e os movimentos sociais que os representam querem mais – e tem todo o direito de exigirem isso.

Primeiro, porque a opção da política pública que concebeu o Selo Combustível Social empodera desigualmente usinas e agricultores. São as usinas que recebem diretamente benefícios fiscais, financiamento de bancos públicos para sua infra-estrutura e o poder de decidir de quem e qual matéria-prima comprar. Ainda que as associações de produtores tenham a obrigação de avalizar os contratos com as usinas, esse poder de veto se mostrou frágil em episódios recentes.

Segundo, porque, com pouca assistência técnica e crédito – ainda que em volumes crescentes –, os agricultores familiares têm enfrentado as maiores dificuldades para ampliarem a produtividade de suas culturas. Sem volume de produção, eles pouco podem oferecer às cadeias do biodiesel. Vale aqui lembrar que o MDA previa esse problema quando concebeu o Selo Combustível Social, e por isso defendia que o aumento da mistura do B1 ao B5 fosse feita lentamente, até pelo menos 2013, para que houvesse tempo para capacitar os produtores. O intenso lobby das empresas, porém, acelerou a entrada em vigor do B5 para 2010.

Terceiro, porque o Selo Combustível Social sofre resistência de algumas empresas de biodiesel. Na opinião de uma parcela do empresariado, a obrigação de compra de matérias-primas colhidas por pequenos produtores reduz a rentabilidade econômica do negócio e o torna mais complexo. Isso significa que caso o arranjo político que sustenta o Selo seja fragilizado ou desfeito, a história do biodiesel no Brasil pode se aproximar cada vez mais da do etanol, em que as usinas ditam as regras do jogo.

O PNPB e o Selo Combustível Social são exemplos de como uma política pública pode induzir o desenvolvimento econômico e social. Em menos de seis anos de existência do programa, dezenas de bilhões de reais já foram investidos para levantar, a partir do zero, um parque industrial hoje composto por 62 usinas em quinze Estados brasileiros, capazes de produzir 14,4 mil metros cúbicos do combustível por dia. Esses números já colocam o país entre os três maiores produtores mundiais do combustível. O desafio é levar esse sucesso aos agricultores familiares, historicamente alijados das grandes metas agrícolas nacionais, mas que podem efetivamente cumprir um papel importante na cadeia do

biodiesel, produzindo óleos alternativos ao da soja e desenvolvendo técnicas mais sustentáveis de cultivo do que as empregadas pelas grandes monoculturas.

Para ver o trabalho, clique abaixo: http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/AgriculturaFamiliar_Biodiesel2010.pdf

Verena Glass - Reporter Brasil

ANP autoriza construção da quarta maior usina de biodiesel do Brasil – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 05/11/2010

O Rio Grande do Sul irá ganhar mais uma usina de biodiesel. A Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) publicou hoje no Diário Oficial da União a autorização de construção da unidade da Bianchini em Canoas. A usina terá capacidade de produção de 324 milhões de litros de biodiesel por ano, a quarta maior do país, atrás apenas da Oleoplan (RS), ADM (MT) e Granol (RS).

A nova unidade será construída no parque industrial da empresa, em Canoas. A Bianchini é uma empresa nacional do ramo de beneficiamento de grãos. A construção da usina foi anunciada no ano passado pelo superintendente da empresa, Arlindo Bianchini.

A ANP também autorizou a operação da usina da Delta Biocombustíveis em Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. A unidade tem capacidade de produção de 108 milhões de litros a partir de soja.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

Dados preliminares indicam recorde de produção de biodiesel em setembro- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 04/11/2010

A produção de biodiesel em setembro alcançou 233 milhões de litros, segundo dados preliminares divulgados no Boletim Mensal dos Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia (MME). Se o número se confirmar, essa será a maior produção mensal desde o início do programa.

No acumulado no ano, entre janeiro e setembro, a produção atingiu 1,78 bilhão de litros, contra 1,13 bilhão no mesmo período de 2009, um aumento de 57%.

Entregas
O desempenho médio das entregas no terceiro trimestre foi favorável e ficou acima de 100%. Pelos contratos, a faixa de variação permitida das entregas é entre 90% e 110%.

O Boletim do MME não mostrou ainda como se comportaram as entregas em outubro, referentes ao 19º leilão, cujo deságio médio foi recorde. Há uma preocupação no mercado em relação a essas entregas, visto que o preço do biodiesel

caiu e a cotação da principal matéria-prima, tanto na Bolsa de Chicago como no mercado doméstico, teve alta expressiva em setembro e início de outubro.

Relatório diz que biocombustíveis são piores que combustíveis fósseis – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 08/11/2010

Mais um relatório sobre o impacto do aumento do uso de biocombustíveis aponta problemas na sustentabilidade desses produtos. O documento, endossado por nove entidades ambientais como o Greenpeace, aponta que nos próximos dez anos a Europa terá que ocupar mais de 69 km quadrados de terras agricultáveis para dar conta do aumento do uso de etanol e biodiesel. A devastação produzida por essa expansão irá agravar as mudanças climáticas enfrentadas pelo planeta, afirma o relatório.

Segundo as instituições ambientalistas uma área igual a duas vezes o tamanho da Bélgica terá que ser convertida em plantações, o que irá provocar a derrubada de florestas e a extinção de ecossistemas. O documento recomenda que o continente mude seus planos de substituição do diesel mineral até 2020.

"A escala da destruição que a Europa irá causar com seus planos de expansão de biocombustíveis está agora clara – florestas e a natureza serão destruídas para abastecer nossos carros. O resultado da emissão de mais gases do efeito estufa fazem os biocombustíveis piores que os combustíveis fósseis. A União Eurpéia precisa revisar a sustentabilidade dos combustíveis renováveis e garantir que seu uso não cause mais problemas ambientais e destruição", afirmou Adrian Bebb da Friends of the Earth Europe.

A pesquisa considerou que o uso de biocombustíveis deverá representar 9,5% do combustível usado na Europa em 2020 e que mais de 90% virá de matérias-primas usadas na indústria da alimentação. Segundo os estudos, o uso indireto de terras para a expansão dos biocombustíveis irá emitir de 27 a 56 milhões de toneladas de gases do efeito estufa por ano.

O relatório aponta que cinco países serão responsáveis por dois terços das emissões provocadas pelos biocombustíveis: Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália e França. O texto ainda alerta: "se a política de biocombustíveis da União Européia não mudar os combustíveis renováveis que o continente irá usar na próxima década serão, em média, de 81 a 167% piores para o meio ambiente que os combustíveis fósseis.

"Os biocombustíveis não são a solução ambientalmente correta para a questão da energia. Os planos da União Européia de expansão dos combustíveis renováveis dão um cheque em branco para as empresas para que continuem a pegar terras dos países mais pobres do mundo para produzir combustível aos invés de produzir comida. A política européia está colocando milhões de pessoas em perigo, além de ameaçar a frágil segurança alimentar da África", conclui Laura Sullivan da ActionAid.

Rosiane Correia de Freitas - BiodieselBR.com

Produtores de mamona têm oportunidade de conhecer novos cultivos - Sítio eletrônico Biodiesel Br – 08/11/2010

Na próxima terça, dia 9, agricultores de 16 municípios alagoanos estarão reunidos em Craíbas (AL) para o Encontro dos Produtores de Mamonas e Outras Culturas no Agreste Alagoano. O evento, promovido pelo Sebrae em Alagoas, tem como objetivo promover a integração entre esses produtores e a discussão de temas que possam contribuir para o desenvolvimento da atividade no Estado.

O evento deve reunir cerca de 300 participantes, entre produtores, técnicos e consultores do Projeto de Agroenergia, coordenado pelo Sebrae no estado. O "Encontro dos Produtores de mamonas e Outras Culturas" será realizado na Mineração do Vale Verde, das 8h às 17h.

Entre os assuntos abordados estão os cuidados com o plantio para melhor aproveitamento da cultura, com atenção a aspectos relacionados ao espaçamento, limpeza, controle de pragas e doenças. Durante o encontro, os participantes poderão conhecer outras formas de culturas que podem ser desenvolvidas em paralelo ao cultivo da mamona, a exemplo do girassol, mandioca e sorgo.

A programação inclui palestras sobre "Os Desafios da Cultura da Mamona e Gergelim no Semi-Árido Nordestino", "A Cultura do Girassol no Agreste Alagoano", "A Experiência da Coopaf – Cooperativa de Produtores e Comercialização da Agricultura Familiar do Estado da Bahia", "A Cultura da Mandioca no Estado de Alagoas" e "A Cultura do Sorgo no Semi-Árido Alagoano".

– A ideia é proporcionar acesso a novos conhecimentos sobre diversos plantios que possam incrementar a renda dos produtores, como as técnicas de diferentes culturas – diz a analista da Carteira da Indústria do Sebrae em Alagoas, Giulianna Teixeira.

Projeto de Agroenergia
Cerca de 400 agricultores familiares produtores de mamona de municípios alagoanos participam do Projeto de Agroenergia, desenvolvido para promover o agronegócio da mamona e outras oleaginosas, com foco na produção de óleo para a indústria do biodiesel e de farmacoquímica. A ação visa também à disseminação de tecnologias aplicadas ao aproveitamento dos co-produtos para nutrição animal. A ideia é gerar ocupação, renda e inclusão social, com responsabilidade ambiental no estado de Alagoas.

Entre as ações desenvolvidas estão capacitações, consultorias, além de ações de mercado.

AGÊNCIA SEBRAE

ANP deve renunciar a leilões de biodiesel após definição do marco legal – Sítio eletrônico Biodiesel Br – 11/11/2010

Responsável pela regulação do mercado de biocombustíveis, a ANP (Agência Nacional do Petróleo) vai deixar de realizar leilões de venda de biodiesel, quando for aprovado pelo Congresso o projeto em tramitação do novo marco regulatório dos combustíveis renováveis, informou nesta quarta-feira, Alan Kardec Duailibe, diretor da agência.

Segundo o diretor, a ANP é a única agência que não controla preço nem determina tarifa, mas assumiu a realização dos leilões para cumprir a exigência de ampliar gradualmente a mistura de biodiesel ao diesel convencional --hoje, em 5%. Havia ainda o receio que a Petrobras, compradora única, pressionasse os preços para baixo.

Os leilões são realizados trimestralmente. O preço é fixado e os produtores vendem à Petrobras o biodiesel em quantidade suficiente para suprir o mercado pelos próximos três meses.

Duailibe não previu quando ocorrerá a aprovação do novo marco regulatório, mas disse que as novas regras permitirão que o próprio mercado faça a comercialização do biocombustível.

PEDRO SOARES

MDA faz seleção de projeto para atender agricultores familiares com biodiesel
sítio eletrônico Biodiesel Br – 11/11/2010

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), abre nesta quarta-feira (10), inscrições para Concurso de Fomento a Participação da Agricultura Familiar na Cadeia Produtiva do Biodiesel. O objetivo é selecionar projeto para definir soluções gerenciais tecnológicas e implementá-las em empreendimentos coletivos de agricultores familiares. Serão utilizadas Metodologia de Assistência Técnica em Organização, Gestão, Produção e Comercialização para empreendimentos da Agricultura Familiar (MAT-Gestão).

O projeto selecionado irá atender 37 empreendimentos inseridos no Programa Nacional de Produção e Uso Sustentável do Biodiesel (PNPB), nos estados da Bahia, Ceará, Sergipe, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O projeto beneficia 18 mil agricultores familiares. As inscrições vão até 24 de novembro e o edital e os anexos do concurso encontram-se disponíveis no endereço: http://www.mda.gov.br/portal/saf/programas/biodiesel/3762497.

Poderão participar instituições qualificadas como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sendo recomendável que estejam previamente cadastradas no Sistema de Ater Pública (SIATER), nos estados que são objeto do concurso. Para apresentação das propostas, as instituições deverão acessar o Portal de Convênios (SICONV), no endereço: www.convenios.gov.br, e incluir a proposta no programa 4900020100108.

Para o diretor de Geração de Renda e Agregação de Valor da Secretaria da

Agricultura Familiar do MDA (SAF/MDA), Arnoldo de Campos, o objetivo com a seleção do projeto é melhorar a qualidade da gestão das cooperativas de agricultura familiar inseridas da cadeia produtiva do biodiesel e prepará-las para o desafio do crescimento. Segundo Campos, em 2006, eram quatro cooperativas de agricultores no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). Três anos mais tarde, em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, naquele ano, responderam por 64% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o Programa, totalizando cerca de R$ 677 milhões comercializados.

O diretor informa que a SAF/MDA irá capacitar, a partir de março de 2011, os técnicos que irão executar o projeto para a aplicação da MAT-Gestão. Estão previstas cinco oficinas para a capacitação.

Usinas boicotam leilão de estoque de biodiesel – Biodiesel Br – 12/11/2010

As cinco usinas convidadas pela Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), subsidiária da Petrobras, para participar de um leilão de compra de biodiesel para repor estoque informaram a empresa que não estariam dispostas a se submeter ao preço proposto. A negociação, que iria adquirir dois milhões de litros, tinha preço máximo estipulado de R$ 2,185 por litro. "Todas as usinas abdicaram de concorrer", informou o gerente comercial da Refap, Ricardo Finkler.

Sem participantes, o leilão foi adiado sem data definida. "Estamos estudando ainda como vamos fazer para repor os estoques", adiantou.

BiodieselBR inicia venda de**ferramenta de apoio para o leilão**

A Refinaria, que distribui combustível no Sul do país, havia convidado a BSBios, Granol, Oleoplan, Brasil Ecodiesel e Olfar para o certame. Ontem, em entrevista à BiodieselBR, representantes da BSBios e da Oleoplan já haviam se queixado do preço. No entanto, apesar do preço menor, a pressão para as usinas participarem do leilão do próximo dia 17 é maior uma vez que deixar de vender lá pode significar ficar com a usina parada por pelo menos três meses.

MDA discute instrução normativa do Selo Combustível Social – Biodiesel Br – 12/11/2010

O Ministério do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (MDA/SAF), reuniu, na manhã desta sexta-feira (12,) os ministérios de Minas e Energia (MME), da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Casa Civil, as empresas produtoras de biodiesel e entidades representativas de agricultores familiares para discutir uma Instrução Normativa (IN) para as cooperativas da agricultura familiar fornecedoras de oleaginosas para o biodiesel.

Segundo o coordenador de biocombustíveis da SAF/MDA, Marco Antonio Leite, a

instrução normativa visa regular o mercado das cooperativas fornecedoras de oleaginosas e melhor qualificar as informações prestadas sobre a participação da agricultura familiar no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB).

Marco Antonio estima que a IN deverá ser publicada no final deste ano ou no início de 2011. A instrução vem sendo elaborada com a participação de vários agentes envolvidos no PNPB como cooperativas da agricultura familiar de todo Brasil, entidades representativas dos agricultores familiares, empresas de biodiesel, entre outros.

Foi apresentado na reunião, o Sistema de Gerenciamento das Ações do Biodiesel para as cooperativas. O sistema permitirá que a troca de informações a respeito da inserção dos agricultores familiares na cadeia do biodiesel seja realizada diretamente entre as cooperativas e o MDA.

Crescimento das cooperativas
Em 2006, eram quatro as cooperativas da agricultura familiar no PNPB. Em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, responderam em 2009, por 68% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o PNPB, totalizando cerca de R$ 460 milhões comercializados.

MDA discute instrução normativa do Selo Combustível Social – Biodiesel Br – 12/11/2010

O Ministério do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (MDA/SAF), reuniu, na manhã desta sexta-feira (12,) os ministérios de Minas e Energia (MME), da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Casa Civil, as empresas produtoras de biodiesel e entidades representativas de agricultores familiares para discutir uma Instrução Normativa (IN) para as cooperativas da agricultura familiar fornecedoras de oleaginosas para o biodiesel.

Segundo o coordenador de biocombustíveis da SAF/MDA, Marco Antonio Leite, a instrução normativa visa regular o mercado das cooperativas fornecedoras de oleaginosas e melhor qualificar as informações prestadas sobre a participação da agricultura familiar no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB).

Marco Antonio estima que a IN deverá ser publicada no final deste ano ou no início de 2011. A instrução vem sendo elaborada com a participação de vários agentes envolvidos no PNPB como cooperativas da agricultura familiar de todo Brasil, entidades representativas dos agricultores familiares, empresas de biodiesel, entre outros.

Foi apresentado na reunião, o Sistema de Gerenciamento das Ações do Biodiesel para as cooperativas. O sistema permitirá que a troca de informações a respeito da inserção dos agricultores familiares na cadeia do biodiesel seja realizada diretamente entre as

cooperativas e o MDA.

Crescimento das cooperativas
Em 2006, eram quatro as cooperativas da agricultura familiar no PNPB. Em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, responderam em 2009, por 68% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o PNPB, totalizando cerca de R$ 460 milhões comercializados.

Primeiro lote do leilão fecha com poucas ofertas- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 17/11/2010

Nesta quarta-feira (17) às 16h50 foi finalizado o primeiro e maior lote de venda de biodiesel do 20º Leilão da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Este lote representa 80% de tudo que será arrematado no certame.

Apesar de a capacidade produtiva ofertada ter sido recorde nesse leilão, a disputa acirrada por preços nessa primeira etapa de negociação não aconteceu. O preço médio negociado ficou em R$ 2,3102, um deságio de apenas 0,42% em relação ao preço máximo fixado pela agência, que foi de R$ 2,32 o litro.

Nesta edição do leilão as usinas experimentaram o fechamento aleatório dos itens, que prometia dinamizar a negociação e estimular uma queda mais rápida dos preços. Mas o que se viu foram lances abertos por mais de 20 minutos, sem receber ofertas.

As usinas que possuem o selo Combustível Social negociaram neste lote 480 milhões de litros, movimentando R$ 1,1 bilhão.

Como as margens ficaram reduzidas no último leilão, cujo deságio foi recorde, as usinas não se arriscaram.

A expectativa é que a disputa fique maior no segundo lote, onde participam usinas com e sem o selo Combustível Social. A segunda rodada de negociações foi aberta pouco antes das 17h00.

Resumo do primeiro lote

Esalq e Embrapa discutem o programa nacional de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 17/11/2010

O Grupo de Estudos Luiz de Queiroz – GELQ, da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – Esalq/USP (Piracicaba, SP) promove nos dias 17 e 18 de novembro, com o apoio da Embrapa Meio Ambiente (Jaguariúna, SP), o Simpósio sobre o Programa Nacional de Produção de Biodiesel – pesquisas, impactos e perspectivas em Piracicaba, SP.

No primeiro dia, o programa abordará temas já consagrados como: manejo da cultura da soja; o biodiesel no cenário brasileiro; aspectos econômicos do setor da soja; panorama de fontes de bioenergia; biobased economies and biofiels; uso de resíduos da produção de biodiesel e; rotas alternativas para a transesterificação.

O programa do segundo dia tratará de temas atuais como: aquecimento global e biocombustíveis; mudança do uso da terra; avaliação de impactos e gestão ambiental na produção de oleaginosas para biodiesel; soja sob a ótica da ecologia industrial; diferenças e similaridades do setor de biodiesel alemão e brasileiro; inovações na produção de biodiesel no Brasil; biodiesel e a indústria automobilística; e a plataforma nacional de agroenergia.

A Embrapa Meio Ambiente participa no dia 18 – quinta-feira, moderando duas mesas-redondas. Uma pela manhã: "Produção e Meio Ambiente" com a pesquisadora Adriana Moreno Pires e outra à tarde – "Panorama geral" – com a pesquisadora Nilza Patrícia Ramos. O pesquisador Geraldo Stachetti Rodrigues discute pela manhã a "Avaliação de impactos e gestão ambiental na produção de oleaginosas para biodiesel".

À tarde, o pesquisador da Embrapa Soja (Londrina, PR) César Castro fala sobre "Inovações na produção de biodiesel no Brasil", e logo em seguida Frederico Durães da Embrapa Agroenergia (Brasília, DF) discorre sobre "A plataforma nacional de agroenergia".

Além dos professores da Esalq, participam também do evento professores da Universidade de Wageningen (Holanda) e da Unip, além de profissionais da Abiove, da Dedini, da AGCO América do Sul, e da Coplacana.

O simpósio tem coordenação do professor Thiago Libório Romanelli da Esalq/USP e do pesquisador Geraldo Stachetti Rodrigues da Embrapa Meio Ambiente.

Para mais informações contacte a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz – Fealq pelo site www.fealq.org.br (em Acesso – Eventos); e-mail: cdt@fealq.org.br e pelos telefones (19) 3417-6604 ou 3417-6601. Ou o GELQ: www.gelqesalq.com.br – gelq2011@esalq.usp.br

Eliana Lima

Governo divulga estudo sobre áreas aptas para plantio de palma de oleo – Biodiesel Br – 19/11/2010

O período com menor risco climático, os municípios aptos para o cultivo e os tipos de solo indicados para a cultura da palma de óleo, safra 2010, nos estados do Pará, Roraima e Bahia foram publicados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), no Diário Oficial da União (DOU) desta quinta-feira (18). O objetivo do estudo é minimizar os riscos decorrentes das adversidades climáticas coincidentes com as fases mais sensíveis da cultura.

A palma de óleo é cultivada no Brasil desde o século 17. As espécies mais utilizadas atualmente são a Elaeis guineensis Jecq, de origem africana, e a Elaeis oleifera (kunth) Cartés, de origem americana, conhecida como dendê do Pará, além de híbridos dessas espécies. Os elementos climáticos que mais afetam a produção do dendezeiro são a temperatura, a insolação e a precipitação pluvial. Deficiência hídrica elevada, baixas temperaturas e a irregularidade das chuvas são prejudiciais ao desenvolvimento e à produtividade da cultura. A palma de óleo exige boa distribuição de chuva e temperatura média anual entre 25ºC e 28ºC. (Inez De Podestà)

Confira as portarias nº 416 a 418 que determina o zoneamento agrícola de risco climático para a palma de óleo no Pará, Roraima e Bahia.

Distribuidoras temem que Dilma aumente a mistura de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 22/11/2010

As grandes distribuidoras de combustíveis estão preocupadas com a possibilidade de a presidente eleita Dilma Rousseff autorizar um aumento no percentual de biodiesel de 5% para 10% logo no ano que vem. As metas da mistura de 5% foram antecipadas em dois anos, o que fez as indústrias de biodiesel investirem para aumentar a capacidade de produção, esperando por novas antecipações.

As distribuidoras, por meio do Sindicom, alegam que, antes de o governo avançar para um novo patamar de mistura, deveria avaliar os resultados obtidos pelo programa até aqui.

Os preços médios do biodiesel continuaram bem acima do diesel comum, o que acaba encarecendo em R$ 0,05 por litro o custo do combustível para os consumidores, geralmente empresas de transporte (carga e passageiros). O biodiesel não barateou como se previa porque algumas premissas do programa não se concretizaram. A parcela da mamona como matéria-prima continuou sendo ínfima, e a soja permaneceu respondendo por cerca de 80%. Nesse caso, o biodiesel acaba disputando espaço com o mercado de alimentos.

Um outro problema é que as fontes de suprimento estão longe dos principais centros consumidores. O Sudeste responde por 44% do consumo, mas por apenas 18% da produção de biodiesel. Para coletar o óleo direto das fábricas, as distribuidoras percorrem em média 1.304 quilômetros, queimando diesel (e biodiesel), pois os principais fornecedores estão no Centro-Oeste. Nesse passeio de combustível se esvai boa parte do ganho ambiental conquistado com o uso de uma fonte de energia renovável.

As distribuidoras dizem que a qualidade do biodiesel varia, o que chegará a comprometer o desempenho dos caminhões quando a mistura passar dos 5%, se não houver uma melhora. As empresas se queixam também do sistema de venda, concentrado em um leilão da Agência Nacional do Petróleo tendo como único comprador a Petrobras (que, depois, repassa o óleo para as distribuidoras).

George Vidor

Falha tentativa de formar sindicato nacional do biodiesel – Biodiesel Br – 26/11/2010

Não foi dessa vez que a indústria brasileira de biodiesel ganhou seu sindicato nacional. No último dia 8 de novembro aconteceu a assembleia de constituição do Sindicato Nacional das Empresas Produtoras de Biodiesel (Sindibio), mas os participantes decidiram não concluir a criação da entidade. A informação é de Ailton Braga Domingues - do Trend Bank, empresa que tem participação na Bioverde - que estava liderando a iniciativa.

"Decidiu-se que não se criaria o sindicato nacional porque vão se criar os sindicatos regionais", explicou. Segundo Domingues, a ideia é que "todos os estados tenham o seu". "No futuro isso pode evoluir para que os sindicatos se unam numa entidade nacional, mas isso não foi discutido na reunião", adiantou.

O representante do Trend Bank disse ainda que cerca de 15 usinas estavam representadas na reunião, além dos sindicatos da indústria de biodiesel do Mato Grosso e do Paraná.

SAF/MDA divulga resultado de seleção de projeto para cadeia do biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 29/11/2010

A entidade que teve projeto selecionado é o Instituto Mineiro de Desenvolvimento (IMDC) e terá como trabalho definir soluções gerenciais tecnológicas e implementá-las em empreendimentos coletivos de agricultores familiares. Serão utilizadas Metodologia de Assistência Técnica em Organização, Gestão, Produção e Comercialização para empreendimentos da Agricultura Familiar (MAT-Gestão).

O projeto selecionado irá atender 37 empreendimentos inseridos no Programa Nacional de Produção e Uso Sustentável do Biodiesel (PNPB), nos estados da Bahia, Ceará, Sergipe, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O projeto beneficia 18 mil agricultores familiares.

O diretor de Geração de Renda e Agregação de Valor da Secretaria da Agricultura Familiar do MDA (SAF/MDA), Arnoldo de Campos, explica que o objetivo do projeto é melhorar a qualidade da gestão das cooperativas de agricultura familiar inseridas da cadeia produtiva do biodiesel e prepará-las para o desafio do crescimento. Segundo Campos, em 2006, eram quatro cooperativas de agricultores no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). Três anos mais tarde, em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, naquele ano, responderam por 64% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o Programa, totalizando cerca de R$ 677 milhões comercializados. Segundo Campos, a SAF/MDA irá capacitar, a

partir de março de 2011, os técnicos que irão executar o projeto para a aplicação da MAT-Gestão. Estão previstas cinco oficinas para a capacitação. O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), divulga nesta segunda-feira (29), o resultado do Concurso de Fomento à Participação da Agricultura Familiar na Cadeia Produtiva do Biodiesel. A entidade que teve projeto selecionado é o Instituto Mineiro de Desenvolvimento (IMDC) e terá como trabalho definir soluções gerenciais tecnológicas e implementá-las em empreendimentos coletivos de agricultores familiares. Serão utilizadas Metodologia de Assistência Técnica em Organização, Gestão, Produção e Comercialização para empreendimentos da Agricultura Familiar (MAT-Gestão).

O projeto selecionado irá atender 37 empreendimentos inseridos no Programa Nacional de Produção e Uso Sustentável do Biodiesel (PNPB), nos estados da Bahia, Ceará, Sergipe, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O projeto beneficia 18 mil agricultores familiares.

O diretor de Geração de Renda e Agregação de Valor da Secretaria da Agricultura Familiar do MDA (SAF/MDA), Arnoldo de Campos, explica que o objetivo do projeto é melhorar a qualidade da gestão das cooperativas de agricultura familiar inseridas da cadeia produtiva do biodiesel e prepará-las para o desafio do crescimento. Segundo Campos, em 2006, eram quatro cooperativas de agricultores no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). Três anos mais tarde, em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, naquele ano, responderam por 64% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o Programa, totalizando cerca de R$ 677 milhões comercializados. Segundo Campos, a SAF/MDA irá capacitar, a partir de março de 2011, os técnicos que irão executar o projeto para a aplicação da MAT-Gestão. Estão previstas cinco oficinas para a capacitação.

Plano decenal: Uso de biodiesel além do obrigatório não deve acontecer- Sítio Eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010

Apesar do sucesso da implementação do programa de biodiesel, com a antecipação da meta de 5% de mistura no diesel, não se avista o uso do biocombustível além deste percentual obrigatório na próxima década. Essa é a conclusão do Plano Decenal de Expansão de Energia (PDE), aprovado pelo Ministério de Minas e Energia e divulgado ontem (29). As projeções indicam que os preços dos insumos cultivados continuarão com tendência de alta, resultando em custos de oportunidade para o biodiesel acima dos preços do diesel para os próximos dez anos.

O relatório, elaborado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), apresenta um cenário de referência para a expansão da oferta de energia até 2019. Em relação ao biodiesel, foram analisados os aspectos de disponibilidade de insumos, a capacidade de processamento e de escoamento da produção, o potencial de consumo, a perspectiva de preços e a competitividade em relação ao diesel fóssil.

A demanda de diesel deverá crescer uma média anual de 6% até 2019. Já a demanda de biodiesel no país deverá crescer em média 9,8% ao ano no mesmo período. Para essa projeção, a EPE não considerou possíveis aumentos na mistura obrigatória e se

baseou apenas na Lei n° 11.097/2005 e na Resolução CNPE n° 06, de 16/09/2009, que antecipou a adição de 5% de biodiesel no óleo diesel a partir de janeiro deste ano.

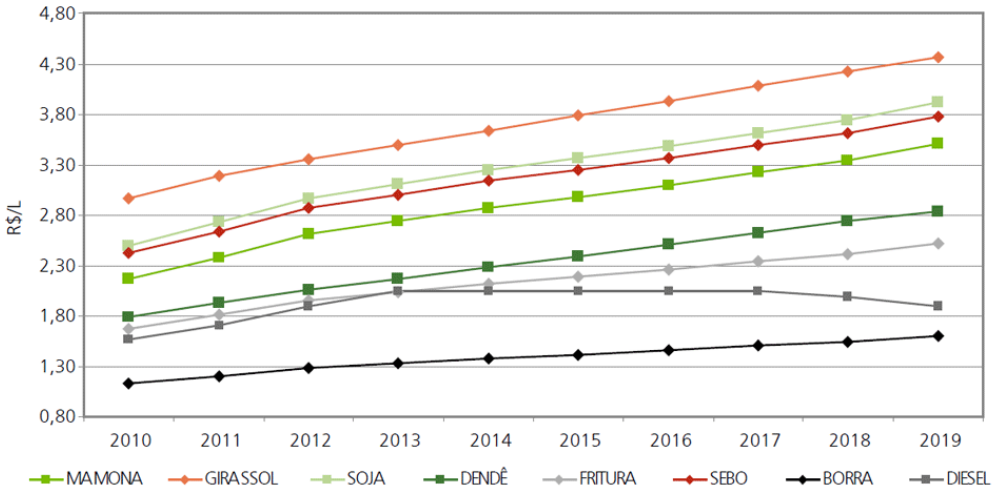
A capacidade instalada não será um fator restritivo para o atendimento da demanda no período. Já o preço da matéria-prima poderá ser limitante para a expansão do uso de biodiesel. "Um cenário de preços de insumos elevados com expectativa de manutenção deste patamar no curto e médio prazos, associados à previsão de preços menos elevados do petróleo, desestimulam o uso de biodiesel no Brasil além do mandatório", diz o relatório. De acordo com a Agência Internacional de Energia a matéria-prima representa entre 85% e 92% do custo total do biodiesel, enquanto os custos de conversão estão entre 8% e 15%, nas plantas industriais de grande escala e entre 25% e 40%, nas plantas de pequena escala.

Somente o biodiesel à base de borra de ácidos graxos será capaz de ter preços menores que o diesel ao longo da década. Dentre os insumos cultivados, o dendê e a mamona são os que permitiriam preços mais próximos dos estimados para o diesel, seguidos pela soja. Pelas projeções da EPE, o biodiesel de girassol terá o maior preço ao longo da próxima década. Nessa análise, foram desconsideradas fontes como algodão, canola, crambe e pinhão-manso.

O óleo de soja vai continuar sendo a principal matéria-prima para a produção de biodiesel no período. Outros insumos, como gordura animal, dendê e mamona, provavelmente serão complementares, sem alterar significativamente o quadro atual. Como estratégia, o PDE recomenda o desenvolvimento de culturas energéticas alternativas, a preços mais competitivos.

Clique na imagem para ampliar:

Gráfico 112 – Projeção de preços de diesel e preços mínimos de biodiesel 2010-2019



Fonte: *EPE*

Logística

A quantidade de caminhões-tanque para transportar biodiesel é pequena. Para atender a demanda este ano, serão necessários pelo menos 556 caminhões-tanque (de 30 mil litros) por dia, o equivalente a somente 0,77% da frota atual. O Centro-Oeste demandará 62 caminhões-tanque; o Norte, 58; o Nordeste, 80; o Sul, 109; e o Sudeste, 247.

Já em 2019 serão necessários 932 caminhões-tanque/dia no total. Mesmo que não haja acréscimo na frota atual, o número representaria somente 1,28% do total da frota de caminhões.

Se não forem construídas novas usinas até o final desta década, as regiões Sudeste e Norte não serão auto-suficientes na produção de biodiesel. Considerando o B5 em 2019, com as atuais capacidades instaladas, haveria a necessidade de transportar 2,7 milhões de litros por dia para a região Sudeste de 0,57 milhões de l/dia para a região Norte, que seriam supridas pelas regiões Nordeste ou Centro-Oeste.

Por questões de escala, o transporte de biodiesel deve a permanecer no modal rodoviário no médio prazo, segundo o relatório. Caso o país consuma mais biodiesel do que está previsto hoje na legislação e venha a ter um aumento expressivo da escala de produção, o modal ferroviário pode ser uma alternativa, pois a maioria das usinas e das bases distribuidoras está localizada nas proximidades de ferrovias.

Certificação pode ser diferencial para a palma brasileira- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010

O dendê, conhecido no exterior como palma de óleo e execrado por ambientalistas pelo estrago que provoca nas florestas da Indonésia e da Malásia, pode ser uma solução para áreas degradadas no Pará. O desafio é driblar a desvantagem de ter uma produção mais cara que a concorrência com algum diferencial — a aposta é a certificação. A necessidade é ainda mais urgente desde que o maior comprador mundial do óleo de palma, a Holanda, disse há poucos dias que a partir de 2015 só aceitará produto sustentável. A China estuda fazer o mesmo em 2020.

Na semana passada, a líder Agropalma recebeu sinal verde para pedir a auditoria de seus processos de produção. É um passo concreto rumo à certificação, que ainda tem um longo caminho burocrático pela frente. "O Brasil tem condições de ser o primeiro país do mundo a ter toda a produção de palma certificada", diz Tulio Dias, gerente de responsabilidade socioambiental do grupo Agropalma. A estratégia é descolar a produção brasileira do desastre ambiental que o dendê provoca no Sudeste Asiático. Por enquanto, o Brasil responde por 0,5% da produção mundial — mas Vale e Petrobras ensaiam seus passos na cultura, mirando a produção futura de biocombustível.

São 43 países produzindo óleo de palma que é utilizado na indústria de alimentos e de cosméticos. A Indonésia, líder mundial, ocupa 7 milhões de hectares com a cultura; na Malásia, são 4 milhões. Todos os outros, juntos, respondem por 2 milhões de hectares. "Tudo isso, somado, cabe no Nordeste do Pará e no Noroeste do Maranhão", disse Marcello Brito, diretor comercial da empresa. "Palma é uma cultura boa para áreas degradadas", reforçou, em seminário que discutiu desafios da Amazônia na próxima década, promovido pelo Fórum Amazônia Sustentável. "Mas, claro, não substitui floresta."

"O problema é o custo-Brasil", continuou. Um dia de trabalho de um homem do campo no Brasil custa R$ 46, e, na Indonésia, R$ 13. O caminho para a produção brasileira, então, é certificar e ter um diferencial forte sobre os outros. Durante oito anos, um grupo internacional vem estudando critérios para a certificação— a Mesa Redonda do Óleo de Palma Sustentável (RSPO, na sigla em inglês), tem mais de 200 indicadores sociais. No Pará, o maior produtor do Brasil, o dendê ocupa 90 mil hectares.

Adalberto Veríssimo, pesquisador sênior e fundador do Imazon, instituto que pesquisa o desenvolvimento da Amazônia e propõe alternativa sustentável, acredita que o dendê pode ser um ganho ambiental para a Amazônia nas áreas degradadas. O desafio, aponta, está em tornar empreendedores os pequenos produtores. "Mas a história aqui tem sido bem diferente do que acontece no Sudeste Asiático", diz ele. "Temos muita área degradada e qualquer avanço sobre a floresta seria uma temeridade pois pode ser facilmente rastreável."

O grupo Agropalma tem fazendas em quatro municípios a 200 km de Belém e ali tem 107 mil hectares. São 39 mil hectares de plantações e 64 mil de reserva florestal. Segundo Dias, a maior dificuldade de expansão da empresa é conseguir comprar terras com a documentação em ordem.

Governo divulga estudo sobre áreas aptas para plantio de palma de oleo – Sítio Eletrônico do MAPA – 18/11/2010

Brasília (18.11.2010) – O período com menor risco climático, os municípios aptos para o cultivo e os tipos de solo indicados para a cultura da palma de óleo, safra 2010, nos estados do Pará, Roraima e Bahia foram publicados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), no Diário Oficial da União (DOU) desta quinta-feira (18). O objetivo do estudo é minimizar os riscos decorrentes das adversidades climáticas coincidentes com as fases mais sensíveis da cultura.
A palma de óleo é cultivada no Brasil desde o século 17. As espécies mais utilizadas atualmente são a *Elaeis guineensis Jecq*, de origem africana, e a *Elaeis oleifera (kunth) Cartés*, de origem americana, conhecida como dendê do Pará, além de híbridos dessas espécies. Os elementos climáticos que mais afetam a produção do dendezeiro são a temperatura, a insolação e a precipitação pluvial. Deficiência hídrica elevada, baixas temperaturas e a irregularidade das chuvas são prejudiciais ao desenvolvimento e à produtividade da cultura. A palma de óleo exige boa distribuição de chuva e temperatura média anual entre 25ºC e 28ºC. *(Inez De Podestà)*
Confira as portarias nº416 a 418 que determina o zoneamento agrícola de risco climático para a palma de óleo no Pará, Roraima e Bahia.

Biodiesel: MDA discute instrução normativa – Sítio Eletrônico do MDA - 12/11/2010

O Ministério do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (MDA/SAF), reuniu, na manhã desta sexta-feira (12,) os ministérios de Minas e Energia (MME), da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Casa Civil, as empresas produtoras de biodiesel e entidades representativas de agricultores familiares para discutir uma Instrução Normativa (IN) para as cooperativas da agricultura familiar fornecedoras de oleaginosas para o biodiesel.

Segundo o coordenador de biocombustíveis da SAF/MDA, Marco Antonio Leite, a instrução normativa visa regular o mercado das cooperativas fornecedoras de oleaginosas e melhor qualificar as informações prestadas sobre a participação da agricultura familiar no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB).

Marco Antonio estima que a IN deverá ser publicada no final deste ano ou no início de 2011. A instrução vem sendo elaborada com a participação de vários agentes envolvidos no PNPB como cooperativas da agricultura familiar de todo Brasil, entidades representativas dos agricultores familiares, empresas de biodiesel, entre outros.

Foi apresentado na reunião, o Sistema de Gerenciamento das Ações do Biodiesel para as cooperativas. O sistema permitirá que a troca de informações a respeito da inserção dos agricultores familiares na cadeia do biodiesel seja realizada diretamente entre as cooperativas e o MDA.

Crescimento das cooperativas

Em 2006, eram quatro as cooperativas da agricultura familiar no PNPB. Em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, responderam em 2009, por 68% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o PNPB, totalizando cerca de R$ 460 milhões comercializados.

MDA discute instrução normativa do Selo Combustível Social – Biodiesel Br – 12/11/2010

O Ministério do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (MDA/SAF), reuniu, na manhã desta sexta-feira (12,) os ministérios de Minas e Energia (MME), da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Casa Civil, as empresas produtoras de biodiesel e entidades representativas de agricultores familiares para discutir uma Instrução Normativa (IN) para as cooperativas da agricultura familiar fornecedoras de oleaginosas para o biodiesel.

Segundo o coordenador de biocombustíveis da SAF/MDA, Marco Antonio Leite, a

instrução normativa visa regular o mercado das cooperativas fornecedoras de oleaginosas e melhor qualificar as informações prestadas sobre a participação da agricultura familiar no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB).

Marco Antonio estima que a IN deverá ser publicada no final deste ano ou no início de 2011. A instrução vem sendo elaborada com a participação de vários agentes envolvidos no PNPB como cooperativas da agricultura familiar de todo Brasil, entidades representativas dos agricultores familiares, empresas de biodiesel, entre outros.

Foi apresentado na reunião, o Sistema de Gerenciamento das Ações do Biodiesel para as cooperativas. O sistema permitirá que a troca de informações a respeito da inserção dos agricultores familiares na cadeia do biodiesel seja realizada diretamente entre as cooperativas e o MDA.

Crescimento das cooperativas
Em 2006, eram quatro as cooperativas da agricultura familiar no PNPB. Em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, responderam em 2009, por 68% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o PNPB, totalizando cerca de R$ 460 milhões comercializados.

Primeiro lote do leilão fecha com poucas ofertas- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 17/11/2010

Nesta quarta-feira (17) às 16h50 foi finalizado o primeiro e maior lote de venda de biodiesel do 20º Leilão da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Este lote representa 80% de tudo que será arrematado no certame.

Apesar de a capacidade produtiva ofertada ter sido recorde nesse leilão, a disputa acirrada por preços nessa primeira etapa de negociação não aconteceu. O preço médio negociado ficou em R$ 2,3102, um deságio de apenas 0,42% em relação ao preço máximo fixado pela agência, que foi de R$ 2,32 o litro.

Nesta edição do leilão as usinas experimentaram o fechamento aleatório dos itens, que prometia dinamizar a negociação e estimular uma queda mais rápida dos preços. Mas o que se viu foram lances abertos por mais de 20 minutos, sem receber ofertas.

As usinas que possuem o selo Combustível Social negociaram neste lote 480 milhões de litros, movimentando R$ 1,1 bilhão.

Como as margens ficaram reduzidas no último leilão, cujo deságio foi recorde, as usinas não se arriscaram.

A expectativa é que a disputa fique maior no segundo lote, onde participam usinas com e sem o selo Combustível Social. A segunda rodada de negociações foi aberta pouco antes das 17h00.

Esalq e Embrapa discutem o programa nacional de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 17/11/2010

O Grupo de Estudos Luiz de Queiroz – GELQ, da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – Esalq/USP (Piracicaba, SP) promove nos dias 17 e 18 de novembro, com o apoio da Embrapa Meio Ambiente (Jaguariúna, SP), o Simpósio sobre o Programa Nacional de Produção de Biodiesel – pesquisas, impactos e perspectivas em Piracicaba, SP.

No primeiro dia, o programa abordará temas já consagrados como: manejo da cultura da soja; o biodiesel no cenário brasileiro; aspectos econômicos do setor da soja; panorama de fontes de bioenergia; biobased economies and biofiels; uso de resíduos da produção de biodiesel e; rotas alternativas para a transesterificação.

O programa do segundo dia tratará de temas atuais como: aquecimento global e biocombustíveis; mudança do uso da terra; avaliação de impactos e gestão ambiental na produção de oleaginosas para biodiesel; soja sob a ótica da ecologia industrial; diferenças e similaridades do setor de biodiesel alemão e brasileiro; inovações na produção de biodiesel no Brasil; biodiesel e a indústria automobilística; e a plataforma nacional de agroenergia.

A Embrapa Meio Ambiente participa no dia 18 – quinta-feira, moderando duas mesas-redondas. Uma pela manhã: "Produção e Meio Ambiente" com a pesquisadora Adriana Moreno Pires e outra à tarde – "Panorama geral" – com a pesquisadora Nilza Patrícia Ramos. O pesquisador Geraldo Stachetti Rodrigues discute pela manhã a "Avaliação de impactos e gestão ambiental na produção de oleaginosas para biodiesel".

À tarde, o pesquisador da Embrapa Soja (Londrina, PR) César Castro fala sobre "Inovações na produção de biodiesel no Brasil", e logo em seguida Frederico Durães da Embrapa Agroenergia (Brasília, DF) discorre sobre "A plataforma nacional de agroenergia".

Além dos professores da Esalq, participam também do evento professores da Universidade de Wageningen (Holanda) e da Unip, além de profissionais da Abiove, da Dedini, da AGCO América do Sul, e da Coplacana.

O simpósio tem coordenação do professor Thiago Libório Romanelli da Esalq/USP e do pesquisador Geraldo Stachetti Rodrigues da Embrapa Meio Ambiente.

Para mais informações contacte a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz – Fealq pelo site www.fealq.org.br (em Acesso – Eventos); e-mail: cdt@fealq.org.br e pelos telefones (19) 3417-6604 ou 3417-6601. Ou o GELQ: www.gelqesalq.com.br –

gelq2011@esalq.usp.br

Eliana Lima

Governo divulga estudo sobre áreas aptas para plantio de palma de oleo – Biodiesel Br – 19/11/2010

O período com menor risco climático, os municípios aptos para o cultivo e os tipos de solo indicados para a cultura da palma de óleo, safra 2010, nos estados do Pará, Roraima e Bahia foram publicados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), no Diário Oficial da União (DOU) desta quinta-feira (18). O objetivo do estudo é minimizar os riscos decorrentes das adversidades climáticas coincidentes com as fases mais sensíveis da cultura.

A palma de óleo é cultivada no Brasil desde o século 17. As espécies mais utilizadas atualmente são a Elaeis guineensis Jecq, de origem africana, e a Elaeis oleifera (kunth) Cartés, de origem americana, conhecida como dendê do Pará, além de híbridos dessas espécies. Os elementos climáticos que mais afetam a produção do dendezeiro são a temperatura, a insolação e a precipitação pluvial. Deficiência hídrica elevada, baixas temperaturas e a irregularidade das chuvas são prejudiciais ao desenvolvimento e à produtividade da cultura. A palma de óleo exige boa distribuição de chuva e temperatura média anual entre 25ºC e 28ºC. (Inez De Podestà)

Confira as portarias nº 416 a 418 que determina o zoneamento agrícola de risco climático para a palma de óleo no Pará, Roraima e Bahia.

Distribuidoras temem que Dilma aumente a mistura de biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 22/11/2010

As grandes distribuidoras de combustíveis estão preocupadas com a possibilidade de a presidente eleita Dilma Rousseff autorizar um aumento no percentual de biodiesel de 5% para 10% logo no ano que vem. As metas da mistura de 5% foram antecipadas em dois anos, o que fez as indústrias de biodiesel investirem para aumentar a capacidade de produção, esperando por novas antecipações.

As distribuidoras, por meio do Sindicom, alegam que, antes de o governo avançar para um novo patamar de mistura, deveria avaliar os resultados obtidos pelo programa até aqui.

Os preços médios do biodiesel continuaram bem acima do diesel comum, o que acaba encarecendo em R$ 0,05 por litro o custo do combustível para os consumidores, geralmente empresas de transporte (carga e passageiros). O biodiesel não barateou como se previa porque algumas premissas do programa não se concretizaram. A

parcela da mamona como matéria-prima continuou sendo ínfima, e a soja permaneceu respondendo por cerca de 80%. Nesse caso, o biodiesel acaba disputando espaço com o mercado de alimentos.

Um outro problema é que as fontes de suprimento estão longe dos principais centros consumidores. O Sudeste responde por 44% do consumo, mas por apenas 18% da produção de biodiesel. Para coletar o óleo direto das fábricas, as distribuidoras percorrem em média 1.304 quilômetros, queimando diesel (e biodiesel), pois os principais fornecedores estão no Centro-Oeste. Nesse passeio de combustível se esvai boa parte do ganho ambiental conquistado com o uso de uma fonte de energia renovável.

As distribuidoras dizem que a qualidade do biodiesel varia, o que chegará a comprometer o desempenho dos caminhões quando a mistura passar dos 5%, se não houver uma melhora. As empresas se queixam também do sistema de venda, concentrado em um leilão da Agência Nacional do Petróleo tendo como único comprador a Petrobras (que, depois, repassa o óleo para as distribuidoras).

George Vidor

Falha tentativa de formar sindicato nacional do biodiesel – Biodiesel Br – 26/11/2010

Não foi dessa vez que a indústria brasileira de biodiesel ganhou seu sindicato nacional. No último dia 8 de novembro aconteceu a assembleia de constituição do Sindicato Nacional das Empresas Produtoras de Biodiesel (Sindibio), mas os participantes decidiram não concluir a criação da entidade. A informação é de Ailton Braga Domingues - do Trend Bank, empresa que tem participação na Bioverde - que estava liderando a iniciativa.

"Decidiu-se que não se criaria o sindicato nacional porque vão se criar os sindicatos regionais", explicou. Segundo Domingues, a ideia é que "todos os estados tenham o seu". "No futuro isso pode evoluir para que os sindicatos se unam numa entidade nacional, mas isso não foi discutido na reunião", adiantou.

O representante do Trend Bank disse ainda que cerca de 15 usinas estavam representadas na reunião, além dos sindicatos da indústria de biodiesel do Mato Grosso e do Paraná.

SAF/MDA divulga resultado de seleção de projeto para cadeia do biodiesel- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 29/11/2010

A entidade que teve projeto selecionado é o Instituto Mineiro de Desenvolvimento (IMDC) e terá como trabalho definir soluções gerenciais tecnológicas e implementá-las em empreendimentos coletivos de agricultores familiares. Serão utilizadas Metodologia de Assistência Técnica em Organização, Gestão, Produção e Comercialização para empreendimentos da Agricultura Familiar (MAT-Gestão).

O projeto selecionado irá atender 37 empreendimentos inseridos no Programa Nacional de Produção e Uso Sustentável do Biodiesel (PNPB), nos estados da Bahia, Ceará, Sergipe, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O projeto beneficia 18 mil agricultores familiares.

O diretor de Geração de Renda e Agregação de Valor da Secretaria da Agricultura Familiar do MDA (SAF/MDA), Arnoldo de Campos, explica que o objetivo do projeto é melhorar a qualidade da gestão das cooperativas de agricultura familiar inseridas da cadeia produtiva do biodiesel e prepará-las para o desafio do crescimento. Segundo Campos, em 2006, eram quatro cooperativas de agricultores no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). Três anos mais tarde, em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, naquele ano, responderam por 64% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o Programa, totalizando cerca de R$ 677 milhões comercializados. Segundo Campos, a SAF/MDA irá capacitar, a partir de março de 2011, os técnicos que irão executar o projeto para a aplicação da MAT-Gestão. Estão previstas cinco oficinas para a capacitação. O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), divulga nesta segunda-feira (29), o resultado do Concurso de Fomento à Participação da Agricultura Familiar na Cadeia Produtiva do Biodiesel. A entidade que teve projeto selecionado é o Instituto Mineiro de Desenvolvimento (IMDC) e terá como trabalho definir soluções gerenciais tecnológicas e implementá-las em empreendimentos coletivos de agricultores familiares. Serão utilizadas Metodologia de Assistência Técnica em Organização, Gestão, Produção e Comercialização para empreendimentos da Agricultura Familiar (MAT-Gestão).

O projeto selecionado irá atender 37 empreendimentos inseridos no Programa Nacional de Produção e Uso Sustentável do Biodiesel (PNPB), nos estados da Bahia, Ceará, Sergipe, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O projeto beneficia 18 mil agricultores familiares.

O diretor de Geração de Renda e Agregação de Valor da Secretaria da Agricultura Familiar do MDA (SAF/MDA), Arnoldo de Campos, explica que o objetivo do projeto é melhorar a qualidade da gestão das cooperativas de agricultura familiar inseridas da cadeia produtiva do biodiesel e prepará-las para o desafio do crescimento. Segundo Campos, em 2006, eram quatro cooperativas de agricultores no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). Três anos mais tarde, em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, naquele ano, responderam por 64% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o Programa, totalizando cerca de R$ 677 milhões comercializados. Segundo Campos, a SAF/MDA irá capacitar, a

partir de março de 2011, os técnicos que irão executar o projeto para a aplicação da MAT-Gestão. Estão previstas cinco oficinas para a capacitação.

Plano decenal: Uso de biodiesel além do obrigatório não deve acontecer- Sítio Eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010

Apesar do sucesso da implementação do programa de biodiesel, com a antecipação da meta de 5% de mistura no diesel, não se avista o uso do biocombustível além deste percentual obrigatório na próxima década. Essa é a conclusão do Plano Decenal de Expansão de Energia (PDE), aprovado pelo Ministério de Minas e Energia e divulgado ontem (29). As projeções indicam que os preços dos insumos cultivados continuarão com tendência de alta, resultando em custos de oportunidade para o biodiesel acima dos preços do diesel para os próximos dez anos.

O relatório, elaborado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), apresenta um cenário de referência para a expansão da oferta de energia até 2019. Em relação ao biodiesel, foram analisados os aspectos de disponibilidade de insumos, a capacidade de processamento e de escoamento da produção, o potencial de consumo, a perspectiva de preços e a competitividade em relação ao diesel fóssil.

A demanda de diesel deverá crescer uma média anual de 6% até 2019. Já a demanda de biodiesel no país deverá crescer em média 9,8% ao ano no mesmo período. Para essa projeção, a EPE não considerou possíveis aumentos na mistura obrigatória e se baseou apenas na Lei n° 11.097/2005 e na Resolução CNPE n° 06, de 16/09/2009, que antecipou a adição de 5% de biodiesel no óleo diesel a partir de janeiro deste ano.

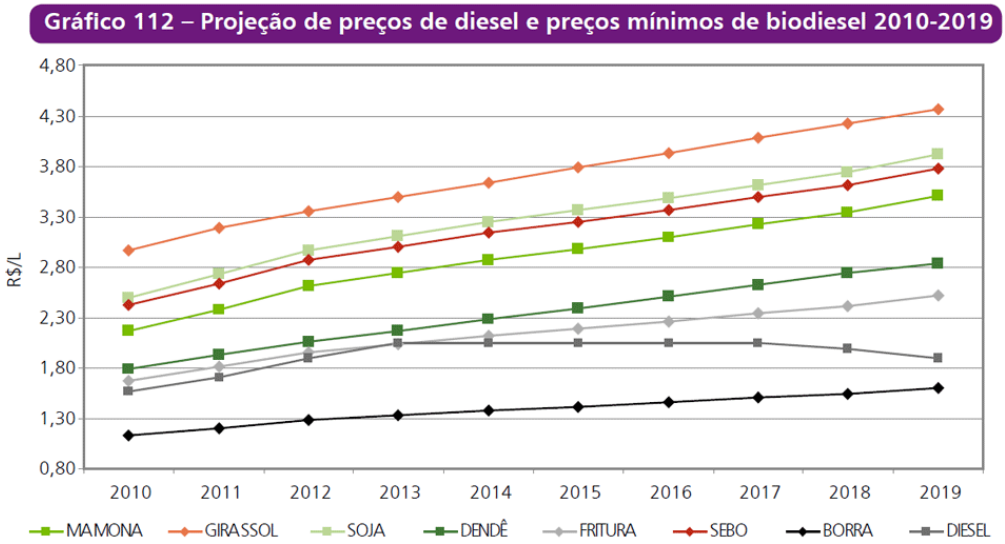
A capacidade instalada não será um fator restritivo para o atendimento da demanda no período. Já o preço da matéria-prima poderá ser limitante para a expansão do uso de biodiesel. "Um cenário de preços de insumos elevados com expectativa de manutenção deste patamar no curto e médio prazos, associados à previsão de preços menos elevados do petróleo, desestimulam o uso de biodiesel no Brasil além do mandatório", diz o relatório. De acordo com a Agência Internacional de Energia a matéria-prima representa entre 85% e 92% do custo total do biodiesel, enquanto os custos de conversão estão entre 8% e 15%, nas plantas industriais de grande escala e entre 25% e 40%, nas plantas de pequena escala.

Somente o biodiesel à base de borra de ácidos graxos será capaz de ter preços menores que o diesel ao longo da década. Dentre os insumos cultivados, o dendê e a mamona são os que permitiriam preços mais próximos dos estimados para o diesel, seguidos pela soja. Pelas projeções da EPE, o biodiesel de girassol terá o maior preço ao longo da próxima década. Nessa análise, foram desconsideradas fontes como algodão, canola, crambe e pinhão-manso.

O óleo de soja vai continuar sendo a principal matéria-prima para a produção de biodiesel no período. Outros insumos, como gordura animal, dendê e mamona, provavelmente serão complementares, sem alterar significativamente o quadro atual.

Como estratégia, o PDE recomenda o desenvolvimento de culturas energéticas alternativas, a preços mais competitivos.

Clique na imagem para ampliar:



Fonte: *EPE*

Logística

A quantidade de caminhões-tanque para transportar biodiesel é pequena. Para atender a demanda este ano, serão necessários pelo menos 556 caminhões-tanque (de 30 mil litros) por dia, o equivalente a somente 0,77% da frota atual. O Centro-Oeste demandará 62 caminhões-tanque; o Norte, 58; o Nordeste, 80; o Sul, 109; e o Sudeste, 247.

Já em 2019 serão necessários 932 caminhões-tanque/dia no total. Mesmo que não haja acréscimo na frota atual, o número representaria somente 1,28% do total da frota de caminhões.

Se não forem construídas novas usinas até o final desta década, as regiões Sudeste e Norte não serão auto-suficientes na produção de biodiesel. Considerando o B5 em 2019, com as atuais capacidades instaladas, haveria a necessidade de transportar 2,7 milhões de litros por dia para a região Sudeste de 0,57 milhões de l/dia para a região Norte, que seriam supridas pelas regiões Nordeste ou Centro-Oeste.

Por questões de escala, o transporte de biodiesel deve a permanecer no modal rodoviário no médio prazo, segundo o relatório. Caso o país consuma mais biodiesel do que está previsto hoje na legislação e venha a ter um aumento expressivo da escala de produção, o modal ferroviário pode ser uma alternativa, pois a maioria das usinas e das bases distribuidoras está localizada nas proximidades de ferrovias.

Certificação pode ser diferencial para a palma brasileira- Sítio eletrônico Biodiesel Br – 30/11/2010

O dendê, conhecido no exterior como palma de óleo e execrado por ambientalistas pelo estrago que provoca nas florestas da Indonésia e da Malásia, pode ser uma solução para áreas degradadas no Pará. O desafio é driblar a desvantagem de ter uma produção mais cara que a concorrência com algum diferencial — a aposta é a certificação. A necessidade é ainda mais urgente desde que o maior comprador mundial do óleo de palma, a Holanda, disse há poucos dias que a partir de 2015 só aceitará produto sustentável. A China estuda fazer o mesmo em 2020.

Na semana passada, a líder Agropalma recebeu sinal verde para pedir a auditoria de seus processos de produção. É um passo concreto rumo à certificação, que ainda tem um longo caminho burocrático pela frente. "O Brasil tem condições de ser o primeiro país do mundo a ter toda a produção de palma certificada", diz Tulio Dias, gerente de responsabilidade socioambiental do grupo Agropalma. A estratégia é descolar a produção brasileira do desastre ambiental que o dendê provoca no Sudeste Asiático. Por enquanto, o Brasil responde por 0,5% da produção mundial — mas Vale e Petrobras ensaiam seus passos na cultura, mirando a produção futura de biocombustível.

São 43 países produzindo óleo de palma que é utilizado na indústria de alimentos e de cosméticos. A Indonésia, líder mundial, ocupa 7 milhões de hectares com a cultura; na Malásia, são 4 milhões. Todos os outros, juntos, respondem por 2 milhões de hectares. "Tudo isso, somado, cabe no Nordeste do Pará e no Noroeste do Maranhão", disse Marcello Brito, diretor comercial da empresa. "Palma é uma cultura boa para áreas degradadas", reforçou, em seminário que discutiu desafios da Amazônia na próxima década, promovido pelo Fórum Amazônia Sustentável. "Mas, claro, não substitui floresta."

"O problema é o custo-Brasil", continuou. Um dia de trabalho de um homem do campo no Brasil custa R$ 46, e, na Indonésia, R$ 13. O caminho para a produção brasileira, então, é certificar e ter um diferencial forte sobre os outros. Durante oito anos, um grupo internacional vem estudando critérios para a certificação— a Mesa Redonda do Óleo de Palma Sustentável (RSPO, na sigla em inglês), tem mais de 200 indicadores sociais. No Pará, o maior produtor do Brasil, o dendê ocupa 90 mil hectares.

Adalberto Veríssimo, pesquisador sênior e fundador do Imazon, instituto que pesquisa o desenvolvimento da Amazônia e propõe alternativa sustentável, acredita que o dendê pode ser um ganho ambiental para a Amazônia nas áreas degradadas. O desafio, aponta, está em tornar empreendedores os pequenos produtores. "Mas a história aqui tem sido bem diferente do que acontece no Sudeste Asiático", diz ele. "Temos muita área degradada e qualquer avanço sobre a floresta seria uma temeridade pois pode ser facilmente rastreável."

O grupo Agropalma tem fazendas em quatro municípios a 200 km de Belém e ali tem 107 mil hectares. São 39 mil hectares de plantações e 64 mil de reserva florestal. Segundo Dias, a maior dificuldade de expansão da empresa é conseguir comprar terras com a documentação em ordem.

Governo divulga estudo sobre áreas aptas para plantio de palma de oleo – Sítio Eletrônico do MAPA – 18/11/2010

Brasília (18.11.2010) – O período com menor risco climático, os municípios aptos para o cultivo e os tipos de solo indicados para a cultura da palma de óleo, safra 2010, nos estados do Pará, Roraima e Bahia foram publicados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), no Diário Oficial da União (DOU) desta quinta-feira (18). O objetivo do estudo é minimizar os riscos decorrentes das adversidades climáticas coincidentes com as fases mais sensíveis da cultura.
A palma de óleo é cultivada no Brasil desde o século 17. As espécies mais utilizadas atualmente são a *Elaeis guineensis Jecq*, de origem africana, e a *Elaeis oleifera (kunth) Cartés*, de origem americana, conhecida como dendê do Pará, além de híbridos dessas espécies. Os elementos climáticos que mais afetam a produção do dendezeiro são a temperatura, a insolação e a precipitação pluvial. Deficiência hídrica elevada, baixas temperaturas e a irregularidade das chuvas são prejudiciais ao desenvolvimento e à produtividade da cultura. A palma de óleo exige boa distribuição de chuva e temperatura média anual entre 25ºC e 28ºC. *(Inez De Podestà)*
Confira as portarias nº416 a 418 que determina o zoneamento agrícola de risco climático para a palma de óleo no Pará, Roraima e Bahia.

Biodiesel: MDA discute instrução normativa – Sítio Eletrônico do MDA - 12/11/2010

O Ministério do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (MDA/SAF), reuniu, na manhã desta sexta-feira (12,) os ministérios de Minas e Energia (MME), da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Casa Civil, as empresas produtoras de biodiesel e entidades representativas de agricultores familiares para discutir uma Instrução Normativa (IN) para as cooperativas da agricultura familiar fornecedoras de oleaginosas para o biodiesel.

Segundo o coordenador de biocombustíveis da SAF/MDA, Marco Antonio Leite, a instrução normativa visa regular o mercado das cooperativas fornecedoras de oleaginosas e melhor qualificar as informações prestadas sobre a participação da agricultura familiar no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB).

Marco Antonio estima que a IN deverá ser publicada no final deste ano ou no início de 2011. A instrução vem sendo elaborada com a participação de vários agentes envolvidos no PNPB como cooperativas da agricultura familiar de todo Brasil, entidades representativas dos agricultores familiares, empresas de biodiesel, entre outros.

Foi apresentado na reunião, o Sistema de Gerenciamento das Ações do Biodiesel para as cooperativas. O sistema permitirá que a troca de informações a respeito da inserção dos agricultores familiares na cadeia do biodiesel seja realizada diretamente entre as cooperativas e o MDA.

Crescimento das cooperativas

Em 2006, eram quatro as cooperativas da agricultura familiar no PNPB. Em 2009, este número cresceu para 42 cooperativas que, responderam em 2009, por 68% das vendas de oleaginosas dos agricultores familiares para o PNPB, totalizando cerca de R$ 460 milhões comercializados.

Etanol

Projeto Biomas será lançado mundialmente durante COP 16 – Sítio Eletrônico da CNA – 29/11/2010

A presidente da CNA, senadora Kátia Abreu, mostra ao mundo o Projeto Biomas, no dia 5 de dezembro, em evento da COP 16, que começou nesta segunda-feira, 29 de novembro, em Cancun no México. O Projeto Biomas é uma parceria estratégica da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). A presidente da CNA estará acompanhada do pesquisador da Embrapa e coordenador técnico do projeto, Gustavo Ribas Curcio.
A iniciativa busca soluções técnico-científicas para a produção rural e proteção do meio-ambiente nos diferentes biomas brasileiros, incluindo a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, o Pantanal, o Cerrado, a Caatinga e o Pampa. Com duração de nove anos, a pesquisa focará o binômio preservação ambiental e produção agropecuária. Também tratará do plantio de árvores, que podem ser utilizadas como alternativa para a diversificação dos sistemas produtivos e na recomposição das áreas ambientalmente frágeis das propriedades rurais.
Leia mais sobre a COP 16.

EUAe China se confrontam na área de energia - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Economia – 22/11/2010

Estados Unidos e China encontraramnatecnologia eproducao deenergiasolareeolicaumnovo campo de confronto. Embora os chineses estejam na dianteira, pressionados pela demanda em expansao por eletricidade e pela necessidade de reduzir emissoesdegasespoluentes, ogoverno americano pretende incentivar essa area principalmente por suacapacidadedegeracaodeempregos locais. Nessa competicao, osdois paisesdirigemameacas deumadisputa emblemática na Organizacao Mundial do Comercio (OMC) sobre os subsídios concedidos ao setor.

Em meados de janeiro, o DepartamentodeComercioamericano deve concluir uma investigação sobre subsidios e outros incentivos contrarios as regras daOMCsupostamenteconcedidospela Chinaaos seus exportadores de produtos

vinculados a geracao de energia eolica e solar, debateriasavancadasedeveiculoseletricos.

AChinalideraaproducao mundial em todos esses itens e, da mesma forma como os EUA, tambem prepara uma acao na OMC contra a política americana para o setor.

Emoutubro,quandoainvestigacao do Departamento de Comercio foi aberta, a taxa de desemprego nos EUA continuava em 9,6%. Na ocasiao, o secretario de Comercio, Ron Kirk, assinalou ue esse e um setor vital para os EUA. "A tecnologia verde sera o motor gerador de empregos no futuro. Este governo esta comprometido em assegurar o campo de acao de trabalhadores americanos, de negocios e deempreendedoresnessa area."

Emumrecenteestudocomparativo, Richard Campbell, especialista em Politica Energética do Servico de Pesquisa do Congresso americano, mostrou que a China tem hoje capacidade de gerar, anualmente, 5.000 megawattsdeenergiaeolicae300megawatts de energia solar. No seu plano estrategico, esses potenciais deverao se elevar para 30 mil e 1.800 megawatts, respectivamente, ate 2020. Trata-se de uma capacidade adicional equivalente a um terco da geração brasileira em 2009. Nos planos do Departamento de Energia dos EUA, a capacidade de geracao de energia eólica deve saltar de 9.922 megawatts, em 2009, para 61 milmegawatts em2030. A energia solar foi fonte de 8.775 megawatts gerados em 2008 no pais, dos quais 800 megawatts por meio de painéis fotovoltaicos.Osetorevistonos EUAcomoa mais nova fronteira tecnologica, ao lado da informatica, e fonte de novas industrias e servicos. Em repetidos discursos, o presidente americano, Barack Obama, mencionou a capacidade de esse segmento gerar empregos que dificilmente serão exportados – em especial, a China – no futuro.

Atraso. Na corrida para impulsionarosetor, osEUAestaobem mais atrasados que a China, segundo o estudo de Campbell. Com uma politica industrial agressiva,Pequimconseguiudesenvolver no pais uma sofisticada industria de turbinas para geração eolica e de paineis voltaicos, alemda producaodepecas e partes. Tornou-se lider mundial do setor. Antes de 2005, com a Lei de Energia Renovavel, ambos os segmentos ja recebiam subsidios e incentivos fiscais, que foram engordados com a legislacao.

Os consumidores pagam um adicional de US$ 0,029 por quilowatt/hora para financiar as subvencoes ao setor de energia renovavel.

Sujeito a logica de mercado, ao contrario da China, os EUA tem nos altos custos os principais obstaculos ao desenvolvimento do setor. Mesmo com maioria democrata, Obama não conseguiu a aprovacao do Senado ao projeto de lei de Energia Limpa e Seguranca Americana.

Brasil contesta regras europeias para o etanol – Jamil Chade - Estado de São Paulo – Negócios – 04/11/2010

Usineiros brasileiros atacam a proposta de lei da Uniao Européia para estabelecer critérios ambientaisparaaentradadeetanol no mercado europeu e pedem que parte do projeto seja abandonado. Ontem, a Uniao da Industria de Cana-de-Acucar (Unica) questionou oficialmente a politica de Bruxelas para o comerciodo etanol e deixou claro que, se a UE seguir com seu projeto, o Brasil poderia levar o caso a Organizacao Mundial do Comercio (OMC).

Nessabriga,osusineirosbrasileiros ganharam o inesperado apoio de multinacionais europeias, como Shell e BP, que tem pesados investimentos no Pais.

AUE quer estabelecer uma lei que so permitiria a importação de etanol produzido de forma sustentavel.Oexportador brasileiro teria de provar queo etanol

representaeconomiadepelomenos 35% nas emissoes de CO2 em comparacao com a gasolina.

Na Alemanha, a exigencia ja começa a valer em 2011.

Por essas contas, o etanol de cana produzidonoBrasil nao seria afetado, ja que a reducao de emissoes de CO2 seria equivalentea71%. OqueoBrasiltemee queessenumerosejadepoismanipulado no Parlamento Europeu. "No Parlamento, nao e a cienciaque conduz oprocesso, e a politica. O numero final pode acabar sendo um leilao", afirmou o representante chefe da Unica para a Uniao Europeia, Emmanuel Desplechin.

Os usineiros brasileiros criticam tambem os estudos feitos pelaUE.Naopiniaodeles,aciencia nao esta madura para justificar uma nova legislacao e os resultadosdolevantamentodaUE mostram que as discrepâncias sobre o impacto ambiental do etanol sao tao profundasque desacreditam o proprio estudo.

"Qualquer politica publica baseada em resultados tao contestáveis poderia ser facilmente questionada na OMC", alertou Desplechin.

Ontem,emumdocumento de 16 paginas entregue aUE,os brasileiros pediram formalmente a revisao do calculo do impacto ambientaldoetanoleoadiamentodequalquerimposicao deleis.

"EstamosaoladodoBrasil nesse ponto e achamos que a proposta daUEpodesermuitoprejudicial para a construcao de um mercado global de etanol", afirmou Luis Scoffone, vice-presidente da Shell para energias alternativas.

RobVierhout, presidente da AssociacaodeBioetanoldaEuropa, admitiu que projeto da UE e falho. "O risco de briga naOMC ereal."Elechamouas exigências europeias de "prematuras"./ J.C.

Etanol levará vantagem com mudança nosEUA - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Internacional – 07/11/2010

O melhor resultado das eleiçõesparaoCongresso, doponto de vistadoBrasil, foi a saída do republicano Chuck Grassley, deIowa,daposiçãodevicelíder da Comissão de Finanças do Senado.

Ativo opositor da redução da tarifa de importação do etanol e das preferências comerciais a produtos do Brasil, Grassley será substituído por Orrin Hatch, de Utah, Estado sem tradição agrícola e crítico dos subsídios.

A mudança poderá anular uma série de pendências que há anos contamina a agenda Brasil-EUA. A convivência política entre os dois países a partir de 2011, quando Dilma Rousseff assume aPresidênciaeoCongressoamericanotomaposse, aindaéincerta.

O presidente dos EUA, BarackObama, telefonou para Dilma para cumprimentá-la e falou de seu "compromisso em aprofundar a cooperação bilateral e explorar novas áreas de colaboração".

Segundo analistas, essa agenda positiva depende de gestos e decisões que a presidente eleitatomará antesda posse.Em especial, a escolha do sucessor de Celso Amorim no Itamaraty. Do ponto de vista político, o cenário para a relação Brasil-EUA é ainda marcado pelas tensões criadas pela aproximação deBrasíliacomTeerã, epelo episódiodeHonduras.

SegundoPeter Hakim, presidente do Diálogo Interamericano, o Brasil certamente será alvo fácil de críticas do novo Congresso nas audiências das comissões de Relações Exteriores das duas Casas.

Aexpectativa da Brazil Industries Coalition (BIC) é que o novo Congresso prorrogue as tarifas de importação reduzidas para 3.379 produtos brasileiros. O benefício vai expirar em dezembro. Mas,comumaComissão de FinançassemodomíniodeGrassley ecoma presença desenadores mais favoráveis à liberalização comercial, a aprovação deve ocorrersemproblemas, ede forma retroativa a dezembro.

AUnião daIndústriadeCanade-Açúcar (Unica) acredita que a tarifa adicional de importação doetanoleosubsídio para amisturadoálcoolàgasolinavãoexpirarnofinaldedezembro, semrenovação.

AsubstituiçãodeGrassley porHatchserá notada nessa questão.ApresençamaiornoSenado de republicanos favoráveis àreduçãododéficitpúblicotambém terá impacto. Os subsídios aoetanoldemilhocustamUS$6 bilhões ao ano. Há expectativa noItamaratyenossetoresprivados brasileiros de uma solução, em 2012, para os subsídios dos EUA ao algodão.

Comdólaremqueda, EUAexportam etanol - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Economia – 16/11/2010

Subsídios e proteção comercial, além de uma obrigatória mistura à gasolina, continuam a ser os ingredientes dosEUApara avançar no mercado mundial de etanol. O

país ultrapassou o Brasil como maior produtor mundial do combustível limpo em 2006.

Neste ano, gracas especialmente ao dolar desvalorizado, vao se aproximar da liderança brasileira dessas exportações (uma consultoria, a F.O. Licht, diz que os EUA passaram o Brasilnoprimeirosemestre, masoutros estudos dizem que a ultrapassagem ainda nao ocorreu).

Dejaneiro asetembro,949milhoes de litros de etanol foram embarcados, inclusive para o Brasil, responsavel pelo fornecimento de 1,330 bilhao de litros ao exterior. “Preferimos nao exportar e atender a demanda domesticaemcrescimento.

Queremosserumsetor exclusivamente nacional, que gera empregos nopaisesemostracapazdeabastece- lo”, disse Matt Hartwig, diretordeRelacoesPublicasdaAssociacaodeCombustiveisRenovaveis (RFA, na siglaemingles).

Mas, este ano, as movimentações do setor mostraram uma ineditapreferenciapelaexportacao.

A Uniao da Industria de Cana-de-Acucar (Unica) esta cientedequeaconcorrenciaamericana nao sera apenas esporadica e, por enquanto, nao reclama. Nas contas da RFA, as exportações americanas devem somar 1,247 bilhao de litros em 2010, contra a estimativa da Unica de embarque de 2,750 bilhoes de litros de etanol brasileiro.

“OsEUApodemsetornarapenas exportadores ocasionais de etanol, como acontece neste ano. Com a perspectiva de demandainternaamericana, emuito dificil imaginar essa lideranca”, afirmou Marcos Jank, presidentedaUnica, emWashington.

“OBrasileounicoPaisemcondicoes de ser exportador estrutural de etanol. Mas isso depende da reducao do protecionismo, a comecarpela eliminacaoda tarifa de importacao e do subsidio com que os EUA beneficiam seu setor de etanol”, completou.

Arrancada. A producao americana de etanol deuumaarrancadaapartirde2006, gracasaocusto de capital baixissimo, a decisão do governo de obrigar a mistura de 12,5 bilhoes de galoes a gasolinaaoano,atarifadeimportacao de US$ 0,54 por galao, ao subsidio de US$ 0,45 por galão misturadoagasolinaeassubvencoes a producao de milho. Os EUA hoje abrigam 200 usinas, responsaveis pela producao de 40,1 bilhoes de litrosem2009.O volume foi mais do que o dobro da fabricacao total nas 400 usinas brasileiras no periodo, de 17,7 bilhoes de litros. Em artigo, o presidente da RFA,TomDinneen,tratouolimite de adicao de 10% de etanol a gasolina como uma “barreira interna” ao setor. A demanda domesticaamericana,

Hojeestacionada nos 12,5 bilhoes de galões anuais, tem potencial de atingir 47,2 bilhoes ou ate 51,0 bilhoes antes de 2022, em seus calculos, se o limite for elevado. Hoje, a industria americana do etanol tem capacidade de atingir a produção de 47,2 bilhoes de galoes e ainda conta com projetos que a expandiriaemmais 1,2 bilhao de galoes, informou Dinneen.

Para isso, o Departamento de Energiateradeaprovarademandapelaelevacaodolimitedeadicao a15% ou atemesmoa 20%.A medida esta emfase de estudos, que envolvem testes nos carros americanos, e nao tem prazo para ser concluida. Mas, uma vez postaempratica, restringiraacapacidade

exportadora americana.

Alem disso, sempre havera a limitacao dada pela safra de milho, destinada em boa parte ao setor produtor de carnes.

Preço. Hartwig reconhece que o continuo aumento dos preços do milho tera interferencia na producaoena exportacao futura de etanol. Neste ano, a cotação internacional do milho cresceu 39%.Acolheitadaterceiramaior safra de milho da historia em 2011 alimenta a previsao de preços menores no proximo ano.

Mas,comolembraJank,oetanol da cana continua a ter uma produtividade por hectare duas vezes maior do que o demilho.

Odolar desvalorizado, segundoo diretor da RFA, foiumamotivacaoespecialparaosetorbuscar o mercado externo.Aimportacao do produto pelo Brasil deveu-se ao aumento da demanda domestica no primeiro semestre, somado a umasafra menore aodolar desvalorizado.Segundo a Unica, essas compras sao sempre esporadicas. Em setembro, nao aconteceram.

Omercado interno, entretanto, e umfator ainda decisivo para o comercio exterior de etanol de ambos os concorrentes. Em 2008, por exemplo, a quebra da safra de milho obrigou os EUA a importar 1,519 bilhao de litros de etanol do Brasil. Em 2006, quando foi adotada a mistura obrigatoriaagasolina,aimportacao do combustivel brasileiro atingiu 1,749 bilhao de litros.No ano passado, essa compra foi de apenas 270 milhoes.

Mesmo ocasional, a briga entre Brasil e EUA pelo mercado internacional de etanol tera no custo de producao o seu fator preponderante. Segundo Joel Velasco, representante da Única para a America do Norte, ate 2009,oetanolbrasileiroalcancava o porto de Nova York a um preco de US$ 1,85 por galao, enquanto o custo final do americano era de US$ 2,15. Mesmo sem tarifas e subsidios, o preco do combustivel brasileiro custaria US$ 0,06 a mais que o americano, nas contas da RFA.

Etanol pode perder subsídio e proteção tarifária - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Nacional – 16/11/2010

Oetanolamericanocorreorisco de perder, a partir de 1º de janeiro, a protecao tarifaria e o subsidio para sua adicao a gasolina.

Comavitoriadopartidorepublicano nas eleicoes de novembro para o Congresso, os US$ 6 bilhoes destinados anualmente ao setor,emsubvencao,eatarifade importacao de US$ 0,46 por galão tendem a ser eliminados. Se isso acontecer, a competitividadedo etanol americano caira, e a Capacidadedeproducaobrasileira tendera a se expandir.

A briga entre o lobby brasileiro e o americano no Congresso dos Estados Unidos tem sido intensa.

Ate o dia 3 de dezembro, os parlamentares devem chegar aumacordo final sobreos projetos pendentes que serao aprovados nesse ultimo mes de seus mandatos.

AUniao daIndustriadeCanade-Acucar (Unica) trabalha para que nao entrem nesse pacote as prorrogacoes da tarifa deimportacao e da taxa adicional de US$ 0,54porgalaoaoetanol,quecorresponde ao valor pago pelo governoamericanoaoprodutorcomo subsidio para a mistura do combustivel a gasolina.Aexpectativa tambem e de corte dessa mesma subvencao ao produtor.

Déficit fiscal. Dessa forma, tanto a protecao comercial quanto osubsidiodeixariamdevigorara partir de janeiro. Como o Congresso que tomara posse nesse mes tera maior participacao republicana, aUnicaconsideradificilumarevisao da decisao de dezembro.

Osrepublicanossevaleram de um forte discurso em favor da reducao do deficit fiscal dopais,combasenareducaodos gastos publicos. Os subsidios de US$6 bilhoes ao ano dificilmente\ retornariam a pauta.

Os lobbies americanos, especialmente a Associacao de Combustíveis Renovaveis (RFA), atuamparaaprorrogacaodatarifa e dos subsidios. Ou, pelo menos, a equiparacao do valor da subvencao ao da tarifa, de US$ 0,45, como informou Matt Hartwig, diretor de Relacoes Publicas da RFA. Hartwig insistiu que a taxa adicional de US$ 0,54 na importacao do etanol e umaforma de anular o subsidio que o produtobrasileirotambemrecebe do governo americano ao ser misturado a gasolina. Por isso, na sua tatica em Washington, a Unica defende a eliminacao de ambos, tarifa e subsidios. “Ficaremos desapontados se nao houver a prorrogacao”, afirmouHartwig. “Isso resultaraem queda na producao, no aumento das importacoes e na perda de empregos em um momento em que os EUA buscam desesperadamente criar postos de trabalho.”

Para o Brasil, essa sera a chance de tornar-se um “exportador estrutural” de etanol, segundo Marcos Jank, presidente da Unica.Conformeinformou, a entidade esta em contato com o governodetransicao para discutirumnovo ciclo de investimento na expansao da producao brasileira de etanol e as mudanças resultantes da crise economica. Cercadeumquintodosetormudou de maos nos ultimos dois anos. Porem, qualquer decisão do futuro governo de Dilma Rousseff sobre o tema dependera do que o Congresso americano dira sobre tarifa e subsidio ao etanol ate 3 de dezembro.

“O setor de etanol ainda esta atado ao mercado interno por causado protecionismo. Por enquanto, ecomoa jabuticaba,que so existe no Brasil”, afirmou Jank. “Mas, se o mundo falar serio sobre mudanca climatica e derrubar as barreiras comerciais, o etanol pode deixar de ser jabuticabaevirarumacommodity”, completou.

Futuro do setor de bioenergia requer tecnologia e inovação - JOSÉ CARLOS GRUBISICH – Folha de São Paulo – Mercado – 05/11/2010

O debate global sobre segurança energética e mudanças climáticas tem tornado o setor de bioenergia brasileiro cada dia mais estratégico.
Nos últimos anos, o segmento consolidou seu potencial nacionalmente e, por sua competência, abre oportunidades no mercado internacional, assegurando a liderança na produção de energia limpa e renovável. Hoje, o setor passa por uma mudança em seu modelo de negócio, no qual as operações agroindustriais são fortemente integradas e combinam competitividade e sustentabilidade.
As unidades incorporaram tecnologias agrícolas de última geração, com a total mecanização das operações e novas variedades de cana com alta produtividade, aliadas a inovações na área industrial, com moderna automação, alta eficiência dos processos e consumo otimizado de recursos naturais.
Após dobrar de tamanho nos últimos quatro anos, o setor tem um potencial significativo de crescimento pela frente e um novo ciclo de investimentos deverá ser realizado pelas empresas brasileiras para acompanhar a demanda crescente no Brasil e no mundo.
Nesse cenário, é importante que esse crescimento seja acompanhado pelo desenvolvimento de tecnologias inovadoras e sustentáveis que agreguem valor aos processos e produtos do segmento para garantir rentabilidade e perenidade no médio e longo prazos. A inovação e a tecnologia serão determinantes para o Brasil continuar liderando a dinâmica do setor de bioenergia.
Hoje, existe um movimento internacional acelerado de investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) focado em tecnologias de ruptura para aproveitar melhor a biomassa e criar produtos, como o plástico verde lançado recentemente pela Braskem.
Estados Unidos e Europa, além de emergentes como China e Índia, já anunciaram a ambição de desenvolver tecnologias ligadas à valorização da biomassa.
Nesse intenso ritmo de investimentos, é importante que o Brasil mobilize esforços dos setores público e privado e, por meio das universidades e de centros de excelência tecnológica, como o Centro de Tecnologia Canavieira e a Embrapa, defina um programa ambicioso de P&D.
Os recursos financeiros disponíveis -BNDES, Finep, Fapesp- contribuirão para que o país não perca as oportunidades do uso eficaz e sustentável da biomassa brasileira, a mais competitiva do mundo.
O Brasil reúne as competências técnicas e humanas, mas o que o manterá à frente será sua capacidade de inovar.
Se o país deseja garantir a liderança no setor de energia limpa e sustentável e agregar valor à biomassa na indústria química e bioquímica, grandes esforços e investimentos em novas tecnologias devem ser realizados de forma contínua, ousada e estruturada.

JOSÉ CARLOS GRUBISICH é presidente da ETH Bioenergia.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ • Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrrj.br
Sítio eletrônico: www.ufrrj.br/cpda/oppa

Apoio

CNPq actionaid FAPERJ NEAD Ministério do Desenvolvimento Agrário